

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**UMA ANTROPOLOGIA DA EXPERIÊNCIA AMOROSA:  
ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE SEXUALIDADE**

ANDREA FACHEL LEAL

ORIENTADORA:  
PROFESSORA DOUTORA DANIELA RIVA KNAUTH

PORTO ALEGRE, JANEIRO DE 2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**UMA ANTROPOLOGIA DA EXPERIÊNCIA AMOROSA:  
ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE SEXUALIDADE**

ANDREA FACHEL LEAL

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM  
ANTROPOLOGIA SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO  
SUL COMO REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE  
EM ANTROPOLOGIA.

ORIENTADORA:  
PROFESSORA DOUTORA DANIELA RIVA KNAUTH

PORTO ALEGRE, JANEIRO DE 2003

# **Uma Antropologia da Experiência Amorosa: Estudo de representações sociais sobre sexualidade**

## **Resumo**

O tema desta pesquisa são concepções e práticas de iniciação sexual-afetiva de jovens moradores de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador (Brasil). O meu objeto de análise são representações sociais destes jovens entrevistados acerca de suas experiências afetivas, amorosas e/ou sexuais, a partir de suas narrativas sobre sua primeira experiência amorosa. Entendendo que os significados que estruturam e são atualizados nas relações afetivas e nas práticas sexuais dos jovens são fornecidos pela cultura, investiguei em que medida as relações de gênero e os diferenciais dados pelo pertencimento a diferentes segmentos sociais (popular ou médio/alto) determinam diferenças nas representações destes jovens acerca da sexualidade. As principais conclusões apontam para a existência de sistemas de significados sexuais diferenciados, em primeiro lugar, pelas relações de gênero e, em segundo, pelo segmento social. Mulheres e homens falam de suas relações amorosas e de sexo de maneiras distintas: os discursos femininos centram-se na contextualização afetivo-romântica de suas relações, enquanto os discursos masculinos enfocam a capacidade técnica-corporal para o desempenho do ato sexual. O material aqui analisado constitui uma parte dos dados oriundos de uma etapa qualitativa de um projeto de pesquisa intitulado "Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil" (GRAVAD), desenvolvido pelo IMS-UERJ, MUSA-UFBA e NUPACS-UFRGS.

**Palavras-chave:** sexualidade; representações sociais; gênero; juventude; antropologia urbana; método quantitativo / qualitativo

# **An Anthropology of the Loving Relationship: A study of social representations of sexuality**

## **Abstract**

This research is about the sexual and loving conceptions and practices of young residents of the cities of Rio de Janeiro, Salvador and Porto Alegre (Brazil). I analyse the affectionate, loving and sexual social representations these young interviewees have, based on their discourses about their first loving relationship. I assume that the meanings that structure and shape the loving relationships and sexual practices are culturally given; in this way, I have examined to what extent the gender relationships and the different social strata to which one belongs (popular or middle/upper) determine different representations of sexuality. The main findings point to the existence of different systems of sexual meanings, with differences given first by the gender relationships and, secondly, by social strata. Women and men talk about their sexual and loving relationships differently: the female discourses are mainly focused on the affectionate and romantic context of their relationships, while the male discourses are centered on the bodily techniques for the performance of the sexual act. The data analyzed in this dissertation is part of the research material gathered in a qualitative stage of a bigger research project, called "Teenage Pregnancy: Multi centric Study of Youth, Sexuality and Reproduction in Brazil" (GRAVAD), developed by the IMS-UERJ, the MUSA-UFBA and the NUPACS-UFRGS.

**Key words:** sexuality, social representations, gender, youth, urban anthropology, quantitative and qualitative methodology

# SUMÁRIO

<b>PRELIMINARES .....</b>	<b>3</b>
<b>SEXUALIDADES JUVENIS: CONSTRUINDO UM OBJETO .....</b>	<b>8</b>
REPRESENTAÇÃO SOCIAL .....	9
DEFININDO SEXUALIDADE .....	12
<i>Sexualidade e Ciências Sociais</i> .....	16
JUVENTUDE OU ADOLESCÊNCIA .....	24
GÊNERO .....	30
CONSIDERAÇÕES SOBRE SEGMENTO SOCIAL E SEXUALIDADE, JUVENTUDE E GÊNERO.....	34
<i>Sexualidade</i> .....	37
<i>Juventude</i> .....	38
<i>Gênero</i> .....	40
<b>SEXO COMO FATO SOCIAL .....</b>	<b>42</b>
A SEXUALIDADE COMO OBJETO .....	42
UM OLHAR ANTROPOLÓGICO NA CONTEMPORANEIDADE .....	49
MUITAS ENTREVISTAS, VÁRIOS ENTREVISTADORES.....	55
UMA ANTROPOLOGIA DO AMOR? .....	58
SOBRE A POSIÇÃO DO PESQUISADOR E DE SEU OLHAR SOBRE OS DADOS .....	63
<b>AMORES, NAMOROS E SEXO: UM PROJETO DENTRO DE UM PROJETO .....</b>	<b>66</b>
O PROJETO GRAVAD.....	66
A ETAPA QUALITATIVA DO PROJETO GRAVAD .....	68
DADOS GERAIS SOBRE O CONJUNTO DOS ENTREVISTADOS .....	71
O PROCESSO DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS .....	76
<i>Olhando os dados sob o prisma de gênero</i> .....	77
<i>Os dados sob o prisma de segmento social</i> .....	78
<i>Tipologizando as experiências</i> .....	79
A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA AMOROSA NA VISÃO DOS JOVENS ENTREVISTADOS .....	83
<b>MENINAS, MULHERES E AMORES.....</b>	<b>87</b>
NÃO PODE SER SÓ SEXO, TEM DE TER SENTIMENTO.....	88
HOMENS E MULHERES SÃO DE NATUREZAS DISTINTAS.....	94
O QUE AS MULHERES APRENDEM COM OS HOMENS.....	98
<i>ELA SÓ QUER, SÓ PENSA EM NAMORAR...</i> .....	103
O PRIMEIRO AMOR E O PRIMEIRO BEIJO .....	105
O PARCEIRO IDEAL .....	111
QUANDO ELAS TOMAM A INICIATIVA .....	113

<b>MENINOS, HOMENS E SEXO.....</b>	<b>115</b>
APRENDENDO UMA TÉCNICA CORPORAL: A RELAÇÃO SEXUAL .....	116
A QUEM CABE A INICIATIVA? .....	119
A INVERSÃO DA ORDEM.....	122
UMA “QUESTÃO DE HONRA” .....	128
O QUE FAZ UM HOMEM.....	129
ESQUECER PARA SER HOMEM.....	133
UMA EXPERIÊNCIA AFETIVA: NAMORO, AMOR E PAIXÃO .....	137
FICANDO POR “OBRIGAÇÃO” .....	139
APRENDENDO COM UMA PROFISSIONAL OU COM UMA AMIGA.....	142
A VIOLÊNCIA E O ABUSO SEXUAL .....	145
<b>ACABANDO .....</b>	<b>150</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>154</b>

## Preliminares

A pesquisa aqui apresentada tem por temática básica concepções e práticas de iniciação sexual-afetiva de jovens moradores de grandes centros urbanos. Esta pesquisa visa analisar parte dos dados oriundos de um projeto de pesquisa intitulado “Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil”<sup>1</sup>, de ora em diante referido simplesmente como GRAVAD. Os dados aqui analisados provêm de uma etapa qualitativa do projeto GRAVAD e dizem respeito, mais especificamente, aos relatos sobre a primeira experiência amorosa dos entrevistados.

O objeto desta pesquisa são *representações sociais* contemporâneas dos jovens de três capitais brasileiras acerca de suas experiências afetivas e/ou sexuais, a partir de suas narrativas sobre sua primeira experiência amorosa. Busca-se compreender, no discurso destes jovens sobre sua *primeira experiência amorosa*, o sistema de significados que estrutura e é atualizado nas suas relações afetivas e nas suas práticas sexuais. Entendendo que estes significados são fornecidos pela cultura, investigo aqui em que medida os diferenciais de gênero e de segmento social determinam diferenças significativas nas representações sobre sexualidade dos jovens. Foram consideradas também, quando pertinente, as diferenças em termos de contextos regionais.

As comparações foram feitas portanto em três níveis, em termos de gênero, de segmento social e de região geográfica. Não foi possível, dadas as limitações temporais que condicionam o trabalho, considerar ainda outros termos de comparação, apesar da riqueza de dados de que dispunha. A opção por focar a

---

<sup>1</sup> O projeto “Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil” (Pesquisa GRAVAD) foi elaborado originalmente por Maria Luiza Heilborn (IMS/UERJ), Michel Bozon (INED, Paris), Estela Aquino (MUSA/UFBA), Daniela Knauth (NUPACS/UFRGS) e Ondina Fachel Leal (NUPACS/UFRGS). A pesquisa está sendo realizada por três centros de pesquisa: Programa em Gênero, Sexualidade e Saúde do IMS/UERJ, Programa de Estudos em Gênero e Saúde do ISC/UFBA e Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde da UFRGS. O grupo de pesquisadores compreende Maria Luiza Heilborn (coordenadora), Estela Aquino, Daniela Knauth, Michel Bozon, Ceres G. Victora, Fabíola Rohden, Cecília McCallum,

análise implica algumas perdas, é claro, mas almeja sempre uma análise mais aprofundada daquilo sobre o qual o trabalho se centra.

No primeiro capítulo desta dissertação, *Sexualidades juvenis: construindo um objeto*, faço uma discussão da sexualidade como objeto de estudo, apresentando o quadro conceitual e teórico que mapeia a análise e interpretação dos dados. Fiz a opção de apresentar este quadro à parte, buscando fazer uma análise mais cuidadosa de alguns conceitos-chave, para que este fosse uma espécie de referência sobre a qual apóio as interpretações apresentadas em outros capítulos. Discuto então as noções de *representação social*, *sexualidade*, *juventude*, *adolescência* e *gênero*; faço ainda uma consideração sobre a relação entre diferentes universos culturais (dados aqui pelo pertencimento a diferentes segmentos sociais) e a sexualidade, a juventude e o gênero.

Os procedimentos metodológicos adotados na presente pesquisa estão descritos de forma geral no capítulo seguinte, *Sexo como fato social*, onde discuto algumas questões relevantes para o tema a ser abordado, o da sexualidade. Reviso neste capítulo outros estudos sobre sexualidade no campo das Ciências Sociais e como este tema, da ordem do íntimo e do individual, pode e, de fato, tornou-se alvo legítimo do olhar antropológico. A relação sexual, e tudo o mais que a envolve, a sexualidade no seu sentido mais amplo, é antes de tudo uma *relação social* envolvendo relações de poder, hierarquias, expectativas e significados sociais. No meu entender, a sexualidade é um campo privilegiado para a análise do social, um microcosmo do social onde se atualizam identidades de gênero, pertencimentos de classe, trajetórias sociais.

O fato social, no sentido durkheimiano, está para além de sentimentos e ações individuais, pertencendo à esfera do coletivo; como tal, obedece a regras construídas e consensuadas pelo social. A sexualidade, entre outras atividades ou vivências humanas, em seu sentido mais amplo, seria uma forma de pensar e sentir que se caracteriza por ter uma existência que está para além das consciências individuais. A sexualidade é um domínio da vida social em que o indivíduo é levado a agir de acordo com um conjunto de disposições previamente estabelecido e fundado nas representações sociais.



O capítulo *Amores, namoros e sexo: um projeto dentro de um projeto* apresenta brevemente o projeto GRAVAD e explicita em maiores detalhes uma de suas etapas, a etapa qualitativa da pesquisa. Assim, localizo e contextualizo os dados sobre os quais me debrucei nesta dissertação e explico qual o meu próprio projeto de análise para estes dados neste estudo. Neste capítulo, portanto, dou conta do universo empírico do presente estudo, qualificando-o. Como, diferente de um estudo etnográfico tradicional, esta pesquisa está abrangendo uma população heterogênea e metodologicamente trabalha com a interface entre a abordagem qualitativa e quantitativa, uma questão importante a ser abordada são os procedimentos de transformar um conjunto de dados — falas na forma de textos transcritos — em tipologias. Abordo este procedimento no capítulo *Amores, namoros e sexo*.

Os dois capítulos seguintes, *Meninas, mulheres e amores* e *Meninos, homens e sexo*, analisam as falas dos entrevistados a respeito de sua primeira experiência amorosa. Tendo a idéia da juventude como um processo e o conceito de *script* ou *roteiro sexual* em mente, a análise nesses dois capítulos parte de uma perspectiva de trajetórias afetivo-sexuais. Espero demonstrar que as diferenças entre os discursos masculinos e femininos são determinantes, sobrepondo-se a diferenças em termos de pertencimento a um segmento social e a diferenças regionais, em tudo aquilo que qualifica a relação sexual enquanto relação social, seja esta pensada como uma relação amorosa ou como um ato sexual.

O chamado *amor paixão*, tão presente, como se verá, nas repetidas representações femininas analisadas nesta dissertação, seria o modo feminino socialmente determinado de representar a sexualidade — apesar dos indivíduos vivenciarem este *amor paixão* como sendo um rompimento do código social, como sendo aquilo que não obedece a regras. No caso dos homens jovens, sujeitos deste estudo, a sexualidade aparece despida de expectativas românticas, no domínio da corporalidade ou na representada subalteridade dos sentimentos aos desígnios e pulsões corporais — do *sexo*. Aqui, igualmente, este corpo age em acordo com aquilo que é percebido como socialmente legítimo e constitutivo da própria identidade masculina<sup>2</sup>. Em sua *História da Sexualidade*, Foucault trata do *dispositivo*

---

<sup>2</sup> Uma análise do modo com que o mundo social imprime nos corpos e nas atividades dos sujeitos um verdadeiro programa de percepção, apreciação e ação, fazendo do corpo um suporte simbólico

*da sexualidade*, e indica o quanto as noções de sexo e sexualidade são histórica e socialmente construídas — “devemos pensar que um dia, talvez, numa outra economia dos corpos e dos prazeres, já não se compreenderá muito bem de que maneira os ardis da sexualidade e do poder que sustêm seu dispositivo conseguiram submeter-nos a essa austera monarquia do sexo. . .” (FOUCAULT, 1988: 149).

Concluo indicando que a partir da análise dos dados se percebeu diferentes sistemas de significados sexuais, diferenciados pelas relações de gênero e de segmento social. Quando homens e mulheres falam de sexo, não estão falando de sexo no mesmo sentido nem da mesma maneira. Enquanto os discursos femininos se centram na contextualização afetivo-romântica das suas relações, os discursos masculinos enfocam a capacidade técnica-corporal para o desempenho do ato sexual.

Devo mencionar ainda que todas as traduções que figuram nesta dissertação, quando a obra não teve publicação em português, foram feitas por mim de maneira livre, visando maior clareza e fluidez do texto.



Não poderia deixar de referir alguns agradecimentos. Em primeiro lugar, agradeço à minha professora orientadora, Daniela Riva Knauth, mestre e amiga incansável, com uma disposição e acolhidas que parecem sem fim. É com imensa satisfação que concluo um estudo sob sua orientação, tendo sido ela, quando ainda era uma estudante de mestrado e eu iniciava o curso de graduação, quem me levou às primeiras idas a campo. Tenho também um enorme sentimento de gratidão e afeto pela professora e amiga Ceres Gomes Víctora, sempre tão dedicada, carinhosa e paciente.

Agradeço a todos os colegas de turma, esta turma que sempre tornou, com seu bom-humor e dedicação, todas as aulas e discussões acadêmicas mais

---

privilegiado das significações e valores que estão de acordo com uma “visão falocêntrica” do mundo, encontra-se em *A dominação masculina*, de Bourdieu (1995). A força simbólica das representações coletivas se deve ao fato de que constrói, registra e ratifica de forma objetiva esta visão do mundo, construindo socialmente a percepção tanto dos órgãos sexuais quanto do ato sexual. A importância da *sexualidade* faz com que o grupo imponha uma definição do que sejam os usos legítimos do corpo, diferenciando os sexos socialmente. (BOURDIEU, 1995). Não levarei adiante as análises de Bourdieu, limitando-me a referi-las aqui, em função das limitações temporais a que está sujeito este estudo.

divertidas e produtivas; e agradeço a todos os professores do curso, muitos dos quais me conhecem de longa data, que sempre foram mais do que tutores e que foram fundamentais em minha formação, pelas aulas e pela dedicação.

Esta pesquisa e a escrita desta dissertação só foram possíveis mediante o apoio do CNPq e do NUPACS/UFRGS, através de concessão de bolsa de estudos e de suporte material e técnico. Os seminários de tese organizados pelo NUPACS/UFRGS constituíram espaço fundamental para as análises e interpretações aqui apresentadas. Agradeço, assim, a todos que participaram das discussões e, em especial, ao professor Veriano Terto Júnior e à colega e amiga Elizabeth Zambrano.

Por fim, agradeço às pessoas que me fizeram ser o que sou e que sempre me ensinaram, a cada dia, alguma coisa nova: meus pais, Ondina e César, meu avô, José Fraga Fachel, meu esposo, Roberto e meu filho, Augusto.

A ilustração na capa é parte de uma pintura em acrílico sobre tela da artista plástica brasileira Alba Cavalcanti (1991) intitulada *Gafieira Coração de Ouro*.

"GAFIEIRA CORAÇÃO DE OURO", ACRÍLICO S/ TELA, 72 X 90 cm, 1991



ALBA CAVALCANTI

## Sexualidades juvenis: construindo um objeto

A pesquisa aqui apresentada tem por temática básica a sexualidade de jovens moradores de grandes centros urbanos. O objeto desta pesquisa são *representações sociais* contemporâneas dos jovens de três capitais brasileiras acerca de suas experiências afetivas e/ou sexuais, a partir de suas narrativas sobre sua primeira experiência amorosa. Busca-se compreender, no discurso destes jovens sobre sua primeira experiência amorosa, o sistema de significados que estrutura e é atualizado nas suas relações afetivas e nas suas práticas sexuais. Entendendo que estes significados são fornecidos pela cultura, investigo aqui em que medida os diferenciais de gênero e de segmento social determinam diferenças significativas nas representações dos jovens sobre sexualidade.

A presente pesquisa toma como universo de análise os dados oriundos da primeira etapa do projeto *Gravidez na Adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil* (de ora em diante referido simplesmente como projeto GRAVAD). Como o conceito de *representação social* é fundamental — sendo este o objeto da presente pesquisa — busco esclarecer neste capítulo o sentido deste termo e também o dos termos *sexualidade*, *juventude* e *gênero*. Ao final desta análise, busco explorar algumas relações entre os temas sexualidade, juventude e gênero com o pertencimento a diferentes segmentos sociais, como o popular e o das classes médias e alta. A minha opção portanto foi a de fazer uma análise mais minuciosa e cuidadosa destes conceitos neste capítulo, de modo a apoiar e melhor elucidar as interpretações dos dados que serão apresentadas nesta dissertação.

Devo, ainda, explicar que a presente pesquisa tem como marco teórico o chamado construtivismo social dado no enfoque da sexualidade, conforme desenvolvido inicialmente por John H. Gagnon (GAGNON, 1990; GAGNON & PARKER, 1995; LAUMANN & GAGNON, 1995; GAGNON, 1999).

## Representação Social

Buscando especificar o objeto de estudo das Ciências Sociais, diferenciando-o de outras áreas do conhecimento, como a Psicologia, Durkheim cunhou a expressão “representação coletiva”, ou *representação social*. Em artigo intitulado *Representações Individuais e Representações Coletivas*, Durkheim (1970) se propõe a elucidar o que sejam as representações coletivas utilizando-se de uma comparação, traçada a partir de uma analogia, entre leis sociológicas e leis psicológicas. Ele explica que os fatos sociais são ao mesmo tempo independentes, num certo sentido, dos indivíduos e exteriores com relação às consciências individuais.

As representações coletivas são a trama da vida social e sua origem está nas relações que se estabelecem entre os indivíduos que estão combinados de modo a formarem aquele agrupamento que chamamos de sociedade; as representações coletivas, produto das ações que se dão entre as consciências elementares que compõem a sociedade, não são derivadas diretamente destas consciências elementares e ultrapassam a estas. Para Durkheim, a marca da *obrigatoriedade* que os fatos sociais — as manifestações características da vida coletiva — carregam é prova de que estas maneiras de agir e de pensar são constituídas a partir de uma “potência moral que ultrapassa o indivíduo” (DURKHEIM, 1970: 33), não sendo produzidas pelo indivíduo que é por elas obrigado. A vida coletiva só tem existência no todo que é composto pela reunião dos indivíduos; os fenômenos que se produzem neste todo devem ser explicados pelas propriedades que caracterizam o todo, i.e. os fatos sociais devem ser explicados pela sociedade. A causa direta e imediata de uma representação social é a síntese de outras representações sociais já existentes, e não uma característica particular da estrutura social ou de um dos seus elementos.

O conceito de representação coletiva proposto por Durkheim visava enfatizar em primeiro lugar a primazia do pensamento social em relação ao pensamento individual. Segundo Herzlich, um estudo posterior, de autoria de Moscovici foi publicado em 1961 e elaborado no contexto de uma psicologia social. Este estudo de Moscovici sobre a representação social da psicanálise reformulou o conceito durkheimiano (HERZLICH, 1991).

O conceito de Moscovici partia, igualmente, da primazia do social, porém este autor buscava investigar o modo com que a realidade é construída através dos fenômenos da representação, construção esta operada também pelos sujeitos sociais. A representação não reflete, pura e simplesmente, a realidade, sendo antes uma construção desta que ultrapassa cada indivíduo e que é exterior a cada indivíduo. Moscovici além disto apontava que uma representação social é um modo de pensamento sempre ligado à ação, seja esta individual ou coletiva, porquanto a representação desempenha papel fundamental tanto no plano cognitivo quanto no simbólico (HERZLICH, 1991). A representação social é descrita por Moscovici como sendo uma possível característica de um grupo social; numa sociedade complexa, coexistem vários discursos diferentes com diversas origens e funcionamentos.

Seguindo a análise proposta por Durkheim, Herzlich afirma que estudos das representações sociais devem ter por objetivo esclarecer fenômenos coletivos (HERZLICH, 1991: 28). A explicação dos comportamentos individuais depende de outras variáveis, que estão para além das próprias representações sociais. O nível das representações é o nível mais geral, do código partilhado, da lógica comum subjacente a um conjunto de falas.

Depois de elencar críticas feitas ao seu próprio estudo, Herzlich fala do uso em geral nas Ciências Sociais que se passou a fazer da noção de representação, criticando a falta de rigor conceitual:

o retorno ao sujeito e ao sentido [constatada pela autora a partir do final da década de 70 no campo da Sociologia] conduz freqüentemente a uma imprecisão perigosa, o 'vivido' individual aparecendo como portador de virtudes inefáveis mas pouco explicitadas. A noção de representação, freqüentemente empregada de modo muito frouxo, tornou-se um tipo de metanoção comum a todas as ciências sociais — encontrando-se aliás até em colunas de revistas —, designando qualquer conteúdo ideativo e podendo aplicar-se incondicionalmente a qualquer objeto ou situação. [HERZLICH, 1991: 31]

A noção de representação social esbarra hoje num limite que parece ser difícil de superar: o da “generalidade do nível de análise que a noção constitui” (HERZLICH, 1991: 31). Outra limitação imposta pela noção está no acesso mesmo de que dispomos às representações: a representação é sempre mediada pela linguagem — estudos nas Ciências Sociais buscam apreender a representação por meio da análise de respostas dadas através da linguagem, verbal ou escrita.

Foucault, segundo Rabinow, contribui de maneira fundamental ao apontar maneiras para se analisar o pensamento como uma prática social e pública (RABINOW, 1986). Foucault trata a questão das representações como uma preocupação cultural geral, um problema que vem sendo elaborado por diferentes campos de saber desde a Idade Moderna. A questão de como distinguir representações corretas permeou muitos domínios e práticas sociais, que vão desde disputas na Botânica até propostas de reformas penais. A questão da representação não é exclusiva da Filosofia Moderna: ela está ligada a um conjunto amplo, díspare e inter-relacionado de práticas políticas e sociais que constituem o mundo moderno — um mundo que se centra em questões de ordem, da verdade e do sujeito.

Chartier (1991) demonstra que também os historiadores preocupam-se com o conceito de *representação* e sua relação com aquilo que os antropólogos chamam de cultura. Todas as práticas e todas as estruturas sociais são produzidas pelas *representações sociais*, representações que mediam (i) as relações entre os indivíduos e entre os grupos; (ii) as relações entre os indivíduos e grupos com o mundo, à medida em que dão sentido ao seu mundo; e (iii) as relações entre os indivíduos e os seus corpos e o espaço físico que ocupam.

Como Guinzburg (1987), Chartier (1991) enfatiza que o termo *representação* tem duplo sentido: indica uma ausência daquilo que é representado e assim faz a mediação do conhecimento do objeto real, que não pode ser acessado diretamente; apresenta publicamente uma pessoa ou coisa, sendo neste caso um símbolo. A representação indica, a um só tempo, *imagem presente e objeto ausente*.

Outra dualidade paradoxal do conceito de representação é assinalado por Jodelet (1993; 1997). Aqui, enfatiza-se que a representação social é uma representação de *qualquer coisa*, seja o objeto representado um objeto de existência real, duvidosa ou fictícia; importa não o objeto representado, mas a forma de existência de sua representação. Ora, a representação social ou coletiva é, simultaneamente, coletiva e individual, pois que é a representação de um qualquer e de qualquer um. As representações, assim, estão na interface do psicológico e do social, do individual e do coletivo.

Uma *representação social* é uma *forma de conhecimento*, segundo Jodelet (1993; 1997), que tem três características fundamentais. Primeiro, é uma forma de conhecimento socialmente produzida e partilhada, constituída a partir da

experiência, informações, saberes e modelos de pensamento recebidos e transmitidos através da tradição, educação e comunicação social. Segundo, a representação social organiza, estrutura e orienta as condutas e comunicações humanas. Por fim, é uma forma de conhecimento capaz de estabelecer uma visão de mundo partilhada por um agrupamento social ou cultural (JODELET, 1993: 22). Aqui reside a diferença entre o estudo das representações feito pela Psicologia Social e pelas Ciências Sociais: apenas este último campo investiga as condições sociais de produção e circulação de representações, e busca a finalidade das representações em suas características estruturais e processuais, explica Jodelet, em obra por ela organizada sobre o tema (JODELET, 1997).

Uma divisão que já tem profundas raízes nas Ciências Sociais e que é questionada por Chartier (1991) é a cisão entre as *objetividades das estruturas* e as *subjetividades das representações*. Uma tentativa de superar tal divisão envolve considerar os *sistemas de classificação e de percepção* como *instituições sociais*. As *representações coletivas* são estruturantes: elas incorporam as divisões sociais, por um lado, e são matrizes geradoras de práticas que constroem o mundo social, por outro. A idéia de representação coletiva articula três níveis: o da classificação (instrumento fundamental na construção social da realidade), o das práticas (forma de se fazer reconhecer uma identidade social) e o das instituições sociais (modo com que a existência de um grupo social é marcada objetiva e institucionalmente).

### **Definindo Sexualidade**

O primeiro termo cujo significado gostaria de especificar é *sexualidade*. Em termos de sua datação histórica, o termo *sexualidade* surge, segundo Foucault, no início do século XIX (FOUCAULT, 1998: 9-10); antes do surgimento do termo, já se encontram estudos sobre práticas sexuais, comportamento sexual e temas relacionados, datando desde pelo menos o século XVII. Foucault mostra que a sexualidade passa a ser um *valor* no século XX, independente de quais atos ou partes do corpo são tidos como *sexuais*. A preeminência do valor da sexualidade na cultura ocidental moderna é tal que se confere um “privilegio ontológico do sexo/sexualidade”, com freqüência mesmo nos estudos mais críticos ou reflexivos acerca da sexualidade, fazendo deste simplesmente um pressuposto não relativizado do estudo como um todo (DUARTE, 1987: 210).



Busco inicialmente uma definição operacional mínima do que pode ser dito *sexual*. Digo uma definição operacional porque esta deve ser compreendida apenas como um ponto de partida para a investigação, uma vez que o objeto de investigação desta dissertação são representações sociais acerca da sexualidade a partir do material coletado e analisado. Gostaria, em primeiro lugar, portanto, de enunciar condições suficientes e necessárias para que se possa afirmar que uma determinada atividade é uma atividade sexual — supondo, é claro, que estas condições me dariam uma definição mínima. Espero demonstrar a dificuldade de se definir o que seja a atividade sexual, de tal modo que a alternativa teórica que se apresenta será dada pela chamada abordagem construtivista. Ao final desta discussão, busco esclarecer que a sexualidade é tomada como incluindo os comportamentos ditos sexuais e o conjunto das idéias e significados sobre estes comportamentos.

De um modo geral, usa-se em português contemporâneo o termo *sexualidade* para o conjunto dos fenômenos relacionados à vida sexual, i.e. àquilo que se entende por sexo, ato sexual, desejo sexual (e sua expressão), prazer sexual, fantasia sexual, partes do corpo que são consideradas sexuais, comportamento sexual. Cabe aqui uma breve discussão sobre a construção de um conceito por parte da pesquisa.

O conceito de sexualidade que aqui pode ser apresentado não pode pretender ser um conceito universal, imutável e perene. Este conceito deve ser ao menos um ponto de partida na formulação de questões e interpretação de dados.

A formulação do que seja a sexualidade ou um ato sexual revela-se de imediato um empreendimento difícil. Dizer que uma ação é sexual porque envolve partes do corpo que são consideradas sexuais é insatisfatório: qualquer parte do corpo pode ser considerada sexual, tudo depende do contexto em que se faz uso dela. Por isso mesmo um exame ginecológico em um consultório médico, no Brasil contemporâneo, por exemplo, não é uma ação sexual, ainda que envolva partes do corpo consideradas sexuais (vagina e seios).

Outras ações envolvendo a genitália podem ser mencionadas, a título de exemplo, como as operações rituais de higienização do pênis através do

sangramento, dentre os Arapesh de Ilahita<sup>3</sup>, descritas por Tuzin (1980: 74-7; 1995: 266) e as práticas que envolvem a *fellatio* na iniciação masculina dos meninos da Sambia e Etoro na Nova Guiné<sup>4</sup>, descritas por Herdt (1981). Nestes dois exemplos, o que predomina são as idéias de pureza ou purificação e a de tornar-se (ritual e socialmente) um homem — estas ações não estão relacionadas portanto fundamentalmente a significados sexuais.

Uma segunda via de formulação do que seja uma ação sexual seria pensar nas conseqüências possíveis de um ato, o que significa, neste caso, dizer que um ato é sexual porque ele é potencialmente reprodutivo, i.e. ele pode, ao menos em potência, gerar uma vida humana. Esta formulação, está claro, é muito pobre, pois (i) exclui atos que podem ser considerados sexuais e que são concomitantes ou precursores à cópula, (ii) exclui a masturbação e (iii) aplica-se exclusivamente a relações sexuais entre homens e mulheres, deixando de fora assim relações entre pessoas do mesmo sexo. Mesmo que se fizesse correções a esta formulação, ela em última instância ainda excluiria atividades que, mesmo não sendo semelhantes ao coito ou seus concomitantes, são consideradas hoje em dia perversões sexuais (como acariciar sapatos ou mexas de cabelos) e seria problemática por sugerir que atos homossexuais são sexuais apenas na medida em que se assemelham suficientemente a atos heterossexuais.

Outra forma de tentar definir o ato sexual é pensar que são atividades chamadas sexuais em virtude do tipo de prazer ou sensação que produzem. Nesta formulação a questão conceitual aparentemente fica deslocada para o problema de definir o que é o prazer sexual. Uma primeira dificuldade aqui, se a atividade é dita sexual porque resulta em prazer sexual, é que apenas atos prazerosos serão ditos sexuais. Se a relação não foi prazerosa então não é um ato sexual? Outra

---

<sup>3</sup> Tuzin explica que esta operação é parte fundamental dos rituais de passagem aos quais são submetidos os meninos. Seus pênis são cortados ritualmente e o sangramento (da glândula do pênis e da uretra) supostamente livra os seus corpos de essências maternas e femininas — se não houvesse esta purificação, eles não chegariam a uma maturidade masculina completa. A operação é realizada depois pelos homens adultos ao longo de suas vidas sexualmente ativas (neles próprios), sempre que acreditarem que elementos femininos poluidores se acumularam de modo a dificultar ou impedir suas atividades mágicas. Os homens referem-se a este procedimento como a sua “menstruação”.

<sup>4</sup> Os meninos são iniciados cerimonialmente, segundo Herdt, depois de separados de suas mães. Os meninos, com idade em torno de sete a doze anos, devem praticar a *fellatio* em homens mais velhos e não-casados até que estes homens tenham um orgasmo, engolindo depois o sêmen ejaculado. O sêmen é considerado algo nutritivo, uma substância masculina, e que os meninos precisam ingerir para chegar à sua maturidade. A iniciação não apenas separa os meninos das meninas, mas polariza

dificuldade está em estabelecer que tipo de prazer sexual é este e para quem – a formulação exclui a possibilidade de que haja uma diferença, por exemplo, de gênero quanto ao modo de experienciar e/ou conceber o prazer sexual (ou uma diferença individual que faça com que algumas pessoas concebam a dor em algumas circunstâncias como sexualmente prazerosa, e.g. sado-masiquismo).

Pensar que a atividade sexual é aquela que envolve uma intenção sexual é uma formulação igualmente problemática. Mais uma vez, incorremos na dificuldade de que seria necessário melhor especificar o que é uma intenção sexual, em primeiro lugar. Ainda assim, esta formulação é um pouco mais abrangente do que a formulação anterior, pois é possível incluir no que seja uma intenção sexual (i) a intenção de obter, produzir ou experimentar prazer sexual e (ii) a intenção de gerar uma nova vida. Contudo, pode-se argumentar que a intenção é absolutamente irrelevante para se caracterizar um ato como sendo um ato sexual, o que fica claro com dois exemplos: o do estupro, que pode ser considerado um ato sexual independente da intenção do estuproador (e.g., se de obter prazer sexual, humilhar a sua vítima, afirmar sua própria masculinidade) e o do profissional do sexo (e.g. prostituta ou ator de filme pornográfico), que se engaja em atividade que pode ser considerada sexual não tendo necessariamente uma intenção sexual.

A discussão acima foi aqui apresentada para demonstrar a dificuldade de se chegar a uma definição do que seja um ato sexual. Esta dificuldade é justamente tomada por alguns estudiosos como sendo reveladora do fato de que não se pode chegar a algum mínimo denominador comum subjacente a todos atos sexuais, uma essência do sexual. Afinal, partes diferentes do corpo humano ganham significados variados dependendo do contexto sócio-cultural e histórico, o mesmo ocorrendo com diferentes atividades em que as pessoas se envolvem. Revela-se assim o problema de se considerar a sexualidade de um indivíduo como uma essência que lhe define ou como um conjunto de propriedades que ele possui; ou ainda, em se considerar a sexualidade como um conjunto de impulsos, instintos e/ou necessidades de um indivíduo.

---

os sexos; as mulheres são representadas nesta sociedade como eminentemente perigosas para a saúde masculina, seus corpos são poluidores.

## *Sexualidade e Ciências Sociais*

A forte associação entre a sexualidade e as ciências biomédicas, que pode ser vista na busca de características naturais, traços biológicos e impulsos sexuais, acabou por relegar para um segundo plano o tema da sexualidade do campo das Ciências Sociais. Segundo Vance, a sexualidade é um dos últimos entrepostos remanescentes do que seja o “natural” no pensamento ocidental (VANCE, 1989: 13). A hegemonia da idéia de que o sexo é algo de natural reforça a idéia de que a sexualidade em geral deve ser objeto de investigação das ciências biomédicas e não das sociais.

Autores contemporâneos no Brasil, como Parker e Barbosa, discorrem sobre a marginalidade do tema *sexualidade* dentro das Ciências Sociais no século XX (PARKER & BARBOSA, 1996: 7). Ainda assim, é preciso mencionar que autores clássicos, desde os mais antigos como Mauss (1974) e Malinowski (1983) até os mais recentes como Margaret Mead (1963), George Murdock (1965) e Pierre Bourdieu (1990; 1998), já discorreram sobre este tema, investigando o fato de que as práticas sexuais dos indivíduos variam de acordo com o contexto sócio-cultural em que estão inseridos. Embora existam estudos clássicos na Antropologia acerca da sexualidade, este tema sempre foi considerado secundário, no sentido de que o interesse por ele sempre esteve condicionado ao estudo, por exemplo, do parentesco ou da organização política e familiar.

Parker e Barbosa (1996) afirmam que o crescimento dos estudos sobre sexualidade (e gênero) neste campo se deve, entre outros fatores, à pressão exercida por movimentos sociais como o feminismo, o gay e o lésbico. Para que se compreenda qual a reivindicação destes movimentos sociais, penso ser necessária uma breve incursão histórica.

A partir do final do século XIX, quando a Medicina e a Psiquiatria reivindicam para si a sexualidade como objeto de estudo e teoria (GAGNON & PARKER, 1995: 3-4), a homossexualidade ganha uma nova descrição — antes descrita ou bem como pecado (pelas religiões católica e judaica, por exemplo), ou bem como crime (pelo Direito), a homossexualidade passa a ser descrita como *patologia*. Já na década de 1950, quando é publicado o primeiro *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM) pela *American Psychiatric Association* (APA), conhecido

como DSM-I, o homossexualismo é listado como um *desvio de personalidade*; o homossexualismo figura ainda mais uma vez na segunda edição do Manual, DSM-II, publicada em 1968, quando é listado como uma *desordem de desvio sexual* (HEREK, 2002).

É justamente no final da década de 1960 e início dos anos 1970 que crescem exponencialmente os movimentos sociais como o feminista e gay. Neste período é que se dão intensos debates sobre a classificação do homossexualismo como uma patologia nos Estados Unidos, tanto na Academia quanto na sociedade civil. Crescem as manifestações, neste país, organizadas por militantes do movimento gay, contrárias tanto ao diagnóstico de homossexualismo como doença mental quanto às formas de terapia<sup>5</sup> preconizadas pela Medicina norte-americana; suas manifestações eram dirigidas contra as associações americanas de psiquiatria e de medicina (*American Psychiatric Association* e *American Medical Association*).

Em dezembro de 1973, foi feita uma votação do *Board of Directors* da *American Psychiatric Association* (APA) em que se decidiu que o homossexualismo não deveria mais ser considerado uma *desordem*; ao invés, o homossexualismo passaria a ser considerado um *distúrbio de orientação sexual*<sup>6</sup>. Na terceira edição, DSM-III (1980), o “distúrbio de orientação sexual” seria substituído pelo diagnóstico de *homossexualidade ego-distônica*, uma categoria que subsumia aqueles homossexuais que se sentiam incomodados por, e rejeitavam, sua própria homossexualidade<sup>7</sup>. Esta última categoria de homossexualismo foi abandonada na terceira edição revisada, DSM-III-R (1987), e desde então não há mais menção ao homossexualismo no DSM<sup>8</sup>; resta no DSM-IV (1994) e DSM-IV-TR (2000) uma categoria de “desordens sexuais de outro modo não especificadas” (onde estavam

---

<sup>5</sup> No ano de 1972, por exemplo, a Association for the Advancement of Behavior Therapy (AABT) discutia, em Nova Iorque, por ocasião de sua reunião anual, a terapia de choque. Esta reunião foi interrompida quando manifestantes da Gay Activist Alliance (GAA) invadiram o local (SILVERSTEIN, 1997: 359).

<sup>6</sup> A decisão dos diretores da APA foi apoiada por votação feita entre os membros da Associação em 1974 (HEREK, 2002).

<sup>7</sup> O diagnóstico de homossexualismo ego-distônico era indicado por (1) uma não excitação heterossexual, vivenciada pelo paciente como algo que estivesse interferindo com a iniciação ou manutenção de relações heterossexuais desejadas, e (2) sentimento de aflição persistente gerado por um padrão recorrente de excitação homossexual não desejada.

<sup>8</sup> Em 1987, a APA publicou texto em que solicitava que os profissionais *não* fizessem uso do ICD-9 (International Classification of Diseases, 9th edition, da Organização Mundial de Saúde - OMS), que ainda incluía o homossexualismo entre os diagnósticos possíveis de doenças; a OMS retirou o homossexualismo do texto do ICD-10, em 1992 (HEREK, 2002).

incluídas, até a edição DSM-III-R, ansiedade ou desconforto marcado ou persistente por causa da orientação sexual).

Depois desta digressão deve ficar mais claro porque muitos militantes do movimento gay e lésbico reivindicam outros tipos de estudos, que não os bio- ou psico-médicos, com outro enfoque, um que seja diferente desse de desordem ou doença mental<sup>9</sup>. Vimos que práticas homoeróticas eram tidas como comportamentos desviantes e/ou patológicos no campo psico-médico até muito recentemente. Na busca de explicações alternativas, cresceram os estudos no campo das Ciências Sociais. Estudos sobre a questão do gênero, por sua vez, foram suscitados especialmente pela pressão exercida por parte do movimento feminista, no mesmo período; segundo Rieth:

A adoção da categoria gênero pressupõe a rejeição do determinismo biológico contido ns termos sexo ou diferença sexual, indicando o caráter social das relações entre os sexos e a ênfase em uma perspectiva relacional na abordagem das relações sociais entre homens e mulheres. Preocupações recentes que aparecem (...) em um período de efervescência teórica, em que as ênfases recaem sobre os significados e não mais sobre as causas das desigualdades sexuais [RIETH, 1999: 64]

Mais especificamente dentro da Antropologia, deve-se salientar que o sexo (bem como o amor) enquanto objeto de estudo é relativamente novo; são escassos os dados e teorias sobre estes temas (GREGOR, 1995)<sup>10</sup>. Gagnon e, mais uma vez, Parker, falando sobre o estudo da sexualidade, não se detêm tanto no significado do termo, mas tratam especificamente do momento que vai de 1890 a 1980, o período “sexológico” ou do nascimento da ciência do sexo, quando surge a Sexologia dentro da Medicina, salientando que os estudos sobre o tema estavam dentro do campo de saber médico e não tanto no campo das Ciências Sociais (GAGNON & PARKER, 1995: 3-4).

Devo salientar que, mesmo nos campos da Medicina e da Psiquiatria, havia alguns pesquisadores inovadores — “figuras heróicas como Freud (...), Ellis, Hirschfeld, Malinowski, Stopes, Sanger, Guyon, Reich, Mead, Kinsey, Masters e

---

<sup>9</sup> É preciso dizer contudo que se percebe de um modo geral como *positiva* a mudança de classificação da homossexualidade como *patologia* ao invés de crime ou pecado a partir do princípio do século XX, pois se entende que há menor grau de discriminação contra uma pessoa doente do que contra um criminoso ou pecador (estas duas últimas categorias carregariam uma conotação moral muito negativa) — cf. CHAUNCEY, 1982/1983; D’EMILIO & FREEDMAN, 1988, LAUMANN & GAGNON, 1995.

Jonhson” (GAGNON & PARKER, 1995: 5). No campo psico-médico, não havia um consenso, por exemplo, quanto à homossexualidade como patologia.

No campo das Ciências Sociais, os problemas que se colocam para pesquisas sobre a sexualidade suscitam uma discussão epistemológica e metodológica. Veremos, no próximo capítulo, que este é um campo que apresenta problemas quando pensamos na aplicação de técnicas tradicionais de pesquisa da Antropologia — especialmente em se tratando de estudos de comportamento sexual — como a observação direta e a observação participante (BOZON, 1995b: 48). Questiona-se, ainda, a veracidade e confiabilidade de dados obtidos através de entrevistas com informantes e discute-se acerca da representatividade das informações coletadas, uma vez constatada a imensa variabilidade numa mesma sociedade em termos de comportamento sexual<sup>11</sup>.

Laumann e Gagnon (1995) dividem as teorias sobre a conduta ou o comportamento sexual em dois grandes grupos: aquelas que têm um enfoque biológico e aquelas que têm um enfoque sócio-cultural<sup>12</sup>. As teorias são cindidas em dois grandes grupos com base no modelo que utilizam: (i) se o modelo do instinto (ou impulso/*drive*) ou (ii) se o modelo do *script* sexual (LAUMANN & GAGNON, 1995: 184-9). Teorias que se baseiam no modelo do *script* são chamadas *construtivistas*.

A crença na existência de um “instinto sexual” se desenvolveu no século XIX, sendo parte de teorias que explicavam os diferentes comportamentos humanos a partir de diferentes instintos (e.g., instinto materno, instinto de sobrevivência). Estas teorias revelaram-se problemáticas por mais de uma razão. Em primeiro lugar, pode-se dizer que estas teorias são pouco econômicas, no sentido de que precisam postular, para cada comportamento, um tipo de instinto (e.g. instinto de sobrevivência, instinto de reprodução, instinto materno, instinto para agressão, instinto de repúdio ao incesto), multiplicando *ad infinitum* as causas e explicações fornecidas pelo corpo teórico-analítico. Em segundo lugar, estas teorias revelaram-

---

<sup>10</sup> RIETH enfatiza que o amor, como a sexualidade, figura como uma das crenças modernas, sendo pensado como uma razão de felicidade do sujeito individual — através da correspondência amorosa (RIETH, 1999: 41).

<sup>11</sup> Sobre este ponto, ver TUZIN, 1995 e BERK, ABRAMSON, OKAMI, 1995.

<sup>12</sup> Um terceiro grupo possível mencionado seriam aquelas que enfocam as relações bio-sociais, porém consideram desnecessário discorrer sobre estas teorias pois os autores afirmam que pressupõem que todos fatores biológicos que influenciam o comportamentos dos indivíduos o fazem mediados pelo social e pelo cultural.

se problemáticas também porque o estudo de outros povos que não os europeus revelou contra-exemplos a cada comportamento/instinto mencionado; aparentemente, os instintos ou programas genéticos fechados existem apenas entre outras espécies que não os mamíferos (LAUMANN & GAGNON: 1995, 185).

Já disse antes, e devo aqui enfatizar, que as teorias baseadas no instinto e no biológico predominam na maior parte dos campos de saber. Vance, por exemplo, argumenta que as idéias acerca da sexualidade que são chamadas de *essencialistas* — a sexualidade resulta do corpo, da biologia ou de um impulso sexual inato — são hegemônicas, seja entre teóricos do campo da Biologia, da Medicina, da Psicologia ou mesmo das Ciências Sociais. O predomínio da abordagem essencialista pode ser visto no reduzido número de estudiosos que se auto-proclamam essencialistas, pois apenas aqueles que divergem do sistema dominante é que precisam de rótulos (VANCE, 1989: 15). Grandes avanços sendo feitos hoje em dia no campo da Genética, por exemplo, tendem a reforçar teorias que pretendem se basear no conhecimento biológico e estimulam as interpretações cunho bio-médico, muitas vezes independentemente de uma descoberta concreta — e.g. a busca por um gen para a homossexualidade pode reforçar interpretações essencialistas acerca do homossexualismo.

Teorias sobre o comportamento sexual humano que utilizam o modelo do *script* pressupõem, em primeiro lugar, que não existe qualquer instinto, ou *drive*, sexual inato. As outras suposições são a de que (i) padrões de comportamento sexual são adquiridos e expressos culturalmente (o que se considera sexual e o que seja a atividade sexual varia de cultura para cultura), que (ii) estes padrões de comportamento são adquiridos individualmente em um processo de aculturação que tem a duração da vida do indivíduo e que (iii) o processo de aquisição individual dos padrões de comportamento é um processo criativo em que os indivíduos fazem adaptações aos cenários sexuais fornecidos originalmente pelas culturas em que se encontram. Os *scripts* para a conduta sexual que são adquiridos neste processo de aculturação informam as pessoas sobre com quem elas devem ter relações sexuais, quando e aonde devem ter estas relações, como devem agir sexualmente e porque devem ter qualquer tipo de atividade sexual.

A posição do chamado *construtivismo*, nome dado a uma corrente do pensamento social e filosófico, é a de que justamente não é possível uma única



*definição* do que seja *sexual*, uma única categoria abstrata e universal de *sexual* ou *erótico* que possa ser aplicada do mesmo modo em todas as sociedades. No máximo, podemos chegar a um certo conjunto de definições dadas socialmente do que seja *sexual*, um conjunto por isso mesmo variável. Segundo o construtivismo social, a sexualidade deve ser compreendida como algo que é definido e construído histórica e culturalmente – posto que qualquer coisa pode ser erotizada, i.e. pode ser ligada ao sexual. Na perspectiva do construtivismo, a experiência sexual (incluídas aqui as práticas sexuais) é estruturada e organizada por diferentes regras culturais e por elementos objetivos e subjetivos, como gênero, faixa etária, contexto espacial, relações de poder e dominação, expectativas e sentimentos pessoais daqueles envolvidos na experiência.

O construtivismo social, segundo Gagnon e Parker (1995), nascido do interacionismo simbólico e do pragmatismo norte-americano, é a perspectiva crítica na pesquisa sobre sexo hoje em dia. O quadro teórico construtivista enfatiza a especificidade cultural e histórica da conduta sexual, pressupondo que a sexualidade não se funda em instintos, mas sim que é aduzida em circunstâncias históricas e sociais específicas. A teoria geral do *sexual scripting*, proposta por Gagnon — que se filia explicitamente ao construtivismo —, é justamente um modo específico de se analisar os aspectos culturais, interpessoais e mentais da sexualidade (GAGNON & PARKER, 1995).

A consolidação desta perspectiva crítica, o construtivismo social, se deu ao longo dos últimos anos. Ainda no início da década de 1990, Parker reclamava que a noção de significados culturais socialmente construídos era uma noção em voga e não necessariamente assimilada de fato.

Mesmo na maioria dos melhores trabalhos sobre a construção social da vida sexual, a noção de que os significados sexuais são “construídos” tem sido, ela própria, pouco mais do que um substituto moderno e da moda para os conceitos iniciais de socialização e aculturação. [...] Somente considerando o sistema de significados sexuais como algo formado por múltiplos subsistemas, diversos sistemas de referência, lógicas conflitantes, configurações disparatadas e coisas semelhantes, é que é possível entender a experiência de homens e mulheres cujas realidades sexuais particulares sejam definidas dentro de seus termos. [PARKER, 1991: 254]

Transcorrida uma década, penso que hoje há maior clareza quanto ao fato de que o emprego de uma expressão ou de um termo, por si só, não garante evidentemente a filiação teórica de um autor, e é preciso ter em mente todas as

premissas e conseqüências de uma teoria quando se emprega a idéia de “construção” de significados sexuais.

Gostaria agora de esclarecer melhor o caminho até aqui percorrido, retomando alguns pontos desta revisão conceitual. Disse inicialmente que era preciso especificar o significado do termo *sexualidade*, buscando alguma definição mínima e clara do que seja *sexual*. Esta definição é condição de possibilidade da própria investigação. Paradoxalmente, esta investigação que prescindir de uma definição de sexualidade tem por objetivo descobrir o sentido e o significado da sexualidade para um determinado grupo. Como pressupor o que pretendo investigar?

Busquei então apreender as condições suficientes e necessárias para afirmar que uma atividade fosse *sexual*, condições estas que poderiam ser um ponto de partida para a pesquisa, na formulação de questões e interpretação de dados. Ficou patente a dificuldade de se elaborar um conceito de ação sexual, i.e. de se chegar ao conjunto das propriedades suficientes e necessárias que um ato deve ter para ser considerado sexual. Note-se que a insatisfação diante de algumas tentativas de definições revelou ao menos algumas atividades e/ou situações, contempladas ou não pelas definições, que têm conotação sexual na sociedade brasileira hoje em dia.

Foi então, diante da dificuldade de definir a atividade sexual, que se apresentou a abordagem construtivista: uma teoria elaborada por estudiosos da sexualidade que afirma justamente a não universalidade do conceito. É possível – e necessário – partir de uma definição provisória e ética de sexualidade, uma definição que delimita minimamente o objeto a ser tratado dado o *continuum do real* e que esteja de acordo com os objetivos da presente investigação. O principal objetivo da pesquisa acerca da *sexualidade*, enquanto fenômeno social, num grupo específico e determinado espacial e temporalmente, é chegar a uma compreensão, ainda que parcial, da concepção êmica de sexualidade; esta pesquisa pressupõe, com base na teoria do construtivismo sexual, que a sexualidade é sempre construída<sup>13</sup>, e portanto variável, cultural e socialmente.

A pesquisadora francesa Brigitte Lhomond escreve que

---

<sup>13</sup> Autores contemporâneos como Lindenbaum e Lützen afirmam explicitamente que noções específicas de sexualidade são sempre política e intelectualmente construídas (LINDENBAUM, 1995; LÜTZEN, 1995).

a sexualidade, enquadrada por um conjunto de leis, costumes, regras e normas variáveis no tempo e no espaço, é um fenômeno socialmente construído, mas muitas vezes considerado uma 'evidência natural'. Ora, as leis mudam, as normas se modificam e as pesquisas sobre comportamento sexual que vêm se desenvolvendo desde meados do século XX dão conta dessas transformações. [...] Elemento central sobre o qual incidem as análises, as definições da relação sexual variam segundo as pesquisas, e essa variabilidade está ligada às questões sociais que motivam tais pesquisas e tornam possível seu financiamento e realização. A primeira grande pesquisa quantitativa realizada na França sobre os comportamentos sexuais nesse país (Simon *et. al.*, 1972) – motivada pelas questões da contracepção e do aborto – interessava-se quase exclusivamente pelas “relações sexuais completas”, isto é, pela “união dos sexos” entre um homem e uma mulher. Já as diversas pesquisas ligadas à epidemia de HIV procuravam descrever comportamentos considerados de risco, interessando-se por práticas estigmatizadas, como a sodomia; por relações consideradas desviantes, como as relações sexuais entre homens; ou por aquelas que são objeto de um silêncio relativo, como é o caso das relações múltiplas. (LHOMOND, 1999: 77)

É preciso deixar claro, finalizando esta discussão teórica, o que se entende aqui por *sexualidade*. A sexualidade inclui os comportamentos sexuais e o conjunto das idéias e significados acerca deste comportamentos. Os comportamentos sexuais são atividades de cunho sexual na sociedade brasileira contemporânea, subsumindo, portanto, o coito genital, o coito anal e oral, relações de dois ou mais homens e mulheres, homens e homens, mulheres e mulheres, a masturbação e atividades que usualmente precedem ou são concomitantes ao coito, como certas carícias. Mister salientar, ainda, que na sociedade brasileira contemporânea pode-se falar em diferentes sistemas de significados sexuais (PARKER, 1991), o que implica esclarecer a presente pesquisa propõe a investigação de ao menos um subsistema destes, posto o recorte etário e geográfico — o(s) subsistema(s) que rege(m) a vida social de jovens de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador.

Para melhor situar agora a presente pesquisa no contexto da produção científica e acadêmica atual brasileira que tenha por temática básica a sexualidade de jovens, devo mencionar que a produção acadêmica está voltada majoritariamente para questões de saúde reprodutiva, especialmente a da gravidez na adolescência, e para questões relativas a doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e à AIDS. Assim, pode-se dizer que, tanto no campo das Ciências Sociais, quanto no das ciências médicas, da saúde coletiva e no âmbito das políticas de saúde, sobressai-se a preocupação com as *conseqüências* da sexualidade juvenil (VICTORA & KNAUTH, 2002).

Esta produção científica ademais funda-se numa perspectiva que pode ser dita instrumentalista, no sentido de que as pesquisas são elaboradas para que suas descobertas possam servir imediatamente como subsídio para a implementação de políticas públicas (que incidem sobre a gravidez na adolescência, tida como problema social, ou sobre as DSTs/AIDS). O tema da sexualidade ganhou maior visibilidade, não só na Academia, como também em ONGs e movimentos sociais que se preocupam com políticas públicas e intervenções e que lidam com temas afins. Destaco aqui duas revisões sobre juventude políticas públicas: uma organizada pela Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPd), intitulada *Jovens Acontecendo nas Trilhas de Políticas Públicas* (1998) e outra pela Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), intitulada *Passagem Segura para a Vida Adulta: Oportunidades e Barreiras para a Saúde Sexual dos Jovens Brasileiros* (2001). Esta última, mais recente, é uma revisão sobre a saúde sexual e reprodutiva de jovens, mapeando a literatura acadêmica, os projetos e programas de pesquisa e intervenção, além das políticas públicas existentes no Brasil.

### **Juventude ou Adolescência**

Tendo mencionado a existência de estudos acadêmicos sendo produzidos sobre a sexualidade no Brasil, uma parte dos quais investiga a questão da sexualidade na juventude ou adolescência, e em se tratando de um estudo sobre a sexualidade de jovens fundamentado em um projeto de pesquisa que tem por um de seus objetivos analisar a questão da gravidez na adolescência, é preciso esclarecer os conceitos de *juventude* e de *adolescência* aqui empregados. É preciso que se diga que o trabalho de pesquisa nesta dissertação consistiu na recuperação parcial de trajetórias de jovens, enfatizando o período da adolescência e juventude — os entrevistados tinham idade que variava de dezoito a vinte e quatro anos e as perguntas versavam sobre a sua iniciação afetivo-sexual.

O conceito de adolescência utilizado na elaboração do projeto GRAVAD está baseado na formulação da Organização Mundial de Saúde (OMS), de cunho médico-biológico, segundo a qual a *adolescência* é o período na vida de um indivíduo que se estende dos dez aos dezenove anos de idade. Uma gravidez na adolescência seria então definida como uma gravidez que ocorre antes do sujeito completar os vinte anos de idade. A Organização Mundial de Saúde estabelece,

além disto, o que é *juventude* — este sendo o período que vai dos quinze aos vinte e quatro anos de idade.

Há, portanto, nestas duas definições da OMS, a de adolescência e a de juventude, uma sobreposição: sujeitos com idade entre quinze e dezenove anos seriam classificados tanto como adolescentes quanto como jovens. Artigos publicados pela própria Organização Mundial de Saúde que fazem uma revisão das descobertas enunciadas por pesquisas recentes sobre sexualidade e juventude utilizam ainda o termo *juventude* para se referir a todas as pessoas com dez a vinte e quatro anos (cf. 2001 - WHO/RHR/01.08).

É clara a preocupação da Organização Mundial de Saúde em avaliar as pesquisas feitas na área da saúde reprodutiva em termos de suas implicações na formulação de políticas públicas e programas de saúde; estas avaliações servem de base para recomendações gerais que a Organização faz, especialmente no sentido de direcionar novas pesquisas na área (é importante aqui salientar o papel da OMS enquanto agente financiador de pesquisas). A definição da adolescência e da juventude como períodos da vida delimitados por faixas etárias com limites claros — que tem sua definição canônica dada pela OMS<sup>14</sup> — está baseada em uma concepção médica (que se funda na idéia de atributos biológicos e traços psíquicos).

Deve-se salientar ainda que a própria OMS relativiza e contextualiza as faixas etárias. Lemos, por exemplo, na Introdução da seção sobre Saúde Reprodutiva e Sexual de Adolescentes, na *homepage* da organização, que a adolescência é um momento da vida que tem algumas peculiaridades:

Os adolescentes têm necessidades em termos de saúde sexual e reprodutiva que diferem de maneiras importantes das necessidades dos adultos. As necessidades dos adolescentes permanecem sendo pouco compreendidas ou atendidas na maior parte do mundo. A negligência com relação a esta parcela da população tem profundas implicações para o futuro, uma vez que os comportamentos sexuais e reprodutivos exercidos durante a adolescência têm conseqüências de grande alcance e longo prazo nas vidas das pessoas à medida em que estas se tornam adultas. A adolescência é um período de transição da infância para a vida adulta, durante o qual jovens vivenciam mudanças que se seguem à puberdade,

---

<sup>14</sup> A Organização das Nações Unidas (ONU), que tem como órgão oficial o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), define a juventude também pelo critério etário e estabelece que jovem é quem tem entre quinze e vinte e quatro anos de idade; o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Brasil, considera que são adolescentes aqueles que têm entre doze e dezoito anos; como se vê, não há uma única definição de juventude em termos etários. Para Gouveia, “mais do que uma questão de idade, há certas particularidades culturais que concorrem para a variabilidade no sistema de classificações” (GOUVEIA, 2000: 66-7).

mas não assumem de imediato os papéis, privilégios e responsabilidades da vida adulta. A adolescência é experimentada de maneiras diferentes, que variam de acordo com a idade, o sexo, o estatuto marital, a classe, a região e o contexto cultural. Além disto, forças sociais, econômicas e políticas estão rapidamente modificando os modos com que os jovens devem se preparar para a vida adulta. Tais mudanças têm imensas implicações não só para a educação, emprego, casamento e procriação dos adolescentes, como também para a sua saúde, e comportamento, reprodutiva e sexual. [Extraído da página da OMS na internet, tradução minha, <http://www.who.int/reproductive-health/adolescent/index.html>]

Assim, vemos que a definição da própria OMS parte do critério etário mas menciona também que o adolescente usualmente tem papéis, direitos e deveres que lhe são específicos — nem mais uma criança, nem ainda um adulto, o adolescente encontra-se nesta definição numa liminaridade peculiar de uma transição. Percebe-se também que a OMS incorpora questões que não se limitam ao escopo psico-médico, mencionando a variabilidade da experiência da adolescência, caracterizada aqui por traços biológicos e sociais.

Mesmo os campos de saber que não estão baseados no saber médico — como as Ciências Sociais — adotam com freqüência estes limites de idade (quicá pela chamada “biologização’ do campo da sexualidade” [PIMENTA et. al., 2001: 32]). A principal justificativa no campo das Ciências Sociais para a adoção de tal conceito (ainda que o conceito seja relativizado) é que isto permite a comparabilidade dos estudos e o diálogo com outras pesquisas, de diversas áreas de conhecimento. Pode-se dizer que não há uma concepção teórica alternativa ao parâmetro da idade que permita a comparação de jovens em contextos diferentes.

Não se trata com isso de menosprezar o critério etário, mas sim de pensar em outras dimensões que o conceito de juventude deve abarcar. Os estudos no campo das Ciências Sociais enfatizam que a criação de faixas etárias é sempre algo arbitrário e socialmente definido (ALVIM & PAIM, 2000). O próprio curso da vida é discutido uma vez que se pensa a experiência etária como algo relacional e performático (DEBERT & GOLDSTEIN, 2000). Historicamente, o modo com que a vida é dividida, ou pensada, em diferentes *períodos* muda. A tal ponto que a juventude pode então ser pensada em outros termos que não apenas o etário: como um processo ou como um valor, por exemplo. Compreender a juventude apenas como um período da vida pode deixar de lado especificidades culturais de classes, grupos e configurações sociais (GOUVEIA, 2000). Estudos sobre a terceira idade apontam que, no Brasil, atualmente, a *juventude* se dissocia de um grupo etário

específico e se transforma cada vez mais em valor, em um bem que pode ser consumido e/ou conquistado (e deve ser mantido) em qualquer idade (DEBERT, 2000).

A *juventude* passa a ser pensada como um problema social, alvo de políticas públicas, a partir da década de 1980 no Brasil. A questão da gravidez na adolescência, que aqui nos interessa mais especificamente<sup>15</sup>, passa a ser foco de políticas públicas a partir de 1990, sendo esta a principal questão relativa à sexualidade feminina juvenil na agenda governamental (PIMENTA et. al., 2001). O que se percebe no panorama acadêmico brasileiro contemporâneo é o uso do termo *adolescência* especialmente pelos campos de saber bio-médico, epidemiológico e da Psicologia, enquanto o termo *juventude* é mais amplamente empregado pelas Ciências Sociais (PIMENTA et. al., 2001).

A discussão, no campo das Ciências Sociais, do conceito de adolescência, passa pela desconstrução desta categoria<sup>16</sup>. Neste campo, os estudos apontam que, ainda que a puberdade seja, da perspectiva bio-médica, algo universal, a adolescência e a juventude são vivenciadas e significadas de inúmeras maneiras, dependendo do contexto cultural, do gênero, da classe social, da etnia, entre outros fatores sócio-culturais. A maioria destes estudos tratam então da juventude não como uma fase demarcada pela idade, mas como um processo através do qual um sujeito torna-se adulto. Neste sentido, os demarcadores mais importantes de uma passagem para a condição de adultos podem não ser os biológicos, mas sim os sócio-culturais, como o início da vida sexual, a constituição de uma família, o ingresso no mercado de trabalho.

Como esta é uma pesquisa antropológica, onde a preocupação não está tanto nos marcos biológicos da juventude quanto nas práticas e relações sociais que a conformam, é imprescindível esclarecer o que é *ser jovem* ou *ser adolescente*. As mudanças denominadas como “puberdade”, tais como a menstruação, mudanças corpóreas como surgimento de seios e pêlos, têm diferentes significados em

---

<sup>15</sup> Uma vez que o projeto maior do qual parti para fazer esta análise é o projeto de pesquisa GRAVAD.

<sup>16</sup> Segundo Vianna, a literatura nas Ciências Sociais sobre o “jovem” é pouco esclarecedora pois ainda há muitos estudos que definem a juventude de maneiras as mais diversas: “como um estado de rebeldia, revolta, transitoriedade, turbulência, agitação, tensão, mal-estar, possibilidade de ruptura, crise psicológica, conflito (...), liminaridade, flexibilidade, inquietude” (VIANNA, 1997: 12).

diferentes culturas e sociedades. A idade, neste sentido, não deve ser tomada simplesmente como uma variável biológica, mas sim como uma categoria social<sup>17</sup>.

Segundo Olivier Galland (1997), Philippe Ariès (1973) é o primeiro a propor, em 1960, uma leitura que seja ao mesmo tempo histórica e sociológica do surgimento do sentimento da infância em nossa sociedade. Para Ariès, a idéia de infância e, com menor clareza, a de adolescência são invenções relativamente recentes *na e da* sociedade ocidental moderna. Antes da invenção da infância, a criança era vista ou bem como um bebê ou bem como um adulto em miniatura, sem que fossem assinaladas quaisquer peculiaridades a demarcar o período que hoje chamamos de infância.

Quatro anos depois que Ariès escreve sobre a infância, outro estudioso francês, Jean-Louis Flandrin (1964), ameniza a tese de Ariès, fazendo uma crítica importante. Segundo Flandrin, o sentimento da infância não é propriamente uma “invenção”, uma inovação absoluta: não é a existência, mas sim a natureza do sentimento da infância que se modifica em nossa sociedade. O que importa salientar aqui é a idéia de que as idades são *socialmente construídas*, e não meros demarcadores biológicos; um certo período da vida, demarcado por uma idade biológica, tem diferentes sentidos, dependendo de fatores de ordem sócio-cultural (dentre os quais podemos citar o contexto cultural e histórico, bem como a inserção social do sujeito).

Segundo Pais (1993), a adolescência só ganhou o estatuto de *fase de vida* a partir da segunda metade do século XIX, quando o comportamento de jovens em grupos passam a ser matéria de discussão e fonte de preocupação para educadores e reformistas a partir daquele momento. No campo da Sociologia da Juventude, atualmente, percebe-se duas tendências em termos da concepção de juventude:

- a) Numa delas, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada “fase de vida”, prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizariam essa fase de vida — aspectos que fariam parte de uma “cultura juvenil”, específica. portanto, de uma geração definida em termos etários;

---

<sup>17</sup> Há autores que argumentam que a idéia de idades da vida, com seus significados sociais, conforma *categorias administrativas* que são a um só tempo jurídicas e institucionais; assim, são definidas idades cronológicas para uma série de eventos que fazem parte da trajetória de uma vida, como a idade que marca o ingresso na adolescência, a idade que marca a maioridade ou ingresso na vida adulta, a idade para estudar obrigatoriamente, a idade para casar, a idade para o serviço militar, etc. (CALAZANS, 2000).



b) Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um *conjunto social* necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc. Isto é, nesta tendência, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em diferentes situações sociais. Neste outro sentido, seria um abuso de linguagem, como refere Bourdieu, subsumir sob o mesmo conceito de *juventude* universos sociais que não têm entre si praticamente nada de comum. [PAIS, 1993: 23]

Uma alternativa ao uso da faixa etária seria a demarcação de *fases de vida*<sup>18</sup>, como fazem Leal e Fachel, por exemplo. Aqui, faz-se um levantamento do que é importante em termos da constituição da identidade social de uma pessoa:

[P]ara não trabalhar com um intervalo arbitrário de idade, buscamos demarcar fases na *trajetória de vida*. Do ponto de vista feminino, trata-se do que as próprias mulheres percebem como indicadores (biológicos) de mudança de status – a menarca, a primeira relação, a maternidade –, cada um deles demarcando fases no processo de “tornar-se mulher”. Já em relação ao masculino, as mulheres indicam que um homem passa a ser adulto *com o casamento*. No entanto, para os próprios homens, eles “amadurecem”, no sentido de amadurecer física, emocional e moralmente, e então, como consequência desse amadurecimento, se casam. Para eles, a acumulação de experiências sexuais faz parte desse processo de *amadurecimento*. Sem dúvida, *elas* e *eles* estão dizendo coisas essencialmente diferentes e, aqui, uma vez mais, identifica-se uma tensão de gênero. [LEAL & FACHEL, 1999: 107]

A compreensão da juventude a partir da perspectiva da sua *transitoriedade* — como uma fase em que se dá a transição da infância para a vida adulta — faz com que se entenda a juventude como sendo marcada pela relatividade; sua definição neste sentido é relativa ao que está estabelecido para as crianças e para os adultos (CALAZANS, 2000).

O projeto GRAVAD parte, é verdade, do critério utilizado pela OMS<sup>19</sup>, para em seguida relativizar esta concepção e propor a concepção de *juventude como processo*, uma abordagem relativamente recente que, partindo da polissemia do termo *juventude*, centra-se nas maneiras com que é feita a transição da infância para a vida adulta. A concepção de adolescência baseada no critério etário fica deste modo subordinada a uma concepção mais ampla, relativizada, de juventude.

---

<sup>18</sup> Esta é uma concepção que usa a idéia de fase da vida sem ser necessariamente filiada a uma tendência dita geracional no campo da Sociologia da Juventude (PAIS, 1993; CABRAL, 2002).

<sup>19</sup> Como já foi dito, deve-se compreender tal adoção como um recurso para permitir a comparação desta pesquisa com outras.

A concepção de juventude como processo parte da idéia de que não se pode definir a juventude a partir de um simples critério biológico como a idade; ao mesmo tempo, é uma concepção que implica não podermos listar todas as condições sócio-culturais suficientes e necessárias que demarcariam a juventude, pois os demarcadores são variáveis (uma vez que construídos social e culturalmente) e o processo em si mesmo não é linear nem irreversível. Mais especificamente na pesquisa aqui apresentada, bem como no projeto GRAVAD, percebe-se que a transição para a vida adulta — no contexto das diferentes trajetórias de vida destes jovens — se dá de maneiras diferenciadas, de acordo especialmente com o gênero e o segmento social a que um sujeito pertence. Esta transição para a vida adulta, no sentido de uma emancipação do sujeito jovem com relação à sua família de origem, pode ser percebida no âmbito escolar-profissional e familiar-conjugal (HEILBORN et. al. 2002)<sup>20</sup>.

## **Gênero**

Outro conceito importante que deve ser esclarecido nesta pesquisa, dado seu objeto e seus objetivos, é o de gênero. A literatura antropológica latino-americana indica que o termo “gênero” foi, por um lado, “tomado de empréstimo” de outras disciplinas científicas, em particular da Lingüística, e, por outro, “importado” de países de língua inglesa<sup>21</sup>. Tomo de empréstimo a definição dada em um *Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres* para explicitar o que gênero significa, na literatura contemporânea:

princípio que transforma as diferenças biológicas entre os sexos em desigualdades sociais estruturando a sociedade sobre a assimetria das relações entre homens e mulheres; deve-se usar ‘gênero’ para todas as referências de ordem social ou cultural, e ‘sexo’ para aquelas de ordem biológica (BRUSCHINI et. al., 1998)

Uma das acepções da expressão gênero, tanto em inglês quanto em línguas latinas é a de uma classe ou subclasse gramatical de uma língua que comporte características distintivas como o sexo. Em um artigo que mapeia os estudos de gênero no Brasil, Maria Luiza Heilborn explica:

---

<sup>20</sup> Atributos que possivelmente demarcariam a fase adulta da vida seriam por exemplo o fim dos estudos, compreendidos como parte de um período de formação, o ingresso no mercado de trabalho, o exercício da sexualidade, a formação de uma família.

<sup>21</sup> Cf. ARANGO et. al. (1995), HEILBORN (1992), MORAES (1998), entre outros.

A categoria de gênero foi tomada de empréstimo à gramática. O recurso às disciplinas da linguagem, aliás, é tradicional dentro do saber antropológico. Em sua acepção original, gênero é o emprego – fenômeno presente em algumas das línguas indo-européias – de desinências diferenciadas para designar indivíduos de sexos diferentes ou ainda coisas sexuadas (*Larousse*, tome III, p. 756). Mas o termo tomou outros foros e significa aqui a distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão biológica dos seres humanos. Trata-se de uma referência usual na Antropologia, que é resgatada e sofisticada por antropólogas afinadas com o feminismo. (HEILBORN, 1992: 98)

A partir da década de sessenta, e especialmente na década de 1970, crescem os estudos feministas. Estes sempre tiveram como um dos seus principais temas a *identidade feminina*. A partir de um dado momento, as teóricas feministas passam a fazer (um novo uso) do conceito de *gênero* – conceito que, vimos, já fora introduzido nas Ciências Sociais mas ainda não era de uso corrente. A acepção que as feministas dão ao *gênero*, ou o uso que fazem deste conceito, abre novas perspectivas em seus estudos, ao enfatizar as dimensões relacionais e o caráter não universal (porque cultural e histórico) da diferenciação entre o masculino e o feminino.

Assim, o feminismo anglo-saxão passa a incorporar a categoria “gênero” para privilegiar o social e o simbólico nas explicações acerca das diferenças entre homens e mulheres, referindo-se à construção social do feminino e do masculino e deixando de lado explicações com base em determinações biológicas. À medida em que isto ocorre na teoria feminista, assistimos a uma progressiva substituição dos ***Women Studies*** por ***Gender Studies*** na academia.

Seja qual for a origem do termo, seja ela uma tradução, importação, empréstimo ou todas estas, o fato é que o termo *gênero* é parte do vocabulário corrente atual da Antropologia. E numa de suas acepções correntes, já explicitada no início desta seção, o gênero abarca as diferenças entre homens e mulheres que são de ordem social ou cultural.

Geertz (1978) disse uma vez que quando uma nova idéia entra no panorama científico ela é sempre amplamente aceita, por aparentemente permitir a construção de um sistema de análise abrangente. Em um primeiro momento, então, é como se os cientistas tentassem fazer uso da nova idéia de toda e qualquer maneira, a nova idéia é uma espécie de *descoberta* que parece poder *explicar tudo*. Em um segundo momento, contudo, quando a idéia deixa de ser tão nova porque se torna familiar, *i.e.* incorpora-se ao nosso “suprimento geral de conceitos teóricos”, percebe-se

certas limitações desta idéia. Geertz chama tais idéias de “seminais”, pois, ainda que não expliquem tudo, elas explicam *algo*, e se incorporaram ao nosso “arsenal intelectual” (GEERTZ, 1978).

O conceito de *gênero* parece ser outro conceito científico que se desenvolveu desta maneira. Verdade seja dita, autores do campo da Antropologia no Brasil parecem reclamar o contrário, indicando uma insuficiência teórica no que diz respeito à elaboração do conceito de gênero, sem considerar o gênero uma construção social mais complexa do que uma categoria como a do sexo (anatômico-fisiológico). Em artigo já citado, Maria Luiza Heilborn, por exemplo, afirma:

Passou-se a estudar a mulher em tudo quanto é lugar e sob os mais diferentes ângulos. Depois de examinar a presença feminina, passou-se agora a falar em gênero. Do sexo passou-se ao gênero, mas a categoria tem sido usada sem a percepção do alcance deve ter como imbricada a um sistema relacional, ou de que, se mantém algum vínculo com a base anatômica, sua principal utilidade está em apontar e explorar a dimensão social que, em última instância, é o que importa quando se faz Antropologia. (HEILBORN, 1992: 94)

Transcorridos dez anos desde este artigo, parece razoável pensar que a expressão “gênero” inicialmente apenas substituiu a expressão “mulher” em títulos de artigos ou estudos feministas, era na realidade tomada como sinônima de “sexo”<sup>22</sup>. Segundo Leal e Boff,

os “estudos de gênero” aparecem como uma reivindicação amadurecida dentro de um campo até então identificado como ‘estudos de mulheres’ (...) o que ocorreu foi uma mudança de nome (rótulo) para uma área de estudo, sem de fato ter dado tempo ainda (...) para que uma tradição já estabelecida se modificasse [LEAL & BOFF, 1996: 119]

Progressivamente, nas décadas de setenta, oitenta e com maior força na de 1990, a expressão começa a aparecer em estudos sobre *masculinidade*, *homossexualidade* e finalmente *transexualismo*<sup>23</sup>; a discussão, contudo, é difícil à medida que os estudos sobre mulheres e os estudos sobre homens (ou homossexuais ou transexuais) são encarados e tratados de maneiras diferentes, porquanto o campo de estudos de gênero permanece centrado no feminino — seja em termos do seu principal objeto de estudo, seja em termos daqueles que realizam os estudos (LEAL & BOFF, 1996)<sup>24</sup>. A inclusão de outros sujeitos de investigação

---

<sup>22</sup> Cf. especialmente ARANGO et. al. (1995) e HEILBORN (1992).

<sup>23</sup> Cf. e.g. KAUFMAN (1995) e MACHADO (1998).

<sup>24</sup> As autoras apontam ainda para, por um lado, para a ampla produção de estudos sobre o “homem” nas Ciências Sociais (estudos sobre *cultura popular* e *classe operária*) e, por outro, para uma

que não as mulheres nos estudos de gênero reforça uma abordagem da questão do gênero a partir de uma *perspectiva relacional*, i.e. das relações entre masculinidades e feminilidades.

Em uma análise estruturalista como a de Françoise Héritier ou de Pierre Bourdieu, o gênero é um constructo, um princípio de classificação, uma regra, que aponta, fundamentalmente, para uma cisão do mundo em dois, fundamentada na constatação de um fato biológico: a irreduzível diferença entre os sexos biológicos. O gênero assim dá origem a uma ordem simbólica, onde para toda e qualquer cultura, se diferencia entre o masculino e o feminino (ainda que o que seja particularmente masculino ou feminino em determinada cultura possa ser algo que varie). O par masculino/feminino é mais uma forma de classificar todo o universo que nos circunda. Assim, enfatiza-se o fato de que o gênero é *relacional*, no sentido de que o masculino só existe por oposição ao feminino, e vice-versa; aqui, fica claro o quanto a noção de gênero distanciou-se da idéia de papéis sexuais, sugerida com a expressão *gender role* ainda em 1955. Enfatiza-se também que o gênero é parte de um sistema simbólico, mais amplo. Sistema simbólico que na perspectiva de Héritier (2000), funda-se nesta oposição fundamental entre masculino e feminino.

O gênero assim seria construído sobre a realidade biológica da diferença sexual, e construído num duplo movimento, de acordo com Bourdieu: nas categorias de pensamento com o que interpretamos o mundo e nas classificações materiais ou divisões espaciais que exercemos (ou percebemos) sobre o mundo. O gênero existe objetivamente nas estruturas subjetivas mentais, nas estruturas subjetivas inscritas nos corpos e nas estruturas sociais. Justamente porque a oposição entre os sexos existe objetivamente nas coisas mesmas e nas mentes humanas é que a oposição (e a dominação masculina bem como a divisão do trabalho) reproduz as estruturas de que é, no fundo, o próprio produto. É, também, esta dupla forma de existência objetiva das estruturas simbólicas que faz com que se *take for granted*, que se tome como evidente, ou natural, a ordem com que nos deparamos no mundo — uma ordem, diga-se de passagem, de fato *masculina*. A simbolização cultural da

---

ausência do “homem” de estudos sobre *gênero e reprodução*. Mais: os estudos que surgem no campo da temática do gênero que se centram em homens tem focado a *sexualidade* e não a reprodução (LEAL & BOFF, 1996). Em publicação acerca de masculinidades, VIVEROS e CAÑON salientam o fato de que é muito recente a criação de um campo de estudos especificamente voltado para o *homem*, o *Men's Studies* (1997).

diferença sexual, o gênero, imprime sua marca sobre todo o resto — o social, o político, o religioso, o cotidiano, a organização da produção da vida.

Da amplitude com que o gênero, na análise de Bourdieu por exemplo, assume, contudo não podemos concluir que é a única forma de constituição de identidade das pessoas. Outro prisma de análise do conceito de gênero entende que este é uma dimensão crucial da noção de *pessoa*. Neste prisma de análise, a *pessoa* é uma estrutura simbólica que tem precedência sobre o gênero. Há outros elementos estruturadores da pessoa além do gênero, é claro. Uma análise completa do conceito de gênero certamente deveria aprofundar este prisma, mas de fato tal coisa está além dos propósitos da presente dissertação<sup>25</sup>.

Completo este breve panorama teórico aqui esboçado assinalando ainda mais uma abordagem ao conceito de gênero. Parece-me que especialmente com o maior desenvolvimento de estudos nos anos noventa acerca da masculinidade, homossexualidade e transexualidade, a teoria antropológica passou a discutir a idéia de que, ainda que os sexos biológicos sejam dois, o gênero não é necessariamente apenas dois. Incluídos aqui estão os estudos que versam sobre *masculinidades*, e estudos sobre travestis, que questionam a simples dicotomia masculino/feminino. Com a idéia de masculinidades, ou feminilidades, no plural, por exemplo, discute-se modelos dominantes ou hegemônicos de masculinidade em uma determinada cultura; o estudo de grupos com práticas homoeróticas, por sua vez, suscitou debates acerca da “substancialização” ou “essencialização” do gênero.

### **Considerações sobre segmento social e sexualidade, juventude e gênero**

Finalizo a discussão do presente capítulo enfatizando a questão da relação entre a sexualidade, a juventude e o gênero com as classes ou os segmentos sociais. Tratarei, em primeiro lugar, da sexualidade, depois da juventude e, por fim, das relações entre os gêneros.

Se estou tomando como ponto de partida (i) a idéia de que a sexualidade é socialmente construída, portanto, variável (GAGNON, 1990; GAGNON & PARKER, 1995; LAUMANN & GAGNON, 1995), que (ii) na sociedade brasileira contemporânea se pode falar em diferentes sistemas de significados sexuais (PARKER, 1991), e que (iii) há diferenças entre a cultura das chamadas “classes

trabalhadoras” e a das classes médias ou altas<sup>26</sup> (DUARTE, 1986; 1997), devo concluir que a investigação das representações, significados e idéias associados à sexualidade supõe, em sua própria formulação, diferenças quanto aos segmentos populares e os segmentos médios ou altos da população brasileira.

Como já foi dito por autores como Dumont (1993;1994), Duarte (1986; 1997) e Geertz (1997), o conceito de pessoa é um modo excelente de se buscar “o ponto de vista do nativo” (GEERTZ, 1997). Para os antropólogos norte-americanos Marcus e Fischer, talvez a maneira mais eficaz das descrições enfocarem os modos com que as culturas diferem umas das outras mais radicalmente seja uma consideração das concepções de *pessoa* — os fundamentos das capacidades e ações humanas, das idéias sobre o *self* e da expressão das emoções (MARCUS & FISCHER, 1986). Enfocar a noção de pessoa é uma tentativa de mudar para outros sistemas de significado:

Se os antropólogos não podem mais com tamanha certeza depender de seus meios tradicionais, como rituais públicos, sistemas de crenças codificados e estruturas familiares ou comunais sancionadas, para capturarem o que torna distingue uma cultura das demais, então eles devem se voltar para registros culturais de sistemas de significado menos superficiais. O foco sobre a pessoa é uma tentativa de fazer precisamente isto. [MARCUS & FISCHER, 1986: 45]

Justamente o tema das diferentes formas de concepção da “pessoa” é analisado por Salem em artigo, onde afirma que as sociedades “tradicionais” ou “hierárquicas” — tomada aqui como um tipo ideal — representam a noção de “pessoa” são tais que a totalidade social engloba os sujeitos e suas consciências, não restando espaço para a “individualidade”. A identidade de um sujeito é definida de maneira relacional, dependente da relação do sujeito e do papel por ele desempenhado numa unidade maior, em última instância, o social, que o engloba (SALEM, 1991). Nas sociedades contemporâneas ou “modernas”, o valor fundamental na organização social é o “indivíduo”; este é o “sujeito normativo das instituições políticas, sociais, econômicas e filosóficas” (SALEM, 1991: 60). Aqui, a identidade de um sujeito é auto-referida: “o sujeito é percebido, e se percebe, como uma mônada inteligível em seus próprios termos e uma entidade que antecede

---

<sup>25</sup> Para esta discussão, ver especialmente DUARTE (1986).

<sup>26</sup> Este último ponto será melhor elaborado a seguir, bem como no próximo capítulo.

qualquer relação social (...) Nessa configuração moral, em outras palavras, as partes são encaradas como antecedendo o todo” (SALEM, 1991: 60).

Para Duarte, as “classes trabalhadoras” brasileiras portam uma cultura<sup>27</sup> que é diferente da cultura dominante, diferente porque está ordenada sobre valores e princípios que lhe são próprios. A cultura dominante tem um modo de ordenar valores e de construir identidades sociais que traduz a Modernidade, estando centrada numa concepção particular de pessoa que pode ser dita individualista e que se funda em uma concepção de tempo que é linear e progressivo (onde a mudança social portanto pode ser um valor). A diferença entre a cultura das classes trabalhadoras e a das classes dominantes é relativa, à medida em que uma se contrapõe à outra e que a cultura das classes trabalhadoras pode ser pensada — em determinado nível analítico — como subcultura de uma “cultura maior” ou de uma “Grande Tradição” (DUARTE, 1986: 12). Enquanto a cultura dominante tem como um de seus principais valores a idéia de Indivíduo, a cultura das classes trabalhadoras urbanas privilegia a Totalidade e a Hierarquia, ensejando concepções diferentes de Pessoa nas duas culturas mencionadas.

Uma sociedade complexa como a brasileira se caracteriza por uma “proliferação de planos de identidade [social] dentro do mesmo grande marco cultural” (DUARTE, 1986: 125) —

Ao nível de uma “identidade emblemática” os traços portados [na cultura das classes trabalhadoras] concentram-se sobre o tripé “família” / “trabalho” / “localidade”. Boa parte do sentido desses sinais básicos, descritivos, de uma “cultura das classes trabalhadoras urbanas” só se evidencia e ganha corpo ao nível de uma “identidade contrastiva” (...) Boa parte da literatura (...) atribui esse papel “contrastivo” imediato às “classes médias” [DUARTE, 1986: 132-3]

As categorias de *segmentos populares* e *segmentos médios ou altos* são empregadas na presente dissertação de maneira semelhante à que Duarte utiliza quando emprega “classes trabalhadoras” e “classes altas” (DUARTE, 1997). As categorias analíticas aqui empregadas, de segmentos, só podem ser pensadas como unidades num determinado nível de abstração e análise. A categoria de

---

<sup>27</sup> O termo cultura é empregado por Duarte com referência à noção de “sistema simbólico”, como conjunto de princípios subjacentes às manifestações empíricas de atividades de um grupo (DUARTE, 1986: 120). Em sociedades complexas, isto pode ser traduzido em termos de uma discussão acerca de “sistema cognitivo” e “sistema de crenças”, o que daria ênfase para a idéia de que há diferentes níveis em que elementos são compartilhados e nos permitiria falar em “sub-culturas”, num plano analítico bastante abstrato (DUARTE, 1986: 123-4).



classes trabalhadoras empregada por Duarte abarca os grupos que se representam como sendo compostos de trabalhadores que executam fundamentalmente tarefas manuais e empregam a força física, que dependem do trabalho e seus frutos; uma noção particular de pessoa emerge nesse contexto. A categoria de classes altas é pensada em termos dos grupos que podem ser pensados como a “elite” num certo sentido, pois incorporam o que se toma pela cultura oficial, letrada e educada da sociedade brasileira; aqui, igualmente, há uma forma particular de se pensar a identidade social de uma pessoa, como um indivíduo (DUARTE, 1997).

### *Sexualidade*

As diferenças entre os dois grupos sociais, o das classes trabalhadoras e o das classes médias e altas, não são apenas na maneira com que pensam a *pessoa*, mas são fundamentalmente diferenças em termos de *visão de mundo*. Na análise descrita por Duarte, o *modelo psicológico* é um desenvolvimento da ideologia individualista, um modelo de representação da existência de um nível interno específico da realidade humana chamado psicológico, que envolve o domínio do mundo moral. No Brasil, o modelo psicológico é amplamente difundido entre as elites e absolutamente ausente das classes trabalhadoras; nestas últimas, encontra-se a preeminência do modelo do *nervoso* (DUARTE, 1997). O ponto central é que um e outro modelo estão baseados em conceitos e valores que estão em franca oposição e são típicos de segmentos sociais diferentes. Se a maneira de pensar a identidade social, o modelo de pessoa e a maneira de ver o mundo são diferentes nestes dois segmentos, infere-se que as suas representações relativas ao domínio da *sexualidade* sejam também diferentes; a idéia freudiana de *libido* como uma força motriz, por exemplo, só está presente no modelo psicológico, pertencente aos segmentos médios e altos<sup>28</sup>. O modelo do *nervoso* é um modelo físico-moral dualista que é expressivo de uma concepção de *pessoa* e de *mundo* holista e hierárquica (Duarte, 1997).

Para Duarte, há diferenças fundamentais em termos de *vivências* das classes trabalhadoras urbanas e da cultura dominante, e a *sexualidade* pode ser tomada

---

<sup>28</sup> O modelo psicológico implica uma ontologia específica do Homem, que funda o ideal individualista na realidade interior radical da *libido* e do *inconsciente* como sendo o *primum movens* e o *locus operandi* da Pessoa moderna (Duarte, 1997: 24).

como uma *vivência* do sexo (DUARTE, 1987). Falando sobre sexo e moralidade nas classes trabalhadoras, o autor ressalta que a centralidade do valor *prazer* na cultura dominante não encontra respaldo na cultura das classes trabalhadoras. A comparação de diferentes configurações culturais requer a formulação de algumas hipóteses — como a de que as classes trabalhadoras urbanas têm uma cultura própria e a de que esta cultura é diferente, e contrastivamente diferente, da cultura das classes dominantes (DUARTE, 1987).

A percepção das diferenças entre uma e outra cultura requer então que se identifique o núcleo de valores articuladores de cada uma destas. Para Duarte, na cultura dominante o sexo e a sexualidade estão fundamentalmente articulados com este núcleo de valores: o sexo consegue aglutinar a inteligibilidade, a totalidade e a identidade do sujeito moderno, através do que chama de a configuração psicológica. Na cultura dominante, encontramos uma visão de mundo “racionalista”, comprometida com um ideal de igualdade (DUARTE, 1987).

Seguindo a leitura de Duarte (1987), vemos que a cultura das classes trabalhadoras urbanas, ao contrário, é não-psicológica, não-individualista, não-sexualista, não-racionalista e não-igualitária. A identidade nestes grupos sociais reside ao nível das unidades da família e da localidade; são características desta cultura a relacionalidade, a complementariedade e a reciprocidade. O núcleo de valores da cultura das classes trabalhadoras deve ser compreendido sob o prisma da teoria da hierarquia de Dumont; a maior fonte de significações aqui é a *moralidade*, o que significa dizer que o sexo está fundamentalmente subsumido à moralidade, não perfazendo um domínio institucional autóctone ou segmentado (como o faz, juntamente com o prazer, na cultura dominante). O dualismo moralizante está expresso na oposição entre as categorias *vergonha* (moral, respeito, juízo) e *sem-vergonha* (pornografia, bobagem, sujeira, coisa feia, falta de respeito, sem juízo), uma oposição homóloga à oposição limpo / sujo (DUARTE, 1987).

### *Juventude*

A discussão sobre a concepção de adolescência e juventude deve ter deixado claro que esta é vivenciada de maneiras diferentes por diferentes grupos sociais. Como diz Bourdieu, “a *juventude* é apenas uma palavra”, i.e. se tomarmos apenas a

acepção biológica ou etária de juventude, não estamos lidando com uma unidade social, pois estaremos subsumindo sob um mesmo conceito diferentes universos sociais (BOURDIEU, 1983). É preciso estar atento para o fato de que a *juventude* tem um caráter socialmente heterogêneo (PAIS, 1995). Esta é uma categoria construída socialmente e devemos ter em mente a heterogeneidade que ela abarca quando levamos em consideração atributos sociais como o pertencimento a uma classe.

Especificamente no caso brasileiro, autores contemporâneos apontam as diferenças da *juventude* em termos de segmento social. Conforme Gouveia, “chama a atenção a situação de classe, uma vez que a experiência juvenil nos grupos populares é muito distinta daquela própria às camadas médias” (GOUVEIA, 2000: 67). Fonseca, escrevendo sobre a adoção no Brasil, explica que há diferenças fundamentais na concepção de infância (e adolescência) por parte das classes populares e das classes médias (FONSECA, 1995). Reis escreve, em artigo sobre jovens em situação de risco social, que há diferenças entre jovens de oriundos de diferentes setores sociais, destacando que a idéia da juventude enquanto *valor* ou *bem* a ser consumido tem sua origem nos segmentos médios e altos; há diferentes juventudes, e jovens de setores médios e altos têm oportunidades diferentes daquelas de que dispõem os jovens das classes populares — estes últimos têm uma necessidade de participação no mundo do trabalho que torna a passagem da infância para a vida adulta muito mais abrupta (REIS, 2000: 89-90)<sup>29</sup>. É preciso mencionar aqui que Duarte (1986) enfatiza que a oposição *mais velho / mais novo* é fundamental nas classes trabalhadoras, em que a família pode ser descrita como *adult-centered*, por oposição à família *child-centered* das classes médias em geral (DUARTE, 1986: 182), revelando, mais uma vez, diferenças de classe e de concepção de juventude.

---

<sup>29</sup> A este respeito, Duarte escreve que “Na realidade, a demarcação de uma passagem brusca para a condição de *pessoa* surge aí com uma nitidez que é exclusivamente decorrente da comparação com os modos e ritmos desse processo nas classes médias. Essa comparação suscita costumeiramente dois tipos de avaliação. Ora se fala de uma ‘adultização’ da infância reinante nas classes trabalhadoras e decorrente em boa parte da entrada prematura no mercado de trabalho (sobretudo dos *meninos* e *rapazes*), ora se fala de uma ausência da adolescência nesses grupos, face ao ideal de liminariedade lúdica que a caracteriza nas classes médias. Efetivamente, pode-se falar dessas duas características, mas elas me parecem excessivamente ‘negativas’, porque presas em demasia a nossos valores [de classe média]” (DUARTE, 1986: 186-7).

## Gênero

Devo mencionar também aqui a discussão acerca da relação entre o gênero e o pertencimento a um segmento social no contexto brasileiro<sup>30</sup>. Ao buscar apreender as relações de gênero em grupos populares, Fonseca (2000) relata ter se deparado com mais de uma lógica — haviam representações estereotipadas presentes no discurso normativo, bem como representações *diferentes*, não hegemônicas<sup>31</sup>. As relações entre homens e mulheres nos grupos populares, segundo Fonseca, difere das relações esperadas no ideário das camadas médias brasileiras (FONSECA, 2000).

As relações entre homens e mulheres entre os *pobres* são retratadas e analisadas também por Sarti (1996), que toma como foco de análise a família como universo moral; nesta análise, despontam as qualidades morais próprias de cada um — ao homem, cabe ser o pai de família (como chefe de família, deve *prover* teto e comida, assegurar o *respeito* e *proteção* da família enquanto seu chefe moral, fazer a intermediação entre a família e o mundo externo, da rua), à mulher, ser a dona-de-casa (como chefe da casa, ela mantém a unidade do grupo, sendo valorizada pela maternidade, ela administra o dinheiro). Há uma divisão complementar de autoridade na família *pobre* que está baseada nos diferentes papéis atribuídos ao homem e à mulher (SARTI, 1996).

As diferenças apontadas anteriormente acerca das diferentes concepções de mundo presentes nos segmentos populares e nos segmentos médios ou altos, feita acima, e a postulação da existência de diferentes modelos de pessoa e de formas de identidade social, conduzem a uma reflexão acerca do modo com que são pensadas as diferenças entre homens e mulheres nestes segmentos sociais. Para Duarte, a diferença entre homens e mulheres está ancorada, nas classes trabalhadoras, num modelo de pessoa chamado por ele de *nervoso*; isto significa

---

<sup>30</sup> Estudos como o de CÁCERES (1999), CONNELL (1995; 1997), KIMMEL (1997) e GUTMANN (2001), entre outros, discutem construções diferenciais de gênero, conforme a classe social, etnia e orientação sexual, enfocando a questão da *masculinidade*, em outros contextos que não o brasileiro. Segundo Connell, por exemplo, há um efeito combinado entre gênero, raça e classe que faz com que reconheçamos múltiplas masculinidades: negro e branco, classe trabalhadora e classe média (CONNELL, 1997).

<sup>31</sup> No caso em questão, a compreensão das lógicas que regem estas representações acerca da masculinidade e da feminilidade só foi possível a partir de uma análise do humor, da fofoca e outros discursos ditos espontâneos; o estudo tem por foco as múltiplas representações de masculinidade num mesmo contexto (FONSECA, 2000).

que as relações por ele apontadas entre *nervos* e *sangue* estão na base das diferenças entre homens e mulheres (DUARTE, 1997). O homem tem uma preeminência hierárquica<sup>32</sup> sobre, ou engloba, a mulher pois ele domina simultaneamente três forças: a física, a mental ou intelectual e a moral, enquanto que a mulher é considerada como sendo basicamente uma entidade moral, incapaz de ter o domínio ao nível das forças física e mental; a oposição é de uma relação de complementariedade hierárquica (DUARTE, 1986: 174).

O homem, neste modelo, está mais próximo do sangue, enquanto que a mulher o está dos nervos (DUARTE, 1997). A oposição *homem / mulher* se expressa paradigmaticamente, para este autor, na oposição *marido / mulher* e onde se articula um valor fundamental das classes trabalhadoras, o valor *família*, um foco de identidade social (DUARTE, 1986). Enquanto nas classes altas a *igualdade* é um valor, a ponto de fazer com que tudo o que evoque uma diferença de gênero seja cercado por uma ilegitimidade cada vez maior, na cultura das classes trabalhadoras urbanas, a ênfase recai sobre a diferença e a complementariedade, especialmente nas relações entre os gêneros (DUARTE, 1987).

---

<sup>32</sup> Isto é, há uma relação de hierarquia ou de oposição lógica em que o elemento englobado é ao mesmo tempo semelhante e diferente daquele elemento que lhe engloba (DUARTE, 1997: 29).

## **Sexo como fato social**

O presente capítulo centra-se numa discussão metodológica e epistemológica. A discussão metodológica e epistemológica ganha destaque e merece uma discussão de um capítulo não só porque o tema da sexualidade traz por si só questões de ordem metodológica, mas porque este é estudo que foge dos cânones clássicos da Antropologia, baseando-se em material coletado por diversos investigadores.

Explicitarei, em primeiro lugar, o objeto de análise desta dissertação e o método de pesquisa empregado. Em segundo, esboço um panorama da discussão acerca de questões metodológicas na Antropologia que se delineiam à medida em que esta ciência toma para si novos objetos e passa a discutir sociedades complexas urbanas. Passo então em revista os ganhos e perdas possíveis da presente análise considerando o fato de que os dados coletados e aqui examinados não foram coletados por um único pesquisador em campo. Termino este capítulo então explicitando em maiores detalhes a análise que me proponho a fazer e fazendo uma reflexão sobre a minha própria posição e sobre a maneira com que isto se reflete neste estudo.

### **A sexualidade como objeto**

Gostaria de explicitar e detalhar melhor o objeto e o método de pesquisa utilizados na elaboração da presente análise. Meu ponto de partida são dados que foram obtidos através de uma pesquisa muito ampla e abrangente da qual participei e que foi elaborada por um grupo de pessoas de diferentes instituições de ensino e pesquisa.

É preciso salientar que o tema da pesquisa GRAVAD, a sexualidade, traz por si só questões metodológicas importantes. Como afirma Bozon, em artigo intitulado *Observer l'Inobservable*, este tipo de pesquisa não pode estar baseada, de um modo geral, sobre os métodos clássicos da Antropologia, que envolvem, por exemplo, a chamada *observação participante*. As práticas sexuais só podem ser acessadas de

modo indireto e mediado<sup>33</sup>, à medida em que ela faz parte de um domínio, ao menos na sociedade brasileira contemporânea, que é o da *intimidade* (BOZON, 1995b). Bozon questiona os métodos conhecidos nas Ciências Sociais, a observação participante e a análise de discurso, para o estudo da sexualidade:

Na realidade, é fundamental se reafirmar que uma característica essencial da atividade sexual é que ela é inacessível para a observação, o que coloca dificuldades para uma observação do tipo experimental ou participante. Não se pode basear aqui, a não ser em raros casos, sobre os métodos da Antropologia. Para abordar estas práticas que fazem parte do domínio da intimidade, o pesquisador da sexualidade não se pode contentar em assumir a posição de um simples *voyeur* (...) É preciso que se utilize de outros sentidos, eventualmente à distância, devendo mesmo escutar as conversas sobre práticas sexuais. Neste domínio, não há observação que não a indireta e mediata. [BOZON, 1995b: 48-9]

A análise do discurso acerca das práticas sexuais, na forma de entrevistas, por exemplo, aparece aqui como uma maneira de se tornar a *atividade sexual* um objeto para investigação nas Ciências Sociais. Ainda assim, é preciso dizer que se questiona a veracidade e confiabilidade de dados obtidos através de entrevistas com informantes visto o caráter privado e moral que cerca o tema. Em outro plano, este mais epistemológico do que metodológico, discute-se acerca da representatividade das informações coletadas, uma vez constatada a imensa variabilidade numa mesma sociedade em termos de comportamento sexual — variabilidade esta já constatada nas pesquisas realizadas por estudos clássicos neste campo, em uma perspectiva psico-médica, como as de Kinsey<sup>34</sup>.

Bozon (1995b) salienta que há vários estudos contemporâneos na área das Ciências Sociais no mundo que são sobre *sexualidade*, mas poucos são os que buscam tratar — por mais paradoxal que isto possa parecer à primeira vista — das *relações* ou das *práticas sexuais* propriamente ditas. Estudos sobre a sexualidade, no limite do construtivismo teórico, descrevem *sistemas de significações sexuais*, assim como se descreveria um sistema de crenças, sem fazer menção às práticas sexuais, ao que fazem os corpos mesmos, como se estas pudessem ser inferidas

---

<sup>33</sup> É evidente que existe a possibilidade de se fazer observação direta e até mesmo participante de atividades sexuais, mas é certo que os dados neste caso estão limitados, tendo sido feitos com grupos ou locais específicos (prostituição, *strippers*, *backrooms* gays, clubes de *swing*, orgias, cinemas pornográficos em que ocorrem encontros sexuais, etc.).

<sup>34</sup> Trato em maiores detalhes de Kinsey mais adiante neste capítulo. Sobre a questão da variabilidade de práticas sexuais em uma sociedade, ver TUZIN, 1995 e BERK, ABRAMSON, OKAMI, 1995.

secundariamente, não sendo mais do que a consequência deste sistema (BOZON, 1995b)<sup>35</sup>.

Antropólogos como Tuzin também reclamam que os estudos que existem tendo por objeto o sexo enfatizam o simbólico, dando pouca ênfase ao comportamento sexual propriamente dito (TUZIN, 1995). Este autor reivindica uma perspectiva interacionista dado o caráter “biocultural” da natureza humana. Ele argumenta que há uma carência teórica em termos da análise do comportamento sexual, este sendo uma espécie de terceiro excluído nos estudos antropológicos, que prescinde de um maior refinamento conceitual — terceiro excluído que é, primeiro, a experiência sexual propriamente dita e, depois, o campo do prazer sexual (TUZIN, 1995: 258; 268).

Segundo Leal e Fachel (2000), novas questões metodológicas são colocadas com o surgimento de um novo *objeto* e *campo*, identificado por elas de *saúde reprodutiva* — sob esta sigla, estão englobadas as *práticas sexuais*, questões de *reprodução* e *contracepção*, bem como de *doenças sexualmente transmissíveis*. Uma questão fundamental que se coloca, segundo estas autoras, está no fato de que se trata de *sexualidade*:

Está-se lidando com *sexualidade*, tema que em nossa tradição cultural é da ordem do *intimo*, da *subjetividade*, da *individualidade*, enfim, do *privado*, valores que, como tais, deveriam permanecer aquém do escrutínio das ciências sociais objetivantes. A antropologia, em sua tradição etnográfica, esmiúça por vezes o *privado* dos *outros* (mesmo quando não foi convidada) e tem algo de concreto como procedimento de investigação a oferecer para o desvendamento deste *privado*. Além disto, dentro do escopo da teoria antropológica, existe uma discussão relevante a respeito de corpo (...) em sua capacidade de significar e processos biológicos enquanto construtos sociais. [LEAL & FACHEL, 2000: 103-4]

Deve-se salientar que as questões metodológicas suscitadas pelo tema da sexualidade não são exclusivas das Ciências Sociais. No campo bio-médico, também a questão de como investigar o comportamento sexual não é facilmente

---

<sup>35</sup> Um dos efeitos da epidemia de HIV/AIDS, segundo BOZON (2002), foi o maior desenvolvimento de pesquisas sobre o comportamento sexual; na França, as grandes pesquisas neste campo são quantitativas e visam obter dados para a formulação e avaliação de políticas públicas no sentido da prevenção da doença. Muitas são elaboradas de modo a produzir dados comparáveis para diferentes regiões ou países. As pesquisas qualitativas que vêm sendo feitas são no campo da Antropologia e da Psicologia. Estas são muitas vezes tidas como complementares às pesquisas quantitativas; as antropológicas com frequência estão circunscritas a lugares ou populações considerados de acesso difícil, enquanto que as psicológicas dedicam-se a representações da AIDS e da contaminação ou a estudos de estruturas de personalidade.



resolvida; aqui, também, há debates acerca da observação direta e das entrevistas sobre as práticas sexuais<sup>36</sup>. Gostaria de mencionar que há pesquisas bio- ou psicomédicas consideradas pioneiras ou inovadoras — ainda que em número reduzido — sobre a sexualidade desde o princípio do século XX, como nos mostra Robinson (1977), em *A Modernização do Sexo*. A inovação principal dos autores estudados nesta obra parece estar no que ele chama o seu *modernismo sexual*, i.e. em sua rejeição de doutrinas e pressupostos baseados num conceito sexual vitoriano: “em oposição aos vitorianos, os modernistas sustentavam que a experiência sexual não era uma ameaça à moral, nem um desperdício da energia vital” (ROBINSON, 1977: 12). Estes autores se colocavam contrários a uma percepção puramente moral da sexualidade, defendendo uma apreensão científica desta esfera do comportamento humano. Para isto lançaram mão de diferentes “métodos científicos”, tais como a entrevista e a observação direta, e procuraram contemplar em suas pesquisas amostras quantitativa e qualitativamente significantes. Neste sentido, buscaram se diferenciar de Freud que desenvolveu toda a sua teoria a partir dos casos que chegavam até o seu consultório e que, portanto, já tinham indicações de patologia.

No princípio do século XX, Havelock-Ellis argumentava, em *Studies in the psychology of sex* (em seis volumes, publicados entre 1897 e 1910), que o homossexualismo era uma inversão de natureza congênita (portanto não era imoral, não era um vício nem uma forma de comportamento cultivada voluntariamente), que não era uma doença propriamente (era denominado por ele de “anormalidade” ou “anomalia”) e mencionava vários homossexuais que haviam feito grandes contribuições para a humanidade, especialmente de cunho artístico ou intelectual. Seu método de investigação envolvia um estudo histórico e a análise de um conjunto de autobiografias, produzidas sob a solicitação do pesquisador (ROBINSON, 1977).

A teoria básica de Sigmund Freud a respeito da sexualidade era diferente da de Ellis. No princípio do século XX, Freud argumentava que o homossexualismo não era congênito, mas sim uma inversão adquirida (ROBINSON, 1977), resultante das experiências particulares que uma criança tinha com seus pais (e outros). Apesar das diferenças, Freud e Ellis concordavam sobre um ponto: a orientação

---

<sup>36</sup> Vale lembrar aqui, entretanto, que outras áreas de conhecimento necessariamente terão enfoques diferentes quando se colocarem questões metodológicas e epistemológicas: “Outras áreas, como a Medicina, de onde imigrou o conceito de *saúde reprodutiva*, a Demografia e a Epidemiologia,

homossexual não deveria ser pensada como uma patologia (HEREK, 2002). As análises freudianas estavam baseadas no exame de casos clínicos, de pessoas que ou bem era consideradas problemáticas ou bem tinham procurado auxílio espontaneamente.

O pesquisador Alfred Kinsey, formado zoologista e taxonomista, realizou estudos empíricos sobre o comportamento sexual de adultos nos Estados Unidos; foi um dos mais influentes pesquisadores sobre o tema da sexualidade (ROBINSON, 1977), tendo construído uma base empírica de dados imensa (entre 1938 e 1956, sob a coordenação de Kinsey, foram feitas dezoito mil entrevistas individuais sobre o comportamento sexual<sup>37</sup>). O seu projeto de pesquisa data da metade do século XX — *Sexual behavior in the human male* é de 1948 e *Sexual behavior in the human female* é de 1953. Segundo Robinson, “o princípio fundamental da ideologia sexual de Kinsey era a tolerância” (ROBINSON, 1977: 65), princípio este fundado na extrema diversidade e variedade de comportamentos sexuais que ele havia constatado:

Havia, percebeu ele [Kinsey], significativas diferenças no comportamento sexual de várias classes sociais, e diferenças ainda maiores nas práticas sexuais de diversas culturas. Acima de tudo, havia uma excepcional proporção de variações individuais, inclusive muitas técnicas diferentes de intercurso sexual e uma variedade bem maior de atitudes psicológicas associadas ao ato sexual. (...) Uma vez que a escala de comportamento sexual — e, presumivelmente, de desejo — era tão extrema, deduzia-se que qualquer tentativa para estabelecer padrões uniformes de atuação sexual era não só impraticável, mas também injusta. [ROBINSON, 1977: 65]

O tema da imensa variabilidade de comportamento era complementado por Kinsey pela constatação e revelação de que muitas práticas sexuais tidas como raras (muitas delas sendo ilegais nos Estados Unidos à época) não eram raras, pelo contrário, tinham alta incidência. Kinsey afirmava, por exemplo, que o homossexualismo estava na origem de pelo menos um orgasmo durante o curso de vida de trinta e sete por cento dos homens adultos (ROBINSON, 1977). Outras práticas cuja prevalência Kinsey salientava como sendo maiores do que se supunha eram a masturbação e relações sexuais pré-maritais.

---

possivelmente terão se debruçado sobre estas questões, mas com parâmetros que dizem respeito àquelas áreas de conhecimento” (LEAL & FACHEL, 2000: 103).

<sup>37</sup> Duas questões são levantadas com relação aos dados de Kinsey: (i) qual a veracidade e/ou precisão das informações obtidas pelas respostas dadas em entrevistas e (ii) se a sua amostra é representativa de toda a população norte-americana (ROBINSON, 1977: 58-9).

Kinsey criou uma chamada *escala de classificação hetero-homossexual*, em que as pessoas poderiam ser classificadas por meio de sete categorias, de acordo com suas preferências sexuais — o número zero da escala denotando a pessoa *exclusivamente heterossexual* enquanto o número seis seria a *exclusivamente homossexual* (ROBINSON, 1977).

Outros dois pesquisadores do campo bio-médico que analisaram a sexualidade a partir de um viés inovador foram William Masters e Virginia Johnson; seus projetos de pesquisa datam da segunda metade do século XX e suas obras principais são *Human Sexual Response* (1966) e *Human Sexual Inadequacy* (1970). Estes pesquisadores tiveram a iniciativa de fazer pesquisa empírica sobre o comportamento sexual, relatando suas observações de pessoas tendo relações sexuais ou se masturbando; deram, por assim, dizer, o passo seguinte depois de Kinsey. As pessoas que participaram de seus estudos eram voluntários, muitos sendo estudantes universitários<sup>38</sup>. A motivação de Masters e Johnson para suas pesquisas é terapêutica — “o tratamento da insuficiência sexual” (MASTERS & JONHSON, citados por ROBINSON, 1977: 144). O quadro analítico da sua obra baseia-se na sua *teoria das quatro fases* da reação sexual:

Tanto nos homens quanto nas mulheres, argumentam eles, o ‘ciclo’ sexual pode dividir-se em quatro etapas: a fase de excitação, a fase platô, a fase orgásmica e a fase de resolução. [ROBINSON, 1977: 149]

Masters e Johnson enfatizam as semelhanças sexuais entre homens e mulheres. Em *Human sexual response*, segundo Robinson, os autores parecem dizer que as mulheres são mais fortes, sexualmente, do que os homens (1977: 161), pois elas têm padrões de reação sexual muito variados e múltiplos orgasmos, conquanto eles tenham um único padrão e seus orgasmos são limitados por um período refratário. A amostra de Masters e Johnson inclui apenas pacientes que têm orgasmo em relações heterossexuais e que são capazes de se masturbar até chegar a um orgasmo, tendo sido excluídos pessoas portadoras de “aberração sócio-sexual” (ROBINSON, 1977: 162). A vida sexual é pensada, por estes pesquisadores, “em termos de duradoura e sincera afeição nas relações heterossexuais” e eles se interessam sobremaneira pela reprodução (ROBINSON,

---

<sup>38</sup> No princípio de suas pesquisas — e aqui vale frisar que eram estudos clínicos —, tentaram fazer estudos envolvendo prostitutas, mas logo viram que havia problemas em se basear apenas neste

1977: 166). Masters e Johnson têm o mérito, segundo Robinson, de ter focado positivamente e estudado com maior cuidado a sexualidade geriátrica (ROBINSON, 1977: 174). Por fim, devo mencionar que a discussão que Masters e Johnson fazem do homossexualismo é deste como um fator na etiologia da incapacidade sexual (ROBINSON, 1977: 189).

A discussão metodológica que a escolha pelo estudo da *sexualidade* impõe, em particular no campo das Ciências Sociais, está relacionada à discussão no campo psico-médico. Outro tema desta discussão metodológica diz respeito exatamente à interlocução entre diversos campos de saber<sup>39</sup>. Áreas como a Medicina, a Epidemiologia e a Demografia têm preocupações com dados que sejam *estatisticamente representativos*; antropólogos preocupam-se, por sua parte, com relações sociais, práticas sociais, representações sociais. O diálogo é possível se os antropólogos forem capazes de formular mais do que uma descrição de fatos individuais, i.e. se for possível, na sexualidade, uma descrição de um certo padrão de comportamento. É claro que uma perspectiva propriamente *antropológica* deve estar sempre presente, o que significa dizer que o objetivo da análise deve ser em última instância o de desvelar significados e representações sociais, e não o de descobrir correlações estatísticas.

A riqueza do fazer etnográfico, com suas descrições densas e pesquisas de longa duração, pode ser percebida como uma limitação na interlocução com outras ciências. Uma solução possível pode ser vista em mais de uma proposta de pesquisa do Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a elaboração de um Roteiro de Entrevista Etnográfica (REE) a ser aplicado por mais de um pesquisador em campo (sempre tendo em mente que se sabe que a soma de todos os tempos de observação de vários sujeitos não pode substituir o tempo de um só antropólogo que fique imerso em campo por um longo período). Tratarei, mais adiante neste capítulo, em maiores detalhes, desta proposta metodológica.

---

universo de pesquisa, pois muitas vezes os órgãos sexuais apresentavam 'anormalidades' decorrentes de doenças sexualmente transmissíveis.

<sup>39</sup> Interlocução que se dá não somente pela temática afim, mas também como exigência das fontes financiadoras e pelo fato de que neste campo a ênfase está na produção de um conhecimento que tenha aplicabilidade (cf. LEAL & FACHEL, 2000).

## Um olhar antropológico na contemporaneidade

Disse antes que o meu ponto de partida são dados que foram obtidos através de uma pesquisa muito ampla e abrangente da qual participei, o projeto GRAVAD. Uma série de decisões metodológicas foram tomadas na elaboração do referido projeto, entre elas, a de que na etapa qualitativa o material e o método de apreensão de informações seria a entrevista, mais especificamente, a entrevista formal semi-estruturada, aplicada a partir de um roteiro de entrevista elaborado pelo conjunto de pesquisadores do projeto GRAVAD – que já tinham experiência etnográfica com temas em estudo.

Os dados aqui analisados foram coletados, portanto, não apenas por mim, mas também por vários outros pesquisadores, vinculados à pesquisa GRAVAD. A primeira questão que se coloca então é uma questão fundamental à Antropologia, a questão do *olhar* ou perspectiva. É cara à Antropologia a idéia de uma alteridade<sup>40</sup> e de um conhecimento a partir de um fato social total, resultados de uma relação específica que se constrói entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados. Em primeiro lugar, gostaria de argumentar que, ainda assim, apesar da multiplicidade de investigadores que participaram do projeto GRAVAD, o “meu” objeto de estudos aqui é uma construção intelectual em que está implicada a minha própria subjetividade (FONSECA, 2000).

A questão da “alteridade”, objeto da Antropologia, implica uma outra, a de comunicação: para que haja uma comunicação efetiva, no caso da alteridade, são necessários pelo menos dois sujeitos e uma distância, ou diferença, reconhecida por ambos, entre os dois. Nos estudos clássicos da disciplina antropológica, a alteridade é construída entre dois pólos, o primeiro sendo o do pesquisador (um único), o segundo, o do Outro (este pensado como múltiplo, pois é tradicionalmente um povo ou grupo ou conjunto de pessoas).

A partir da década de 1980, assistimos a uma proliferação e multiplicação de problemáticas e métodos dentro da Antropologia. Bernand e Digard retratam com precisão esta multiplicidade, chamando atenção para o fato de que, na etnologia francesa, esta proliferação é resultado de um duplo processo, (i) de extensão do campo temático da etnologia e de uma maior exploração dos campos de saber que

estão na interface com a etnologia, por um lado, e (ii) da extensão do campo geográfico da etnologia francesa, indo desde a inclusão de novos cenários como o sudeste asiático e a China até a expansão provocada pela Antropologia urbana. Analisando estudos do Teerã aos de Tehuantepec, os autores demonstram como cada área geográfica requer uma abordagem antropológica particular que esteja adaptada aos traços culturais e sociais da região e que leve em consideração as condições históricas que deram forma à etnologia enquanto disciplina naquele local. Cada área cultural levanta portanto questões teóricas específicas; a unidade da etnologia, à primeira vista, parece estar assim ameaçada; o seu objeto parece se esvaír. Irrompem em cena a História, a Modernidade, a Secularização, a idéia de homogeneização de traços culturais. A etnologia agora é, então, *re-pensada* como a ciência que estuda a alteridade, pois esta alteridade ganha diversos sentidos (BERNAND & DIGARD, 1986).

As chamadas sociedades complexas, sociedades urbanas modernas, colocaram novos desafios metodológicos à Antropologia, não permitindo mais que se pense numa cultura como uma entidade isolada e auto-contida, e trazendo à tona a questão da alteridade e da comunicação agora sob outro enfoque<sup>41</sup>. O estudo etnográfico de campo clássico não é mais pensado como a única — ou mesmo sempre a melhor — abordagem quando se fala em *globalização* e em *sociedades urbanas complexas*. Não estou com isto dizendo, é claro, que a técnica clássica de trabalho de campo em geral esteja sendo, ou possa ser, abandonada.

A necessidade de se repensar o processo de pesquisa antropológica como um todo surge a partir do momento em que os antropólogos são obrigados, atualmente, a re-significarem seus modos de pensar sobre o trabalho de campo e a adaptarem este método de pesquisa a novos objetos de estudo. Os objetos de estudos já não são mais simplesmente “povos” e temáticas que possam ser pensados facilmente em termos de locais, ou sítios, próprios para a realização de observação participante (MARCUS, 1998). Na Antropologia clássica, a unidade do objeto de estudo era dada, em geral, pelo espaço territorial ou pelo grupo social/étnico estudado. Em sociedades urbanas complexas, a unidade de muitos

---

<sup>40</sup> Sobre os diversos níveis de alteridade implicados nas relações sociais, ver KNAUTH (1997); sobre a alteridade como uma idéia moderna, ver RIETH (1999).

<sup>41</sup> A Antropologia Urbana em muitos casos implicou um re-pensar a questão do “estranhamento”: o objeto de estudo não estava mais lá longe, e sim ao nosso lado, no nosso quintal, por assim dizer.

estudos contemporâneos acaba sendo dada pela *temática* de estudo, não mais pelo espaço ou pela etnia.

Dependendo do objeto de estudo — e.g. uma sociedade complexa —, a observação participante pode não ser mais possível, ao menos não nos moldes clássicos, conforme pregado, por exemplo, por Malinowski (1976). A Antropologia urbana deve incorporar materiais escritos, técnicas e/ou dados de *survey*, estudos históricos, romances, jornais e tantas outras fontes<sup>42</sup>; o desafio então é encontrar um modo de apreender, pensando através de todos estes materiais coletados, as realidades de grupos sociais complexos e de grande escala, sem perder a riqueza ou mesmo densidade própria de bons trabalhos etnográficos clássicos. Outros antropólogos — e aqui Lévi-Strauss é um bom exemplo — já trabalharam com material não coletado diretamente por eles mesmos, sem que isso implicasse necessariamente uma perspectiva de “antropologia de gabinete” (cf. RADCLIFFE-BROWN, 1980: 196-7).

Fundamentalmente, deve ser o *olhar antropológico* (dado pelo tipo de questões básicas que orientam a totalidade da investigação), empregado na leitura destes dados oriundos de diversas fontes, o que confere o estatuto de antropológico ao conhecimento assim produzido. Uma abordagem antropológica ou etnográfica deve estar baseada na idéia de que a compreensão e explicação dos comportamentos humanos depende de se tomar como referência o contexto social em que ocorrem. Tratando da Antropologia enquanto um corpo de saber, e do método comparativo, Radcliffe-Brown afirma que estudos intensivos de sociedades particulares não bastam, é preciso que haja alguma forma de comparação, o que implica que qualquer elemento estudado em uma sociedade particular deve ser pensado com relação, ou em referência, ao sistema total de que faz parte:

Frazer representava a antropologia de gabinete em Cambridge, usando o método comparativo, enquanto que Haddon insistia na necessidade de estudos ‘intensivos’ de sociedades particulares, mediante a pesquisa de campo sistemática realizada por observadores competentes. (...) Os ensinamentos da escola antropológica de Cambridge eram favoráveis, não ao abandono da antropologia de gabinete, mas à sua combinação com estudos intensivos de sociedades primitivas particulares, nos quais qualquer instituição, costume ou crença da sociedade fosse examinado em relação ao sistema social total do qual era uma parte ou item. Sem estudos comparativos sistemáticos, a Antropologia tornar-se-á mera historiografia e

---

<sup>42</sup> A relação entre registros escritos, discursivos e observações de campo é descrita na literatura como *triangulação* de informações (VÍCTORA et. al. 2000).

etnografia. A teoria sociológica deve estar baseada na comparação sistemática e por ela ser continuamente testada. [RADCLIFFE-BROWN, 1980: 196-7]

Buscar o ponto de vista do nativo é buscar o significado que têm os comportamentos e práticas para os próprios praticantes, tendo sempre em mente que as práticas se organizam em função de regras e valores que não estão explicitados, mas sim incorporados às pessoas (VÍCTORA et. al. 2000). A opção por trabalhar com os dados do projeto GRAVAD tem implicações epistemológicas e metodológicas sobre o meu estudo. Se, por um lado, há perdas, no sentido de que não tenho o controle absoluto de todo o contexto da pesquisa em campo, pois esta é realizada por vários investigadores, por outro, há ganhos imensos, dados por uma perspectiva comparativa que dificilmente seria possível obter em um período de tempo tão curto. Como se verá mais adiante neste capítulo, o presente estudo apresenta três elementos importantes de comparação, a saber, o sexo dos entrevistados, o segmento social a que pertencem e a cidade em que residem.

A minha proposta de análise é, antes de mais nada, *antropológica*, tendo como perspectiva a apreensão da vida social como uma *totalidade*; o exame do conjunto de dados apresentados nesta dissertação, bem como a análise de *representações sociais* acerca da experiência afetiva, amorosa e sexual de jovens, estão calcados na suposição de que as representações e práticas relativas à sexualidade em geral estão inseridas num sistema maior de disposições sociais — de crenças, representações, valores, organização familiar, organização política, organização da subsistência — e devem ser referidas a esta globalidade (cf. LEAL & FACHEL, 2000: 105). A dificuldade está em quando a *totalidade*, ou *globalidade*, referida é uma sociedade moderna, urbana; uma forma de tentar dar conta desta complexidade já referida é precisamente a de conceber uma abordagem que nos permita pensar diferenças existentes em termos, por exemplo, de gênero, de segmento social ou de região geográfica.

Talvez, ao mencionar a referência a uma totalidade na Antropologia, eu esteja dando provas da dificuldade (ou mesmo impossibilidade) de se exorcizar o “fantasma”, mencionado por Marcus (1998), que vive enfronhado na etnografia. Segundo Marcus, a idéia de que as culturas não são entidades estanques, que estão (cada vez mais) em circulação, faz com que todos os locais e sítios para pesquisa de trabalho de campo tenham se tornado perspectivas parciais daquilo que



a Antropologia clássica pretende estudar completa ou holisticamente; o compromisso, duradouro, da Antropologia a um certo sentido de holismo dentro do caso particular amplamente observado é justamente o que ele chama de o fantasma funcionalista que está entranhado na etnografia (MARCUS, 1998)<sup>43</sup>.

Autores norte-americanos como Marcus e Fischer (1986) afirmam que a idéia de uma mudança na ordem mundial tem fomentado um desafio profundo aos propósitos<sup>44</sup> e aos estilos das principais teorias nas Ciências Sociais; o debate se centraria em como um mundo pós-moderno emergente pode ser representado como um objeto para o pensamento social em suas diferentes manifestações disciplinares contemporâneas. Mais especificamente dentro do campo da Antropologia, o problema central de como representar a realidade social num mundo que está em rápida transformação coloca questões sobre o trabalho de campo e a escrita etnográfica (MARCUS & FISCHER, 1986).

Clifford fala também em uma mudança, num mundo pós e neo-colonial, em que surgem novas regras para o fazer e o saber etnográficos (CLIFFORD, 1986); surge em cena a figura do “etnógrafo nativo”, não se pode mais pensar que a Antropologia é quem tem voz de autoridade para falar por outros (definidos como incapazes de falarem por si mesmos, como “primitivos” ou “sem história”), nem que se possa distanciar grupos sociais facilmente (como se não fizessem parte de sistemas mundiais, em que estão implicados tanto o etnógrafo quanto os povos estudados por ele).

O que surgiu (...) de todas estas mudanças ideológicas, mudanças de regras e novos compromissos é o fato de que uma série de pressões históricas começaram a reposicionar a Antropologia com respeito aos seus “objetos” de estudo. (...) As “culturas” não ficam paradas esperando que tiremos o seu retrato. (...) A crítica do colonialismo no período pós-colonial (...) foi reforçada por um processo importante de teorização sobre os limites da própria representação (...) As posições se proliferam: “hermenêutica”, “estruturalismo”, “história das mentalidades”, “neo-marxismo”, “genealogia”, “pós-estruturalismo”, “pós-modernismo”, “pragmatismo”; também se proliferam as “epistemologias alternativas” — feminista, étnica, não-ocidental. [CLIFFORD, 1986: 10]

---

<sup>43</sup> Marcus escreve que “O ato fundante da ficção em qualquer projeto de escrita etnográfica é a construção de um todo que garante a factualidade do ‘fato’” (MARCUS, 1998: 35).

<sup>44</sup> Dois propósitos tradicionais da disciplina mencionados seriam (i) o salvamento de formas de vida culturalmente distintas de um processo de aparente ocidentalização, recusando-se a aceitar uma percepção convencional de homogeneização; e (ii) ter servido como uma forma de crítica cultural de nós mesmos, ao retratar outros padrões culturais para refletir com auto-crítica sobre nossos próprios modos de ser.

Autores franceses, como Gérard Althabe, por sua vez, analisam os esforços, na França, de se fazer da Antropologia um modo de conhecimento da sociedade contemporânea, demonstrando como estes ainda estão sujeitos à continuação de uma conjuntura histórica, mantendo a subordinação de uma etnologia “hexagonal” às etnologias “do longínquo” ou do “distante”. Mantém-se, desta forma, um dispositivo epistemológico segundo o qual o conhecimento etnológico ou antropológico só pode produzir-se no interior de um universo que seja estranho ao pesquisador<sup>45</sup>. A legitimidade mesmo das Ciências Sociais enquanto conhecimento foi construída, na França, como o conhecimento de sociedades definidas como longínquas, i.e. a partir da construção de uma separação, de um universo social estranho (ALTHABE, 1992).

Numa perspectiva, segundo Althabe, introduz-se então uma distância, um estranhamento, com base no discurso, estabelecendo-se contigüidades e analogias com eventos observados em outras sociedades que não a francesa; assim, uma partida de futebol é pensada como um evento religioso e jovens das periferias urbanas são descritos como *tribos urbanas*. Noutra perspectiva, reproduz-se no universo urbano contemporâneo francês o modelo epistemológico sobre o qual se desenvolveu toda a etnologia *du lointain*, i.e. produzem-se sujeitos que sejam atores de um universo social estranho ao pesquisador (o pesquisador então se propõe, a partir da posição de exterioridade que lhe é assim conferida, a construir um conhecimento antropológico); a tendência, aqui, é escolher os sujeitos mais afastados do pesquisador, como o são os habitantes das periferias urbanas e as minorias étnicas, transformando-se uma distância social em uma separação do tipo etno-cultural (ALTHABE, 1992).

O que está em jogo é a legitimidade do conhecimento antropológico, pois à medida em que se reduziu as diferenças etno-culturais, quando nos confrontamos com o presente e com nossa própria sociedade, esfacela-se a legitimidade da pesquisa etnológica na França — e acirram-se as disputas entre uma etnologia “hexagonal” e a já consolidada sociologia no espaço urbano (ALTHABE, 1992). A busca de uma legitimidade então se dá pela construção da especificidade da etnologia; os etnólogos apresentam-se como especialistas no conhecimento dos

---

<sup>45</sup> Acerca da questão epistemológica sobre a possibilidade em geral de um antropólogo conhecer o ponto de vista do nativo, ver também GEERTZ (1997), que ressalta o conceito de *pessoa* como

dispositivos simbólicos que são produzidos e produzem a vida social; para Althabe, esta ainda não é a melhor solução, posto que tende-se a isolar nestas análises o cenário ritual e simbólico da própria prática social, que confere sentido a este mesmo cenário (ALTHABE, 1992).

Por fim, devo mencionar que também outras questões metodológicas e epistemológicas foram colocadas à pesquisa antropológica nas sociedades urbanas complexas contemporâneas, ainda, pela existência, hoje em dia, de uma facilidade relativa de deslocamento. É possível hoje em dia elaborar um projeto de pesquisa em que se preveja diversos retornos ao campo original de estudos; não se pensa mais como absolutamente necessário que a ida a campo, por parte do antropólogo, implique seu total isolamento ou confinamento em um determinado local por um longo período de tempo. Estudos antropológicos e arqueológicos contemporâneos assim podem ser concebidos como trabalhos de equipe, que visam um estudo sistemático de uma certa região, ou de um sítio arqueológico determinado, durante um certo período de tempo, supondo uma série de visitas a um mesmo local ou região.

### **Muitas entrevistas, vários entrevistadores**

A minha decisão de trabalhar com os dados oriundos da pesquisa GRAVAD deu-se pela minha participação nesta pesquisa e pela riqueza dos dados disponíveis. Isto implicou, por sua vez, que o material de que eu dispunha seria o destas entrevistas e relatórios de entrevistas, aliado ao estudo da bibliografia corrente sobre o tema. A entrevista é uma forma particular de apreender dados, em que temas e questões são propostos pelo entrevistador, uma forma de apreensão que difere assim das observações de um fluxo cotidiano de conversa e observações feitas no trabalho de campo clássico da Antropologia.

Numa entrevista semi-estruturada de uma pesquisa tão grande quanto a do GRAVAD, é imprescindível que alguns temas comuns sejam abordados para que, ao final, o conjunto de dados e informações colhidas seja um de dados comparáveis entre si. É sabido que a comparabilidade é fundamental em estudos antropológicos e esta deve se dar na forma de estudos comparativos *sistemáticos*, pois é o método

comparativo que pode levar do particular para o geral (RADCLIFFE-BROWN, 1980)<sup>46</sup>.

A fim de garantir a comparabilidade dos dados coletados em cada centro de pesquisa, as entrevistas seguiram um Roteiro de Entrevista Etnográfica (REE); o uso deste roteiro (REE) permitiu a sistematização dos dados, utilizando-se de focos temáticos para organizar o discurso do informante. As entrevistas realizadas seguiram procedimentos usuais da pesquisa etnográfica, sendo feitas em profundidade e face-a-face<sup>47</sup>. O que se enfatiza na situação de entrevista é a situação etnográfica, limitando-se por isso mesmo no roteiro (REE) o número de perguntas e respostas do tipo fechadas a um mínimo possível. Pode-se dizer que o projeto GRAVAD buscou, com a realização destas entrevistas, uma espécie de “etnografia concentrada”, como a descrita em LEAL & FACHEL (2000)<sup>48</sup>.

O fato de que a informação seja solicitada de maneira sistemática, seguindo um roteiro, não acarreta necessariamente que temas interessantes e não formulados pelo entrevistador que surjam ao longo da entrevista não venham a ser discutidos. A experiência do entrevistador, neste sentido, pesa bastante, assim como o seu profundo conhecimento daquele roteiro de entrevistas em particular, para que ele consiga solicitar todas as informações necessárias com alguma flexibilidade, i.e. sem direcionar o tempo todo a conversa de acordo com a ordem das questões propostas no roteiro.

O grande número de investigadores em campo realizando simultaneamente entrevistas permitiu a realização de um número expressivo de entrevistas em

---

<sup>46</sup> Como deve ficar claro ao longo da leitura da presente dissertação, a preocupação com a comparabilidade não se limitou a uma questão “interna” ao projeto GRAVAD, que seria a de comparar dados produzidos pelos três centros de pesquisa, mas incluiu uma questão maior, de produção de um conhecimento que pudesse dialogar com outras pesquisas sobre temas afins, fossem do campo das Ciências Sociais, fossem dos campos bio- ou psico-médicos. A título de exemplo desta última preocupação, refiro a discussão feita sobre *adolescência* ou *juventude* no capítulo anterior.

<sup>47</sup> O Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS/UFRGS) já se utilizou em outras pesquisas de Roteiros de Entrevista Etnográfica, com a participação de vários investigadores, como na pesquisa *Corpo, Sexualidade e Reprodução: Um estudo de representações sociais*, coordenada por Ondina Fachel Leal e financiado pela Organização Mundial de Saúde, mencionado por exemplo em VÍCTORA et. al. (2000) e LEAL (2001).

<sup>48</sup> As autoras referem-se ao projeto *Corpo, Sexualidade e Reprodução*, mencionado na nota anterior do presente capítulo. A “etnografia concentrada” aproxima-se do RAP, ou *Rapid Assessment Procedure*, discutido na área da Antropologia Médica. Um exemplo de uso do procedimento RAP encontra-se em artigo de Marilyn K. Nations e Cristina M. G. Monte, sobre a resistência de populações urbanas residentes em favelas do nordeste brasileiro às campanhas de cólera em 1993 (NATIONS & MONTE, 1997).

profundidade que, de outra forma, não poderiam ter sido realizadas neste mesmo período de tempo por apenas um pesquisador. Devo mencionar aqui que são cento e vinte e três entrevistas, realizadas em três capitais brasileiras, seguindo o mesmo roteiro (REE), num período de apenas alguns meses, indo do final de 1999 ao início de 2000. Especificarei, no próximo capítulo, este conjunto de entrevistas.

O primeiro cuidado que se teve no sentido de produzir um material rico e, principalmente, *comparável*, foi o de usar um roteiro padronizado, o REE. O segundo cuidado, não menos importante, foi a elaboração, por parte dos pesquisadores sênior, em cada centro de pesquisa, de um programa de treinamento no qual deveriam participar todos os investigadores. O treinamento visava homogeneizar ou padronizar, da melhor maneira possível, estes diferentes *olhares* que incidiriam sobre os dados, na ida a campo simultânea de várias pessoas (estas deveriam ir a campo com um olhar treinado e atento a algumas mesmas questões). Todos fizeram algumas leituras selecionadas, participando em seguir de debates, em forma de seminário, destes textos e de questões antropológicas relativas ao projeto GRAVAD, sendo orientados pela coordenação de cada centro sobre os objetivos, hipóteses e pressupostos teóricos do projeto. O terceiro cuidado foi tomado depois da realização de cada entrevista, pois os pesquisadores sênior discutiram os contextos das entrevistas com cada investigador e depois em reuniões maiores, de todos pesquisadores sênior (de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador).

O treinamento de pesquisadores, referido acima, é um dos desafios deste projeto de pesquisa, sendo um processo intenso, custoso e com uma certa duração (cerca de um mês). Sem este treinamento, contudo, seria impossível pensar que cada um dos investigadores em campo tinha clareza quanto aos focos temáticos e as discussões teóricas implicadas na aplicação das entrevistas pelo projeto GRAVAD. A aplicação do roteiro (REE) e a elaboração do relatório de entrevista, detalhando os pormenores observados em campo e da aplicação do próprio roteiro (REE), são compreendidos como momentos de pesquisa etnográfica, em que informações coletadas em campo são sistematizadas e elaboradas. Esta sistematização já é, em si mesma, uma forma de homogeneização e padronização de um conjunto de preocupações analíticas fundamentais do projeto GRAVAD.

Ao discutir um processo de padronização mínimo de diversos olhares em campo, não estou desconsiderando que o contexto da coleta de dados sempre

modifica de alguma forma o próprio dado. Como já disse acima, reconheço que a construção da alteridade e a comunicação são questões fundamentais na disciplina antropológica. O projeto GRAVAD buscou, em primeiro lugar, através de um treinamento que incluiu a discussão de um mesmo quadro teórico por parte de todos os investigadores, bem como a aplicação de um mesmo roteiro de entrevista, homogeneizar o olhar, em campo, dos pesquisadores. Em segundo lugar, deu-se ênfase à elaboração de um relatório de entrevista, que permite que se resgate, para cada entrevista, o seu contexto de realização. Mister salientar aqui que a grande vantagem da opção que faço, de trabalhar com dados oriundos do projeto GRAVAD, está em que um único pesquisador não teria como, em um período de alguns meses, efetuar comparações em três níveis como pude realizar no presente estudo — comparações em termos de gênero, de segmento social e de região geográfica.

### **Uma antropologia do amor?**

A questão que eu analiso na presente dissertação só tomou forma a partir da minha análise preliminar do material — as cento e vinte e três entrevistas semi-estruturadas —, quando decidi examinar as narrativas contidas nas respostas dos entrevistados a um conjunto de questões sobre as suas primeiras experiências amorosas. No roteiro de entrevista, a seção que tratava da trajetória afetiva e sexual do entrevistado era inaugurada com uma pergunta: *Quando e como aconteceu a primeira experiência amorosa? Que idade você tinha? (Foi um "ficar", namoro, relação sexual?)*<sup>49</sup>. Seguia-se a esta pergunta algumas outras, diretamente relacionadas a esta, em que se buscava esclarecer a idade do entrevistado e do parceiro na situação narrada como a primeira experiência amorosa, como o entrevistado havia conhecido o parceiro e o que mais havia marcado naquela experiência. É importante salientar que a primeira pergunta era central. A pergunta sobre como e quando foi a primeira experiência amorosa de um sujeito exige que este reconte um ou mais eventos que fizeram parte desta experiência. As perguntas foram elaboradas fazendo uso da expressão “experiência amorosa” por ser esta uma expressão suficientemente vaga para que o entrevistado pudesse interpretá-la

---

<sup>49</sup> A questão que está entre parêntesis deveria servir para orientar o entrevistador e não era formulada desta maneira. O objetivo era esclarecer a quem aplicasse o roteiro de entrevista que ao final do relato deveria haver uma certa clareza quanto a que tipo de evento fora narrado como a primeira experiência amorosa.

de diversas maneiras. Quanto à formulação da pergunta na aplicação do roteiro (REE), os entrevistadores foram orientados, em seu treinamento, a formularem a pergunta se utilizando desta expressão, tendo sido esclarecido a todos que um dos objetivos aqui era o de justamente perceber diferentes interpretações para uma mesma expressão lingüística.

Ainda que a análise apresentada na presente dissertação se concentre nas respostas dadas a este conjunto particular de perguntas sobre a primeira experiência amorosa, ela não está fundada apenas numa leitura destes textos. A análise foi construída através da leitura da totalidade das entrevistas, cada uma em sua íntegra, e da leitura dos relatórios de entrevistas. Deste modo, a minha leitura das narrativas sobre a iniciação afetiva pôde ser feita tendo em mente o contexto da entrevista como um todo, i.e. da própria estrutura daquele conjunto de narrativas que se sobrepunham numa mesma entrevista. Justamente por ter em mente o contexto da entrevista, e por considerar as limitações (e ganhos) que a metodologia de pesquisa adotada me impunha, acabei por descartar algumas das falas dos entrevistados, considerando que o entrevistador pudesse ter conduzido a entrevista de forma a induzir uma resposta.

Já disse antes que, diferentemente de algumas obras clássicas da Antropologia, os dados aqui analisados não são dados etnográficos oriundos de uma vivência cotidiana e intensa com um determinado grupo de pessoas<sup>50</sup>. Diferentemente de tantos estudos antropológicos, os significados e representações sociais apresentados nesta dissertação não foram observados na prática de, ou na forma com que são atualizados por, um grupo estudado. O material sobre o qual me debrucei só pode ser descrito como um conjunto de entrevistas e de relatórios de entrevista, pois os entrevistados não podem ser tomadas como um grupo social particular. Os *jovens* entrevistados não configuram uma unidade social, como se viu na discussão feita no capítulo anterior, sobre *juventude* ou *adolescência*<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> Entre alguns dos autores clássicos que fizeram grandes estudos antropológicos sem este tipo de trabalho etnográfico estão Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss.

<sup>51</sup> Estudos como o de KNAUTH (1997) sobre mulheres portadoras do vírus HIV, também não podem ser considerados como sendo sobre um grupo social específico; afinal, as mulheres têm em comum neste caso referido apenas o fato de serem soro-positivas. Colegas de turma no PPGAS que estão estudando temas como o transexualismo (ZAMBRANO, 2003) ou o Tribunal do Júri (LOREA, 2003) enfrentam a mesma questão, uma vez que o universo pesquisado é, no primeiro caso, pessoas que estão vinculadas a um programa médico-hospitalar e, no segundo, pessoas que atuam como jurados.

Justamente pela não utilização de uma das técnicas tradicionais de pesquisa de campo — o método etnográfico —, penso ser necessária uma discussão mais detalhada da técnica de coleta de dados utilizada. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas formais. Observações de cunho etnográfico foram feitas durante o contato para uma entrevista e durante toda a entrevista; todas as observações produzidas, a forma com que foi feito um contato com a pessoa entrevistada, as dificuldades encontradas na realização da entrevista, a duração da entrevista juntamente com o número de encontros para a sua realização, e o local em que esta ocorreu estavam contidos em um relatório de entrevista que era obrigatoriamente entregue junto com a própria entrevista gravada pelo entrevistador. Além deste material, sempre era devolvido um *termo de consentimento informado* assinado, em que ficava explícita a anuência e ciência do entrevistado com relação à entrevista para a pesquisa GRAVAD, formulado com base nas *Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos* do Conselho Nacional de Saúde<sup>52</sup>, vigentes desde 1996, que regulamenta toda e qualquer pesquisa envolvendo seres humanos. O consentimento informado consiste no seguinte:

II.11. Consentimento livre e esclarecido — anuência do sujeito da pesquisa e/ou de seu representante legal, livre de vícios (simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação, após explicação completa e pormenorizada sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previsto, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, formulada em um termo de consentimento, autorizando sua participação voluntária na pesquisa. [Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96, II. Termos e Definições]

A Resolução detalha o consentimento livre e esclarecido na sua quarta parte (IV), entrando em pormenores dos aspectos que devem nele estar incluídos e dos requisitos que deve obedecer. Gostaria de ressaltar que a Resolução esclarece ainda que todo procedimento de pesquisa envolvendo seres humanos deve obedecer a estas diretrizes, *incluindo os procedimentos de natureza sociológica* (III.2).

As entrevistas eram feitas em local da escolha do próprio entrevistado, e prevaleceu, de um modo geral, a opção por realizar esta no próprio local de residência do entrevistado. Algumas poucas entrevistas foram realizadas em outros

---

<sup>52</sup>Resolução número 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos, aprovada na 59. reunião do Conselho Nacional de Saúde, 9 e 10/10/1996, publicada no Diário Oficial da União em 16/10/1996: 21082-21085.



locais, como uma praça pública, a sede de um sindicato, e até mesmo o local de trabalho do entrevistador (este último caso ocorreu excepcionalmente e apenas na cidade do Rio de Janeiro, sendo a última opção depois de avaliada a periculosidade a que estaria sujeito o investigador por causa de uma situação particular de violência urbana). Todos os entrevistadores tinham consigo cartas de apresentação que os apresentavam enquanto pesquisadores vinculados a um determinado centro de pesquisa, engajados com a pesquisa GRAVAD, que continha uma breve explicação do projeto de pesquisa.

Cabia à coordenação de cada centro de pesquisa revisar o relatório e a entrevista entregues, solicitando mais informações quando necessário, decidindo pela viabilidade e limitações de certas situações de entrevistas. A coordenação poderia até mesmo descartar entrevistas consideradas problemáticas por uma determinada situação de campo<sup>53</sup>, como a interrupção da entrevista ou uma certa demonstração de não vontade em participar por parte do entrevistado que fosse sentida pelo entrevistador.

Depois, cada um dos centros de pesquisa montou uma equipe de pessoas para a inserção do material no banco de dados do Sphinx Léxico, programa de banco e análise de dados especialmente concebido para o armazenamento e sistematização de grande quantidade de dados no formato de texto. As pessoas selecionadas para a tarefa de inserção no banco de dados tinham necessariamente pelo menos o mestrado em Antropologia, pois este trabalho organizacional já era também um trabalho de análise e classificação preliminar do material. A sistematização do material na forma de um banco de dados qualitativos se colocou como necessária tendo em vista a extensão do material coletado — como cada roteiro (REE) tinha pelo menos cento e quarenta e sete perguntas abertas, e foram realizadas cento e vinte e três entrevistas, dispúnhamos de mais de dezoito mil textos de respostas (18.081). Tendo elaborado a estrutura do banco de dados para todos os três centros de pesquisa, em Porto Alegre, eu auxiliei neste processo de inserção do material no banco qualitativo.

---

<sup>53</sup> Em Porto Alegre, por exemplo, ao final de uma entrevista que estava sendo realizada com uma mulher de segmento popular na residência desta, o marido da entrevistada chegou. Ele disse que sua mulher não poderia falar sobre qualquer um daqueles assuntos relativos à sexualidade e destruiu parcialmente a fita com a gravação da entrevista. A coordenação de Porto Alegre decidiu, neste caso, descartar o material até então coletado e não se aventou a hipótese de novo contato com esta mulher, apesar desta ter consentido com a entrevista.

Foi fundamental para as análises contidas nesta dissertação o uso do banco de dados qualitativo. O procedimento de análise do material consistiu primeiramente na minha familiarização com o conteúdo das entrevistas como um todo. Em seguida, passei à leitura dos textos de respostas dos entrevistados sobre as suas experiências amorosas, através do programa *Sphinx Léxica*, com a subsequente criação de tipologias. Toda a leitura e análise foi precedida e acompanhada de leituras de obras relacionadas ao tema, que forneceram conceitos e questões importantes que serviram tanto como uma espécie de chave de leitura quanto como interlocutores na formulação de interpretações possíveis para o material analisado. A leitura do material foi facilitada pelo uso do programa, mas esta certamente não foi uma análise estatística. A realização de procedimentos de quantificação do material tinha o objetivo de melhor visualizar os dados, sendo a análise do material sempre de cunho sociológico e, especialmente, antropológico.

A leitura de diversos textos, a análise e subsequente classificação destes, com a criação de tipologias, só pode ser feita com base na teoria antropológica vigente sobre temas como a sexualidade, as relações entre os gêneros, e entre diferentes universos culturais. O processo de categorização aqui utilizado é, assim, um processo analítico fundado essencialmente em conceitos e teorias antropológicos, que faz uso de um banco de dados qualitativo apenas como uma ferramenta facilitadora para a análise.

Como explica Malinowski, em sua famosa Introdução à obra Argonautas do Pacífico, o pesquisador deve ter um esquema mental quando coleta dados e ele deve ser capaz de traduzir ou transformar este esquema mental em um esquema real, i.e. com diagramas, planos de estudo, planos de pesquisa e quadros sinópticos completos<sup>54</sup>. A elaboração de um quadro sinóptico dos dados permite que cada item que ali figura possa ser pensado e classificado de diferentes maneiras<sup>55</sup>; o quadro deve ser tomado, em si mesmo, como um documento etnográfico. Este método visa permitir ao pesquisador (ou leitor) vislumbrar um esboço da estrutura da cultura e

---

<sup>54</sup> Malinowski chama este método de *método de documentação estatística por evidência concreta* (MALINOWSKI, 1976: 31).

<sup>55</sup> Busquei, justamente, como se verá adiante na apresentação da análise do material, ler os textos das entrevistas sob mais de um enfoque, pensando ora em como as pessoas entrevistadas estavam concebendo o que fosse uma experiência amorosa, ora em como as pessoas classificavam o sujeito referido como o parceiro daquela experiência, ora em como tinha se desdobrado aquela experiência em outros eventos e relações.

constituição social em estudo (MALINOWSKI, 1976: 31). A quantificação dos dados nos permite vislumbrar tanto a alta quanto a baixa incidência de casos ou categorias respostas, bem como certas tendências; assim, esta não é uma análise estatística, pois importa, ou ganha relevância, menos aquilo que pode ser dito *estatisticamente significativo* ou representativo, mas sim aquilo que é *antropologicamente significativo*, o que pode estar muitas vezes nos poucos casos.

É evidente que um estudo antropológico fundado apenas na análise estatística<sup>56</sup> seria um estudo ao qual faltaria “carne e sangue”, ou onde seria vedado o acesso aos “imponderáveis da vida real” (MALINOWSKI, 1976: 33-6). Afinal, o objetivo é compreender o modo de pensar ou de sentir das pessoas enquanto estas são parte de uma determinada cultura. A sociedade, assim, não pode ser tomada como uma mera soma de indivíduos (se assim pudesse ser, seria suficiente, afinal, que se fizesse análises quantitativas ou estatísticas); ter como ponto de partida o estudo da cultura é o que confere a perspectiva antropológica à presente dissertação. Nesta dissertação, pretendeu-se analisar as idéias e narrativas expressas num conjunto de entrevistas, enquanto estas podem ser pensadas como peculiares porquanto condicionadas pela cultura.

### **Sobre a posição do pesquisador e de seu olhar sobre os dados**

Devo ainda mencionar, nesta discussão sobre o objeto estudado e o método empregado, alguma coisa de minha própria experiência acadêmica e pessoal. Adotando ao longo do presente trabalho uma perspectiva filiada ao construtivismo social, fundada numa análise sobre os dados que deve sempre incluir uma reflexão sobre a minha pessoa enquanto pesquisadora neste processo, é necessário que eu perceba o modo com que a minha própria trajetória é refletida em meu trabalho de análise. Tendo me interessado por diversos campos de saber, incluindo aqui a Medicina, as Ciências Sociais e a Filosofia, a minha formação inicial — e parcial — foi no curso de bacharelado em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia. Aqui, participei de projetos de pesquisa diversos, como a elaboração de um banco de dados etnográficos, o estudo de movimentos sócio-políticos no Estado e a análise de representações sociais sobre sexualidade. Participei do projeto de elaboração de um banco de dados etnográficos para o Laboratório de Antropologia Social e do

estudo do movimento separatista (de separação do Rio Grande do Sul do resto do Brasil) liderado por Irton Marx sob a orientação do professor Ruben George Oliven. O estudo sobre sexualidade já foi referido aqui na nota 16 do presente capítulo — intitula-se *Corpo, Sexualidade e Reprodução: Um estudo de representações sociais* — e foi através deste que eu me vinculei ao Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS/UFRGS). Tive a oportunidade de aprender a fazer pesquisa etnográfica indo a campo, no primeiro caso, com o professor Ruben G. Oliven e, no segundo, com minha agora orientadora, professora Daniela Riva Knauth.

Tendo concluído um pouco mais da metade do curso de graduação, e com uma preocupação cada vez maior com questões epistemológicas e de ordem formal, fiz a opção de passar outro curso, o de Filosofia. Concluí então minha formação em Filosofia, tendo recebido depois de alguns anos os títulos de bacharel e de licenciada nesta matéria. O que importa salientar é que o Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul está voltado, em sua maior parte, para a tradição da Filosofia Analítica, nascida nas tradicionais universidades de Oxford e Cambridge, e com largo impacto sobre toda a tradição anglo-saxã desde a virada do século XX. A ênfase, aqui, recai sobre a análise conceitual e sobre o estudo da lógica formal ou matemática; assim, esmiúçam-se conceitos e argumentos; debate-se sobre a linguagem e sua relação com o mundo, sobre o que dá sentido às palavras; analisa-se o que pode ser um conhecimento, o que é a verdade e o que é a ciência.

O meu interesse pela análise conceitual, por formas de classificação e categorização, bem como por questões epistemológicas esteve, assim, sempre presente, em maior ou menor grau, mesmo quando fiz a opção de volver ao campo da Antropologia. Certamente pode-se ver estas preocupações na minha tentativa de analisar as respostas das entrevistas criando tipologias e um sistema de classificação para estas categorias analíticas.

Resta, então, mencionar que o retorno à Antropologia não foi súbito. Apesar do encantamento com a Filosofia, com a lógica e com o esmiuçar o sentido das palavras e dos argumentos, senti desde sempre a necessidade de pesquisas que não fossem apenas de ordem teórico-conceitual. Assim, enquanto ainda fazendo

---

<sup>56</sup> Em inglês, o termo empregado que aparece na obra de Malinowski é “survey work” (1961: 17).

minha formação na Filosofia, passei a participar, na medida do possível, de projetos de pesquisa na Antropologia. O vínculo ao NUPACS (UFRGS) foi então fundamental, pois sempre me interessara a temática dos estudos e me foi dada a oportunidade de realizar extensa pesquisa etnográfica, além de participar de inúmeras discussões teóricas e metodológicas que ali se faziam.

## **Amores, namoros e sexo: um projeto dentro de um projeto**

No presente capítulo, farei uma descrição breve e geral do projeto GRAVAD para, em seguida, detalhar um pouco melhor a sua primeira etapa, a chamada etapa qualitativa, de onde advém os dados analisados nesta dissertação. Depois, apresento alguns dados gerais sobre o conjunto dos entrevistados, como idade média, escolaridade, exercício de uma atividade remunerada, religião; outros dados se referem ao fato de viverem ou não em união, a quando se iniciaram sexualmente, práticas homoeróticas e uso de contraceptivos. Feita esta apresentação panorâmica, passo a apresentar o modo como procedi na análise das respostas às questões acerca da primeira experiência amorosa. Por fim, resalto alguns resultados iniciais e bastante gerais sobre esta primeira experiência amorosa dos entrevistados.

### **O projeto GRAVAD**

O projeto GRAVAD investiga os comportamentos sexuais e reprodutivos de jovens residentes em três cidades brasileiras — Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador — com idades variando entre dezoito e vinte e quatro anos. O projeto funda-se numa perspectiva de reconstrução das trajetórias afetivo-sexuais individuais. Este parte de um conceito de juventude como um *processo*, um processo em que se dá uma passagem da infância para a vida adulta, passagem esta que ocorre tanto no âmbito escolar/profissional quanto no familiar/conjugal. Pode-se dizer, assim, que o objeto da pesquisa GRAVAD não é um grupo, mas sim um processo social.

O tema da gravidez na adolescência sempre foi, desde o processo de elaboração do projeto de pesquisa GRAVAD, analisado em sua construção enquanto um problema social, alvo de políticas públicas; a análise de um evento como o da gravidez recai, assim, sobre os processos sociais que lhe são subjacentes. Tendo a idéia de um processo em mente, a pesquisa busca relacionar eventos importantes na trajetória afetiva, sexual e conjugal dos entrevistados a diferentes situações no âmbito escolar, profissional e residencial destes.

É preciso ainda salientar aqui que a elaboração do projeto de pesquisa GRAVAD envolveu a formulação de algumas hipóteses<sup>57</sup>. Uma hipótese central funda-se na questão das relações de gênero: a hipótese é a de que o gênero é um fator determinante na definição dos significados e comportamentos sexual e/ou reprodutivo. A formulação de uma tal hipótese levanta, por um lado, questões específicas para pesquisa — investiga-se o impacto dessas relações de gênero nas trajetórias dos jovens — e, por outro, justifica a inclusão de homens entre os jovens entrevistados. A revisão da literatura — sociológica, psicológica, demográfica ou epidemiológica — sobre gravidez na adolescência revela que os homens simplesmente não são incluídos nestes estudos; o silêncio sobre os homens se faz presente, de um modo geral nos estudos sobre saúde reprodutiva (PIMENTA et. al., 2001; CABRAL, 2002). Nos estudos de gênero, igualmente, a temática da masculinidade, e a conseqüente inclusão de homens nas pesquisas, é recente (LEAL & BOFF, 1996; CABRAL, 2002).

Outra hipótese importante do projeto diz respeito à inserção sócio-econômica dos sujeitos entrevistados: a hipótese é a de que o pertencimento a um segmento popular ou a um segmento médio/alto é um fator determinante na definição dos significados e comportamentos sexual e/ou reprodutivo. Esta hipótese está baseada em ampla revisão da literatura, que demonstra diferenças significativas, em termos de visão de mundo e de concepção de pessoa, entre os segmentos sociais da sociedade brasileira contemporânea (cf. especialmente DUARTE, 1986; 1997; 1999).

Os jovens entrevistados residem em três cidades de regiões distintas do Brasil e que têm características bastante diferenciadas. Estas diferenças são levadas em consideração pelo projeto GRAVAD uma vez que este trabalha também com a hipótese de que diferenças em termos de contexto cultural podem implicar diferenças relativas a representações, normas e significados acerca da sexualidade em geral.

A pesquisa GRAVAD divide-se em diferentes fases de coleta e análise de dados. Seguindo sempre uma orientação sociológica, a metodologia empregada pelo projeto de pesquisa GRAVAD foi qualitativa e quantitativa. Em uma primeira

---

<sup>57</sup> Explicitarei aqui uma hipótese central do projeto e outras hipóteses que julgo pertinentes para um maior esclarecimento do meu próprio trabalho analítico, porém não é meu intuito esmiuçar todas as

fase, já referida aqui como uma etapa qualitativa, que se deu num período transcorrido entre os anos de 1999 e 2000, foram realizadas quarenta e uma entrevistas semi-estruturadas em cada uma das cidades, resultando num total de cento e vinte e três entrevistas coletadas. A definição do universo das entrevistas obedeceu a um sistema de cotas, para apreender uma maior diversidade de situações que interessavam a esta investigação; foram considerados o sexo do entrevistado (masculino ou feminino), o segmento social a que pertencia (popular ou médio/alto) e a sua experiência reprodutiva (se teve um filho antes de completar vinte anos ou não).

Na segunda fase do GRAVAD, denominada de quantitativa, foi efetuada uma pesquisa *survey* de amostra domiciliar, no período entre outubro de 2001 e janeiro de 2002. No *survey* foram aplicados quatro mil e seiscentos e dois questionários, i.e. aproximadamente mil e quinhentos em cada uma das três cidades. O questionário aplicado foi elaborado com base no exame do material coletado na etapa qualitativa da pesquisa. O questionário foi construído fundamentado na idéia de se proceder a uma reconstituição da trajetória sexual, afetiva e conjugal do entrevistado, relacionando esta especialmente às suas trajetórias escolar e de trabalho. Nesta etapa, foram feitas pequenas adaptações para que o questionário melhor se adequasse ao sexo do entrevistado. Uma forma encontrada para facilitar esta análise foi a organização do material, de ambas as fases, em bancos de dados computadorizados. Para os dados coletados na etapa qualitativa, foi utilizado o *software* Sphinx Léxica 2000<sup>58</sup>. Os dados coletados na etapa quantitativa foram organizados com o auxílio do programa Epi Info<sup>59</sup>, e sua análise tem sido feita também com o Statistical Package for Social Sciences, ou SPSS<sup>60</sup>.

### **A etapa qualitativa do projeto GRAVAD**

Inicialmente estava prevista a realização, na etapa qualitativa, de quarenta, e não quarenta e uma, entrevistas em cada cidade (de fato foram realizadas quarenta e uma entrevistas por cada centro); o sistema de cotas, exposto a seguir, na forma deu um quadro sinóptico, mostra como foi a realização das entrevistas.

---

hipóteses e conceitos que orientam o projeto de pesquisa GRAVAD.

<sup>58</sup> Versão 3.0b38.

<sup>59</sup> Versão 6.0.

<sup>60</sup> Versão 10.0.5.



**Quadro 1 Distribuição das entrevistas segundo o sistema de cotas e os centros de pesquisa<sup>61</sup>**

	Porto Alegre	Rio de Janeiro	Salvador	TOTAL
<b>Sexo do Entrevistado</b>				
Feminino	51,2% ( 21)	48,8% ( 20)	48,8% ( 20)	<b>49,6% ( 61)</b>
Masculino	48,8% ( 20)	51,2% ( 21)	51,2% ( 21)	<b>50,4% ( 62)</b>
<b>TOTAL</b>	<b>100% ( 41)</b>	<b>100% ( 41)</b>	<b>100% ( 41)</b>	<b>100% (123)</b>
<b>Gravidez na Adolescência</b>				
Não resposta	46,3% ( 19)	41,5% ( 17)	4,9% ( 2)	<b>30,9% ( 38)</b>
Não perguntado	0,0% ( 0)	0,0% ( 0)	17,1% ( 7)	<b>5,7% ( 7)</b>
Não tem filho	2,4% ( 1)	0,0% ( 0)	39,0% ( 16)	<b>13,8% ( 17)</b>
Filho depois de 20	14,6% ( 6)	4,9% ( 2)	9,8% ( 4)	<b>9,8% ( 12)</b>
Filho antes de 20	36,6% ( 15)	53,7% ( 22)	29,3% ( 12)	<b>39,8% ( 49)</b>
<b>TOTAL</b>	<b>100% ( 41)</b>	<b>100% ( 41)</b>	<b>100% ( 41)</b>	<b>100% (123)</b>
<b>Segmento Social<sup>62</sup></b>				
Popular	65,9% ( 27)	65,9% ( 27)	63,4% ( 26)	<b>65,0% ( 80)</b>
Médio e/ou Alto	34,1% ( 14)	34,1% ( 14)	36,6% ( 15)	<b>35,0% ( 43)</b>
<b>TOTAL</b>	<b>100% ( 41)</b>	<b>100% ( 41)</b>	<b>100% ( 41)</b>	<b>100% (123)</b>
<i>Os valores no quadro acima são os percentuais em coluna estabelecidos sobre 123 casos.</i>				

Os principais temas abordados pelo roteiro de entrevista foram os seguintes: dados sócio-demográficos, características pessoais e familiares, trajetória de estudo e trabalho, trajetória afetivo-sexual, práticas sexuais, contracepção, gravidez/aborto, paternidade/maternidade, DST/AIDS e, finalmente, gravidez na adolescência na mídia. Cada uma das entrevistas teve uma duração de cerca de duas horas; algumas entrevistas foram realizadas em mais de um encontro, tendo tido uma duração total de até cinco horas. Como já foi dito, todas as entrevistas foram gravadas.

Cada centro de pesquisa montou sua equipe de entrevistadores, sendo que em todos os locais estas equipes foram constituídas em sua maior parte por estudantes de pós-graduação em Antropologia ou alunos completando os últimos créditos do curso de graduação em Ciências Sociais. As equipes de pesquisa eram

<sup>61</sup> Saliento que a seleção das pessoas para entrevista dependia também da região geográfica de cada uma das cidades, pois se considerou que cada centro de pesquisa deveria contemplar a diversidade (sócio)espacial de cada metrópoles em particular.

<sup>62</sup> Deve-se entender este critério como sendo um conjunto de regras de decisão. O enquadramento em um ou outro segmento social dependia principalmente da (a) renda total do domicílio em que o entrevistado morava, mas também foram levados em conta a sua (b) escolaridade e o (c) local em que se situava a residência.

de um modo geral supervisionadas e orientadas por um ou mais pesquisadores sênior de cada centro. Já foram detalhados no capítulo *Sexo como fato social*, os procedimentos adotados em termos da aplicação de um roteiro de entrevista e de treinamento de investigadores.

Devo dizer que a minha participação nesta etapa do projeto, estando vinculada ao NUPACS, foi grande. Em primeiro lugar, auxiliei na seleção e treinamento da equipe de entrevistadores da cidade de Porto Alegre. A equipe de entrevistadores de Porto Alegre teve um total de dezoito pessoas<sup>63</sup>. Em segundo, fiz parte da equipe de pesquisadores sênior — constituída por Daniela Knauth e Ceres Victora — que coordenaram o trabalho de entrevistas, um trabalho que envolvia desde a classificação do entrevistado segundo os critérios estabelecidos pelas cotas, passando pela revisão da qualidade e conteúdo do material de entrevista (juntamente com o relatório de entrevista), até a organização física do material de pesquisa (enviando fitas para transcrição, revisando o material transcrito, classificando e armazenando as entrevistas revisadas). Em terceiro lugar, fiz também parte da própria equipe de entrevistadores, realizando três das vinte e uma entrevistas que foram feitas com mulheres<sup>64</sup>.

O contato inicial com as pessoas em cada região para a realização de entrevistas se deu em geral através da inserção de campo que pesquisadores/entrevistadores vinculados a cada centro de pesquisa já tinham, em função de outras pesquisas por eles realizadas<sup>65</sup>. Depois de feito um contato inicial, a técnica utilizada para buscar novos contatos pode ser descrita como *snow ball*, em que uma pessoa contatada ou entrevistada indicava outra pessoa conhecida sua que tivesse determinadas características para uma entrevista.

---

<sup>63</sup> As equipes dos outros dois centros de pesquisa eram menores, sendo constituídas de oito entrevistadores cada uma; a diferença deve ser explicada pela preocupação constante do NUPACS em ser, além de um núcleo de pesquisa, um núcleo de formação de pesquisadores.

<sup>64</sup> O NUPACS especificamente adotou o princípio metodológico de que entrevistados e entrevistadores seriam sempre do mesmo sexo nesta etapa qualitativa da pesquisa GRAVAD.

<sup>65</sup> Ao menos em Porto Alegre, pode-se dizer que foi mais difícil preencher a cota de pessoas de segmento médio/alto com filho antes dos vinte, especialmente do sexo masculino. A dificuldade pode ser explicada, por um lado, por um número menor de pesquisas antropológicas realizadas com pessoas de segmentos médio ou alto, o que implica, dado o procedimento adotado pela pesquisa GRAVAD para busca de entrevistados, um menor contato com essas pessoas. Por outro, a dificuldade pode ser lida como um reflexo da realidade estudada, i.e. como um reflexo de uma existência numericamente menor de pessoas, especialmente do sexo masculino, que tenham filho antes dos vinte anos completos em segmentos médio ou alto de Porto Alegre.

A outra função que exerci junto ao NUPACS durante a etapa qualitativa da pesquisa foi a elaboração da estrutura de um banco de dados em que o material coletado na forma de entrevistas — de todos as três localidades — pudesse ser inserido, utilizando um programa específico de computação para tal fim. O *software* utilizado, já mencionado acima, chama-se Sphinx Léxica 2000; este foi adotado justamente por permitir a leitura direta de textos longos, a sua análise lexical, e a criação, simultânea à leitura, de tipologias.

Cada uma das cento e vinte e três entrevistas transcritas passou por uma análise preliminar e o seu conteúdo foi então inserido no banco de dados. Este banco de dados comporta tanto variáveis quantitativas quanto qualitativas, permitindo a análise dos textos propriamente ditos das respostas e também uma análise estatística de variáveis quantitativas e de variáveis qualitativas categóricas. Esclareço que *variáveis quantitativas* são as variáveis medidas através de alguma escala quantitativa de medida, i.e., de alguma escala com unidade de medida (são exemplos a *idade* de um entrevistado e a *renda* familiar, medida em salários mínimos); as *variáveis qualitativas* ou *categóricas* são as variáveis medidas através de categorias ou classes, às quais se atribuem códigos numéricos (cito como exemplos o *nome* ou o *sexo* de um entrevistado, a sua *profissão*, a *classe social* a que pertence)<sup>66</sup>.

### **Dados gerais sobre o conjunto dos entrevistados**

Já demonstrei acima, com o quadro de distribuição de cotas (Quadro 1), que cada um dos centros de pesquisa entrevistou igual número de pessoas e que a maior parte dos entrevistados pertencia a segmento popular. Devo agora esclarecer ainda alguns outros dados gerais.

Como já foi dito antes, um dos critérios do projeto GRAVAD na seleção de entrevistados é que estes deveriam ter entre 18 e 24 anos completos. A idade média dos entrevistados é de 20 anos e meio (média 20,64 com desvio padrão de 1,88 anos). Chama a atenção que muitos dos entrevistados afirmam que estão em união no momento da entrevista e vários já tiveram outras uniões no passado, conforme

---

<sup>66</sup> As variáveis qualitativas podem ser *nominais* (sem ordem entre as categorias) ou *ordinais* (com ordem entre as categorias). Variáveis como o *nome* e *sexo* são variáveis qualitativas nominais; variáveis como o *nível salarial* (baixo, médio ou alto), a *classe social* (A, B, C, D, E) e o *grau de satisfação* com alguma coisa (baixo, médio ou alto) são variáveis qualitativas *ordinais*.

assinalado no quadro abaixo (Quadro 2). A maior incidência de entrevistados em união no momento da entrevista, bem como daqueles que já tiveram uma união no passado, está no segmento popular. Dentre aqueles que estão em união, a maior parte é de mulheres, enquanto que aqueles que já tiveram uma união no passado são em sua maior parte homens. As diferenças em termos de sexo não são tão grandes contudo quanto aquelas que se referem ao segmento social nestes casos.

**Quadro 2 Entrevistados e a experiência de união ou casamento**

<b>Você é casado (a) ou vive em união atualmente?</b>				
		<i>Feminino</i>	<i>Masculino</i>	<b>TOTAL</b>
<b>Segmento popular</b>	<i>Sim</i>	52,5% (21)	32,5% (13)	<b>42,5% (34)</b>
	<i>Não</i>	37,5% (15)	67,5% (27)	<b>52,5% (42)</b>
	<i>EGO é virgem</i>	10,0% (4)	0,0% (0)	<b>5,0% (4)</b>
	<b>TOTAL</b>	<b>100% (40)</b>	<b>100% (40)</b>	<b>100% (80)</b>
<b>Segmento médio/alto</b>	<i>Sim</i>	28,6% (6)	36,4% (8)	<b>32,6% (14)</b>
	<i>Não</i>	66,7% (14)	59,1% (13)	<b>62,8% (27)</b>
	<i>EGO é virgem</i>	4,8% (1)	4,5% (1)	<b>4,7% (2)</b>
	<b>TOTAL</b>	<b>100% (21)</b>	<b>100% (22)</b>	<b>100% (43)</b>
<b>Você teve alguma união, ou outras uniões, no passado?</b>				
		<i>Feminino</i>	<i>Masculino</i>	<b>TOTAL</b>
<b>Segmento popular</b>	<i>Sim</i>	18,2% (6)	28,1% (9)	<b>23,1% (15)</b>
	<i>Não</i>	81,8% (27)	71,9% (23)	<b>76,9% (50)</b>
	<i>EGO é virgem</i>	0,0% (0)	0,0% (0)	<b>0,0% (0)</b>
	<b>TOTAL</b>	<b>100% (33)</b>	<b>100% (32)</b>	<b>100% (65)</b>
<b>Segmento médio/alto</b>	<i>Sim</i>	15,8% (3)	21,1% (4)	<b>18,4% (7)</b>
	<i>Não</i>	78,9% (15)	73,7% (14)	<b>76,3% (29)</b>
	<i>EGO é virgem</i>	5,3% (1)	5,3% (1)	<b>5,3% (2)</b>
	<b>TOTAL</b>	<b>100% (19)</b>	<b>100% (19)</b>	<b>100% (38)</b>

*Os valores no quadro acima são os percentuais em coluna estabelecidos sobre 123 casos.*

Quanto aos estudos, o número de entrevistados que não está estudando no momento da entrevista supera o número daqueles que ainda estão vinculados a uma instituição de ensino. Aqueles que permanecem estudando são majoritariamente de segmentos médio e alto; há um número um pouco maior de entrevistadas do sexo feminino estudando. Daqueles que estudam ou estudaram, a maior parte está estudando em, ou estudou até, o antigo Segundo Grau (atual Ensino Médio) — 48% estuda em, ou estudou até, uma das séries do Segundo Grau, 31,7% numa das séries do Primeiro Grau (atual Ensino Fundamental), 19,5% está cursando ou cursou um curso de graduação ou de pós-graduação universitário. Os níveis mais baixos de escolaridade estão associados ao segmento popular; há um número um pouco maior de mulheres que estuda ou estudou até o antigo Segundo Grau. Cabe salientar que quase vinte por cento (17,9%) dos entrevistados afirmam que houve interrupção ou repetência nos estudos em função de uma

gravidez. A interrupção dos estudos por causa da gravidez está claramente associada às entrevistadas mulheres, sendo que há um número um pouco maior de pessoas aqui pertencentes aos segmentos médio e alto.

A maior parte dos entrevistados — 61% — está trabalhando, estagiando ou exercendo alguma atividade remunerada no momento da entrevista; um número maior destes entrevistados pertence a segmento popular e é composto por homens. Aqueles que não exercem qualquer atividade remunerada são 30,1%; menos de cinco por cento (4,1%) nunca exerceu atividade remunerada e poucos (2,4%) trabalham, ou estagiam, sem receber remuneração. A imensa maioria (86,2%) já teve atividade remunerada antes do momento da entrevista, sendo menos um décimo (9,8%) o número de entrevistados que não o fez. Aqueles que nunca tiveram um *trabalho* antes estão claramente associados aos segmentos médio e alto.

Das cento e vinte e três pessoas entrevistadas, a maioria se diz *católica*, seguida por aqueles que afirmam que *não têm religião*, depois por *pentecostais* e, finalmente, *protestantes históricos*, *espíritas* e *afro-brasileiros*, além de *outras*<sup>67</sup>, conforme ilustrado na tabela abaixo<sup>68</sup>. Um número significativo, mais de a metade dos entrevistados, diz ser não praticante (56,5%), quase um terço afirma que freqüenta eventualmente (29,6%) e um percentual de quase quatorze afirma ser praticante (13,9%).

**Tabela 1 Filiação religiosa dos entrevistados**

<b>Você tem alguma filiação religiosa?</b>	
Católica	42,4% (53)
Nenhuma	29,6% (37)
Pentecostal	7,2% (9)
Protestante Histórico	6,4% (8)
Espírita	6,4% (8)
Afro-brasileira	6,4% (8)
Outra	1,6% (2)
TOTAL	100% (125)

Legenda: A tabela é construída sobre 123 observações. Os percentuais são calculados em relação ao número de citações; foram retiradas as perdas (valores *missing*) para fins de cálculos percentuais.

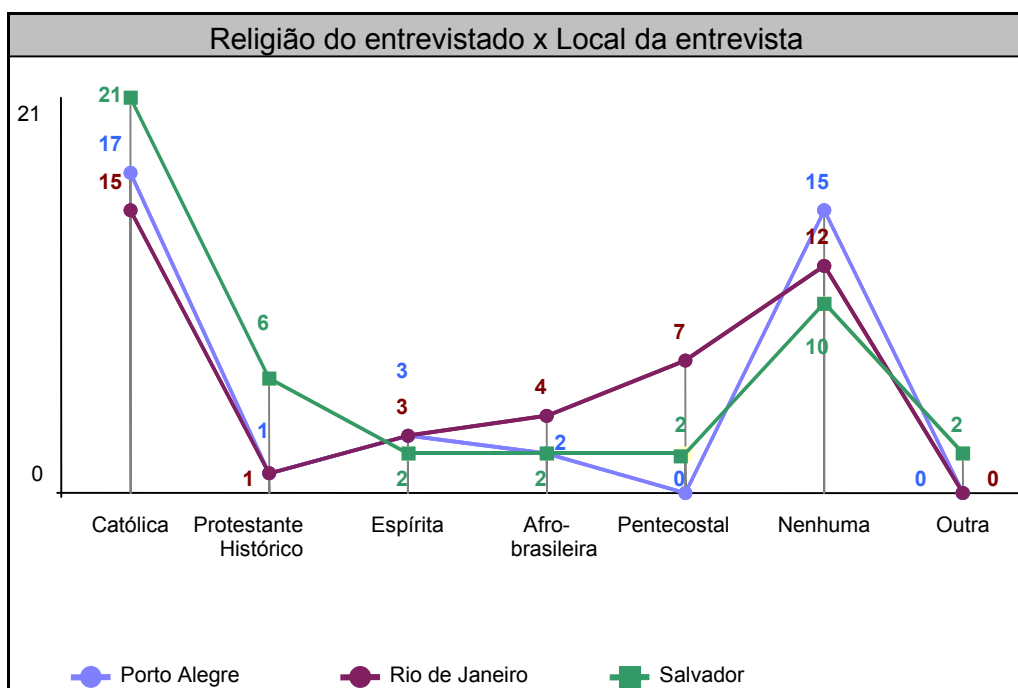
<sup>67</sup> Em outras foram mencionadas as respostas “creio em Deus” e “União do Vegetal”.

<sup>68</sup> A variável filiação religiosa era de múltipla resposta, i.e. o entrevistado poderia indicar mais de um pertencimento religioso simultaneamente.

Dentre aqueles que afirmam que são *praticantes*, a maior parte são homens (73,3%), enquanto que dentre os *não-praticantes* a distribuição de homens e mulheres é mais eqüitativa – quase a metade é composta de mulheres (49,1%) e um pouco mais que a metade é de homens (50,9%). A maior parte dos *praticantes* é oriunda de segmentos populares (60%), bem como a maior parte daqueles que *freqüenta eventualmente* (81,3%) e dos que são *não-praticantes* (60,7%).

Em termos da relação entre região geográfica e religião, há algumas diferenças entre os centros urbanos de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador. Há uma tendência de associação entre protestantes históricos e Salvador, como também entre pentecostais e o Rio de Janeiro. Há uma tendência de rejeição ou associação negativa entre os pentecostais e Porto Alegre — aqui não houve sequer um entrevistado que mencionasse o pentecostalismo. Esta última é também a cidade com o maior número de pessoas que declaram que têm *nenhuma* religião, conforme ilustrado no gráfico abaixo.

Gráfico 1 Local x Religião



Legenda: os valores apresentados são as citações para cada religião de acordo com a região geográfica em que foi realizada a entrevista; o total de citações é de 125.

Diferente do que está na literatura, há em nossos dados maior participação masculina em religiões como o pentecostalismo e afro-brasileiras. Nestas duas, a

participação de homens supera em muito a das mulheres. É preciso ainda lembrar aqui que a maioria dos que afirmam que são *praticantes* de uma religião é de homens.

Quanto à *primeira experiência amorosa*, os entrevistados tinham em média 13,8 anos de idade no momento desta sua primeira experiência (a mediana é 14 e o desvio padrão é 2,45 anos), enquanto que o parceiro desta tinha em média 16,74 anos (a mediana é 16 e o desvio padrão é 4,49 anos). A idade média dos homens é significativamente mais baixa do que a das mulheres quanto a esta primeira experiência amorosa.

A maior parte dos entrevistados já teve iniciação sexual: 95,1% respondeu que já teve uma relação sexual, enquanto apenas 4,9% respondeu que não. As relações sexuais têm início para uma minoria antes dos quatorze anos de idade e, para outra minoria, depois dos dezoito anos; a maior parte teve sua primeira relação sexual entre quatorze e dezessete anos de idade, sendo a média de iniciação sexual é quinze anos. Os parceiros sexuais da primeira relação citada em geral são mais velhos do que o próprio entrevistado — a média de idade é de 19,25 anos e a mediana é de dezessete.

Parece ainda haver uma certa visibilidade das práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Quando perguntados se conheciam alguém, ou tinham algum amigo, que namorasse ou tivesse relações sexuais com uma pessoa do mesmo sexo, um percentual de mais de setenta e quatro (74%) dos entrevistados responderam que sim, enquanto um de vinte e dois (22%) respondeu que não. A maior parte dos entrevistados respondeu que alguém do mesmo sexo já havia lhe paquerado ou demonstrado atração pelo entrevistado, enquanto cerca de um terço respondeu negativamente a esta questão. Um grupo que constitui menos de cinco por cento (4,1%) da amostra respondeu que já se sentiu atraído por alguém do mesmo sexo, enquanto a maioria respondeu negativamente. Quanto às práticas homoeróticas, um grupo de cinco pessoas, ou cinco por cento (5,3%) das respostas válidas, respondeu que já havia tido relações sexuais com uma pessoa do mesmo sexo.

As questões do uso de contraceptivos foram divididas de acordo com o sexo; assim, temos um conjunto de respostas das mulheres e um conjunto de respostas dos homens quanto à contracepção. Entre as mulheres, mais da metade (54,1%)

não usou qualquer método contraceptivo *em sua primeira relação sexual*, e cerca de trinta por cento (32,8%) fez uso de algum método. Os percentuais entre os homens são semelhantes, mas parece haver menor menção de não-uso, com um pouco menos cinquenta por cento (49,2%) afirmando que não utilizou método contraceptivo algum em sua primeira relação sexual e um quarto (26,2%) afirmando que usou método contraceptivo.

Tanto mulheres quanto homens citaram, entre os métodos contraceptivos que conheciam, em primeiro lugar, o anticoncepcional oral, chamada de “pílula”, seguido pelo *condom*, chamado de “camisinha”, tendo o dispositivo intra-uterino, ou DIU, ocupado terceiro lugar entre os mais citados. Quanto ao uso atual de algum método contraceptivo, a maioria das mulheres e dos homens faz uso de um método contraceptivo atualmente.

Quanto à experiência de paternidade ou maternidade, a maior parte dos entrevistados tiveram pelo menos um filho. Antes de mais nada, cabe ressaltar que a nossa amostra foi uma amostra por cotas e a intenção foi entrevistar um certo número de jovens que já tivessem filhos, o que faz com que o percentual encontrado não possa ser tomado como representativo da população de jovens. O percentual de entrevistados que têm filho é de sessenta e um (61%), enquanto cerca de um terço não têm (30,9%).

### **O processo de análise das entrevistas**

Analisarei nos próximos dois capítulos desta dissertação dados que dizem respeito à primeira experiência amorosa de cento e vinte e três jovens, oriundos do projeto GRAVAD. Mais especificamente, passarei a analisar o conteúdo das respostas destes jovens a uma das questões presentes no roteiro de entrevista, a questão *Quando e como aconteceu a primeira experiência amorosa? Que idade você tinha? (Foi um "ficar", namoro, relação sexual?)*.

A questão foi incluída propositalmente desta forma no roteiro de entrevista (REE) por se entender que a expressão *experiência amorosa* era bastante ampla e suficientemente ambígua para que os entrevistados pudessem interpretá-la de diferentes maneiras. Era de se esperar, portanto, um conjunto heterogêneo de respostas.



As diferenças entre as respostas serão aqui pensadas em termos de representações acerca das relações de gênero; neste processo, serão incluídas reflexões sobre o pertencimento a um determinado segmento social, bem como a idade que têm os entrevistados. O conceito de *script sexual*, apresentado no capítulo *Sexualidades juvenis*, é importante para esta análise, por abarcar precisamente estas relações (de gênero, de segmento social e de fase de vida). Investiga-se, portanto, qual o significado evocado pela expressão “experiência amorosa” entre jovens de diferentes sexos e segmentos sociais.

#### *Olhando os dados sob o prisma de gênero*

Devo explicar aqui, ainda, de forma breve que estou tomando os termos “gênero” e “sexo” como suficientemente aproximados para me permitir fazer uma análise de gênero a partir do sexo anatômico-fisiológico dos entrevistados. Os dados aqui apresentados podem ser analisados pelo viés do sexo, i.e. pode-se dividir o conjunto das entrevistas em dois subconjuntos, o das entrevistas feitas com homens (sessenta e duas entrevistas) e o das entrevistas feitas com mulheres (sessenta e uma entrevistas). É verdade que não há uma correspondência unívoca entre gênero e sexo, mas me parece que podemos falar que na maior parte dos casos o gênero masculino corresponde ao sexo masculino e o gênero feminino, ao sexo feminino. Portanto, ainda que se trate de diferenciar gêneros, pode-se pensar em termos de homens e mulheres em geral. Um recorte dado pelo sexo pode, então, revelar-me diferenças nos modos com que homens e mulheres apreendem, classificam ou tipologizam, suas trajetórias afetivas, amorosas e sexuais.

Tomando de empréstimo uma expressão empregada por Bozon (1995), os dados nos podem revelar ou apresentar uma *divisão sexual do afeto*. A abordagem de Bozon toma de empréstimo da Filosofia uma terminologia acerca dos juízos de gosto elaborados por um e outro sexo: juízos amorosos são juízos sintéticos, i.e. aqueles que dependem de mais do que os conceitos presentes em seu predicado para serem conhecidos, sendo juízos fundados na “intuição” e portanto na sensibilidade. Juízos amorosos são juízos que avaliam o outro, objeto amoroso. Ora, o fundamento particular dos juízos amorosos devem estar nas categorias de

percepção, e estas categorias de percepção, para Bozon, variam claramente de um sexo a outro (BOZON, 1995: 125)<sup>69</sup>. Bozon afirma que

Os julgamentos amorosos [...] se fundam em categorias de percepção informais, que diferem muito nitidamente de um sexo a outro. Mesmo se empregam a mesma palavra para dizê-lo, mulheres e homens não se enamoram da mesma maneira. [BOZON, 1995: 125]

Se as categorias de percepção de homens e mulheres de fato não são exatamente as mesmas, é razoável supor que eventos similares podem ser vividos de modo diferente por um e outro<sup>70</sup>. Assim poderíamos, primeiramente, explicar algumas diferenças entre o modo com que homens e mulheres definem sua primeira experiência amorosa. Em segundo lugar, poderíamos explicar as aparentes semelhanças entre homens e mulheres — estes eventos podem até ser nomeados da mesma maneira mas certamente não são vividos da mesma maneira. Tendo isto em mente, eu me propus a analisar, nos textos das respostas acerca da primeira experiência amorosa, como esta primeira experiência é *definida*.

#### *Os dados sob o prisma de segmento social*

O conjunto das narrativas acerca da primeira experiência amorosa foi analisado também em termos de pertencimento a um determinado segmento social; a base da análise aqui é o modo com que foram classificados num primeiro momento do projeto GRAVAD, conforme já referido. Os indivíduos foram classificados, no momento mesmo em que eram escolhidos para a entrevista (tendo em vista que o número de entrevistas realizado obedecia a um sistema de cotas, conforme explicado acima), como pertencendo ao *segmento popular* ou ao *segmento médio/alto*. A classificação em um ou outro segmento levava em conta uma série de dados, como a renda total do domicílio em que o entrevistado morava (este sendo um critério central), a sua escolaridade e o local em que se situava a residência.

A pertença a um ou outro segmento social implica diferenças em termos das trajetórias de vidas destes jovens — das suas trajetórias escolares e profissionais, no mínimo. A análise assim pretende demonstrar o impacto desta distinção em

---

<sup>69</sup> Ver também BOZON (1996).

<sup>70</sup> Remeto aqui o leitor para a discussão acerca da *sexualidade* como *vivência*, já feita no capítulo *Sexualidades juvenis*.

termos de trajetórias afetivo-sexuais. É preciso que se diga, de antemão, que a análise nos leva a concluir que de fato as diferenças em termos de gênero são absolutamente fundamentais: mesmo ao analisar o material em termos de pertença a um segmento social, não se pode deixar de lado a questão do sexo do entrevistado. Assim, a análise não se baseia na mera oposição entre segmentos sociais, no sentido da oposição entre culturas diferentes, mas leva em consideração também a questão do gênero.

Devo lembrar ao leitor que a análise das entrevistas foi feita com o auxílio de um banco de dados, o que permitiu a criação de variáveis qualitativas com base nas tipologias criadas; estas variáveis eram do tipo que poderiam assumir mais de um valor, i.e. uma mesma resposta poderia receber mais de uma classificação<sup>71</sup>. Assim, de ora em diante todos resultados apresentados na forma de frequências são então as *frequências de citações*, sendo os percentuais calculados sobre estas citações e não sobre o total de observações<sup>72</sup>. As variáveis criadas a partir da análise que aqui serão apresentadas dizem respeito ao modo com que a experiência amorosa foi *definida*, ao *parceiro* desta experiência e ao *tipo de vínculo* estabelecido entre os parceiros a partir desta experiência. Em segundo lugar, cabe enfatizar que quando perguntado sobre sua primeira experiência amorosa, em alguns casos o entrevistado narrou mais de uma situação<sup>73</sup>.

### *Tipologizando as experiências*

O conjunto das respostas acerca da primeira experiência amorosa foi analisado de mais de uma perspectiva. Primeiramente, busquei apreender como é que as pessoas entrevistadas estavam *definindo* a sua primeira experiência amorosa. O objetivo foi pensar como os jovens compreendiam a expressão “primeira experiência amorosa”, i.e. ao que se referiam quando narravam a sua primeira experiência amorosa.

---

<sup>71</sup> Um exemplo bastante claro de variável que permite múltiplas respostas seria uma variável para *prática(s) religiosa(s)* — e.g. um mesmo sujeito pode se pensar como pertencendo ao catolicismo e a uma religião afro-brasileira.

<sup>72</sup> A expressão *experiência amorosa* será daqui em diante abreviada como EA em algumas tabelas.

<sup>73</sup> Quer dizer: não só uma mesma experiência pode ser classificada pelo entrevistado como sendo marcante porque foi o primeiro namoro e a primeira paixão, como um mesmo entrevistado pode narrar mais de uma situação, i.e. mais de uma experiência amorosa, quando perguntado.

Em segundo lugar, busquei estabelecer com quem esta primeira experiência tinha ocorrido. E, mais que identificar quem foi o(a) parceiro(a) desta experiência, interessava-me analisar em que categoria este(a) parceiro(a) era classificado pelo entrevistado — se fora, por exemplo, indicado como um amigo, namorado, ou profissional do sexo. Vale enfatizar que a análise sempre partiu da compreensão do próprio entrevistado, o que significa que um parceiro só foi classificado como “namorado”, por exemplo, se assim o foi pelo entrevistado, independente do que fosse dito acerca do relacionamento entre os dois.

O duplo processo de análise, da *definição*, por um lado, e do *parceiro*, por outro, da primeira experiência amorosa, envolveu a criação de um conjunto de categorias de respostas. Foi criada uma tipologia de definições e de parceiros a partir da leitura dos textos das entrevistas, na forma de duas variáveis qualitativas categóricas no banco de dados. Estas variáveis permitiram melhor visualizar os dados, evidentemente, em primeiro lugar, em termos quantitativos e, em segundo lugar, permitiram vislumbrar algumas tendências e associações.

A análise de como a experiência era definida e de com quem ocorria me levou ainda a analisar o tipo de vínculo que se criara a partir da experiência amorosa relatada, resultando na criação de mais uma variável qualitativa categórica no banco de dados. A classificação dos tipos de vínculos estabelecidos a partir da primeira experiência amorosa foi necessária pois foram constatadas grandes diferenças: em alguns casos os jovens estabeleciam um relacionamento estável e duradouro, enquanto que, em outros, não havia mais qualquer contato entre os parceiros depois daquela primeira experiência.

Classificando as definições dos jovens sobre a experiência amorosa, identifiquei seis categorias: (1) uma *relação sexual*; (2) uma relação de *namoro* (que pode ou não incluir relações sexuais); (3) um *beijo* ou a primeira vez em que a pessoa “ficou”<sup>74</sup>; (4) a primeira *paixão* ou o primeiro *amor* (independente deste amor se ter tornado um relacionamento concreto); (5) situações de *violência* ou de *abuso sexual* (em três casos, os entrevistados passam a fazer uma narrativa de uma situação de violência ou abuso sexual quando respondendo sobre sua primeira

---

<sup>74</sup> A expressão *ficar* é parte do vocabulário corrente entre jovens no Brasil; há estudos antropológicos sobre o seu sentido/significado e não acredito que eu teria o fôlego de fazer aqui, na presente monografia, uma digressão a este respeito. Entre outros, encontra-se pesquisa de mestrado realizada no próprio PPGAS por Patrice Schuch (1998).

experiência amorosa); e (6) *ereção*, caso que não podia ser subsumido a qualquer uma das outras tipologias (este foi apenas um caso).

Como foi dito acima, a análise das respostas textuais acerca da primeira experiência amorosa permitiu também a criação de uma tipologia para o parceiro da primeira experiência amorosa — (1) um *namorado*; (2) uma pessoa com quem simplesmente *ficou*, referido de ora em diante como *ficante*<sup>75</sup>; (3) um(a) *vizinho(a)*, *colega de aula* ou *amigo(a)*; (4) um(a) *primo(a)*; (5) uma *empregada doméstica*; (6) uma *profissional do sexo*.

A terceira tipologia criada visa dar conta do tipo de relação ou vínculo que havia se estabelecido com o parceiro da primeira experiência amorosa — esta certamente sendo a classificação que requeria maior interpretação subjetiva. Esta análise levou em conta tanto a duração quanto o tipo de vínculo afetivo que se estabeleceu entre os dois parceiros a partir da primeira experiência amorosa narrada<sup>76</sup>. Como mencionado anteriormente, a necessidade desta terceira tipologia surgiu depois do estudo das duas primeiras, da definição e do parceiro. O objetivo foi compreender melhor as diferenças qualitativas entre as experiências amorosas relatadas.

A análise da natureza do relacionamento estabelecido a partir da experiência amorosa resultou em uma tipologia que é a seguinte: (1) namoro breve, i.e. um namoro com duração de um mês ou pouco mais; (2) a pessoa foi a primeira relação sexual mas não se estabeleceu um relacionamento (namoro ou outro); (3) foi com quem teve o primeiro beijo ou foi a primeira paixão, sem constituir qualquer tipo de relacionamento (namoro); (4) esta foi a primeira relação sexual com o também primeiro namorado; (5) foi a primeira relação sexual com o primeiro namorado depois viveram juntos (casaram); (6) estabeleceu-se a partir da primeira experiência amorosa um namoro de duração indeterminada (é impossível inferir a duração); (7) houve um namoro por cerca de um ano; (8) houve um namoro que durou de dois a três anos; (9) o namoro durou quatro anos ou mais, ou ainda, estabeleceu-se um

---

<sup>75</sup> A idéia aqui é diferenciar um pouco o *namorado* do *ficante*. Sob categoria de *ficante* foram incluídos os casos em que o entrevistado explica que foi alguém com quem “ficou”, e também os casos em que o parceiro foi alguém com quem se envolveu numa festa, numa viagem curta, ou ainda em algum evento (show, carnaval); por fim, a categoria abarca também aqueles que mencionam alguém que beijaram (não ficando claro se foi em algum destes locais ou circunstâncias).

<sup>76</sup> Não estou tomando como idênticas a duração temporal de um relacionamento e a sua natureza ou tipo, mas sim considerando que o tempo de duração de um relacionamento pode ser mais um indício para se chegar à sua natureza.

noivado; (10) foram colocados em uma categoria à parte aqueles casos de relatos de violência ou abuso sexual<sup>77</sup>.

No momento da tipologização adotei como princípio em todas as análises e criações de variáveis novas que seriam descartadas todas as respostas em que a formulação da pergunta parecia induzir uma resposta, bem como todos os casos em que a resposta não estava clara.

Uma vez que um dos meus objetivos era analisar o modo com que os entrevistados interpretavam uma expressão em particular, como *definiam* suas primeiras experiências amorosas, era necessário desconsiderar as respostas dadas a perguntas formuladas de maneira a induzir uma resposta.

Como exemplos de perguntas cuja formulação violou o princípio de minha análise, cito alguns casos a seguir.

*ENTREVISTADOR: Tá legal. Quando foi a primeira vez que tu ficou? Como foi a tua primeira ficada?* [Entrevista 096]

*ENTREVISTADOR: Me conta um pouco a história dos teus amores... Como é assim a história do teu primeiro amor?* [Entrevista 090]

*ENTREVISTADOR: Tu pode me falar assim do primeiro namorado, o primeiro ficar, o que tu lembra, assim, que ficou na tua memória, assim?* [Entrevista 114]

Com respeito às respostas consideradas pouco claras, estas foram assim classificadas quando ou bem o entrevistado simplesmente não respondera à questão (seja porque foi evasivo, seja porque não foi perguntado, seja ainda porque o entrevistado afirmava ainda não ter tido uma experiência amorosa<sup>78</sup>) ou bem porque não se depreendia maiores informações a partir da sua resposta<sup>79</sup>. As respostas consideradas pouco claras foram analisadas com maior cuidado, interpretando-se, quando pertinente, a dificuldade dos entrevistados em responder

---

<sup>77</sup> Uma maneira de reduzir drasticamente estas dez categorias foi criar uma nova variável cujos valores possíveis são apenas três: (1) estabeleceu-se um namoro, (2) não se estabeleceu um namoro ou (3) é um relato de violência/abuso sexual.

<sup>78</sup> Há duas entrevistadas que responderam ainda não ter tido uma experiência amorosa (mesmo se já tivessem se *apaixonado*, *beijado* alguém ou tido um *namorado*), explicando que ainda eram *virgens*. Suas respostas foram analisadas em termos do modo com que interpretavam o sentido da expressão “experiência amorosa” — uma relação sexual — e a classificação das suas respostas em termos de *parceiro* e *tipo de vínculo* foi “ainda não tiveram EA”.

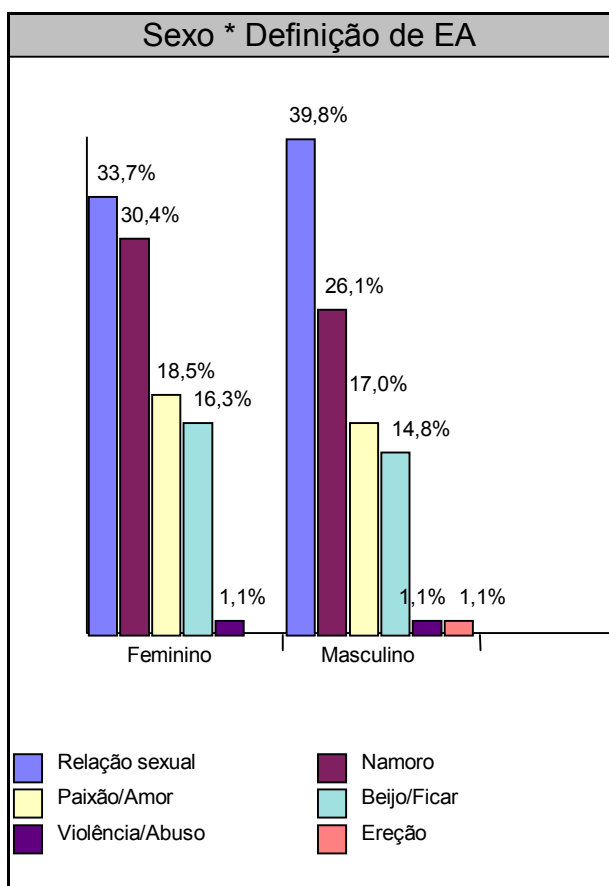
<sup>79</sup> Não me propus, ao menos num momento inicial da análise, a limitar o número de categorias ou tipos de respostas possíveis. A análise foi suficientemente cuidadosa e exaustiva para me permitir dizer que as respostas consideradas pouco esclarecedoras não formam simplesmente um conjunto de elementos díspares reunidos única e exclusivamente por falta de outras categorias melhores para sua classificação; dito de outro modo, não se trata apenas destas respostas não terem se enquadrado nos “tipos” por mim criados.

e/ou o seu silêncio. Estas análises estão também presentes nos dois capítulos que seguem.

### A primeira experiência amorosa na visão dos jovens entrevistados

Tanto a maior parte dos homens quanto a maior parte das mulheres (36,7% dos entrevistados) define do mesmo modo a experiência amorosa, como uma relação sexual. Dito de outro modo, a expressão *denota* a mesma coisa, o coito, tanto para homens quanto para mulheres. Ora, a questão então é saber se a *conotação* é a mesma nos dois casos. Percebe-se pela análise do discurso dos entrevistados que o significado de uma relação sexual para homens e mulheres é diferente.

Gráfico 2 Sexo \* Definição de Experiência Amorosa



Legenda: os valores são os percentuais para cada sexo estabelecidos sobre 180 citações (N Feminino = 92 e N Masculino = 88).

O primeiro dado, portanto, é que tanto a maioria dos homens quanto a maioria das mulheres define a experiência amorosa como uma relação sexual. O segundo advém da comparação dos grupos (i) que definem como relação sexual e os (ii) que

definem como namoro: dentre os homens, a distância entre estes dois grupos é muito maior do que aquela no universo feminino. A distância no caso masculino é de quase quatorze pontos percentuais (13,9) enquanto que no caso feminino é de aproximadamente três (3,3), conforme ilustrado no gráfico acima. As respostas masculinas estão mais concentradas em torno do sexo, enquanto as femininas estão mais distribuídas dentre as categorias de respostas criadas.

Podemos ler aqui uma primeira diferença qualitativa no modo com que as experiências amorosas estão sendo compreendidas e contabilizadas: as mulheres enfatizam mais a ligação afetiva e os homens enfatizam mais o evento *per se* da relação sexual.

Veremos, na análise das falas acerca da primeira experiência amorosa, que, para as mulheres, seja uma *relação sexual*, seja um *namoro*, um primeiro *amor* ou um *ficar*, trata-se, em todos os casos, da possibilidade de se estabelecer um vínculo mais duradouro, uma relação conjugal. Ou seja, as mulheres apostam na perspectiva de uma relação que possa resultar em uma *aliança*, num relacionamento que é entendido como um “casamento”, ou uma pré-figuração do matrimônio, tanto pelo próprio casal quanto por outros (familiares, vizinhos, amigos). Os homens, diferentemente, tendem a dissociar a experiência sexual da relação afetiva ou conjugal – sua primeira experiência amorosa é relatada freqüentemente como um momento de aquisição de conhecimento técnico.

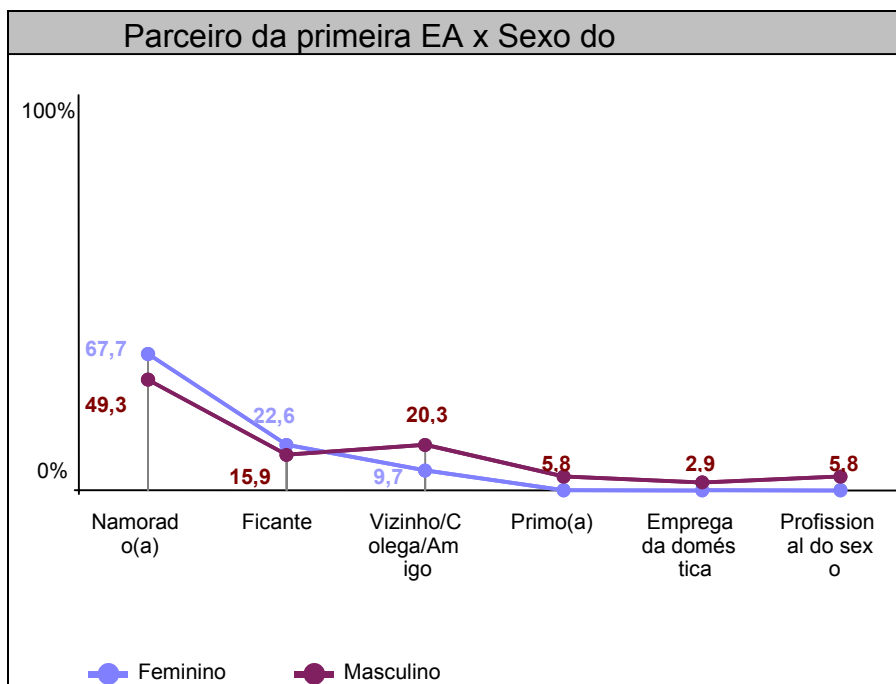
Uma vez que a maioria dos entrevistados define sua primeira experiência amorosa como uma *relação sexual*, busquei investigar diferenças qualitativas em termos do modo com que a relação sexual, por exemplo, estava sendo pensada pelos entrevistados. Isto porque uma das hipóteses é a de que as mulheres teriam uma concepção mais ampla da expressão do que os homens. Assim, fui levada a examinar quem era o parceiro da primeira experiência amorosa e o vínculo estabelecido com este parceiro a partir daquele evento.

Em termos do parceiro da primeira experiência amorosa, mais da metade dos entrevistados teve sua primeira experiência amorosa com um parceiro classificado como namorado(a) (56,7%), enquanto que menos de um quinto com parceiro identificado como *ficante* (18,7%). Pouco mais de quinze por cento teve esta experiência com um(a) vizinho(a), colega de aula ou amigo(a) (totalizando 16,4%). Apenas três por cento mencionam prima (3%) ou profissional do sexo (3%). Aqueles



que mencionaram *empregada doméstica* são cerca de dois por cento (2,2%)<sup>80</sup>. Cabe ressaltar que estas três últimas categorias apareceram apenas entre os casos masculinos. Um gráfico ilustrando a relação entre os tipos de parceiros da primeira experiência amorosa e o sexo do entrevistado segue abaixo.

**Gráfico 3 Tipo de parceiro da primeira EA x Sexo do Entrevistado**



Legenda: os valores são os percentuais calculados para cada sexo sobre um total de 131 citações (N Feminino = 62; N Masculino = 69)

O tipo de relação que se estabeleceu a partir daquela primeira experiência é mais uma forma de avaliar as diferenças qualitativas entre as respostas dadas pelos entrevistados. Aqui, chama a atenção que existe uma *associação* entre os *homens* e uma situação em que o parceiro foi o parceiro da primeira experiência sexual sem que tenha se estabelecido qualquer vínculo, ou relacionamento, enquanto, ao mesmo tempo, há uma *rejeição* entre as mulheres e esta mesma situação, de não estabelecer qualquer vínculo com o parceiro.

<sup>80</sup> Em apenas seis casos não foi possível determinar qual o parceiro da relação, seja por que não estava suficientemente claro, seja porque o entrevistado afirma não ter tido ainda uma experiência amorosa. Ora, uma discrepância apenas aparente pode confundir o leitor, uma vez que não fiz menção anteriormente a casos de pessoas que ainda não tiveram uma experiência amorosa quando tratei da aceção do termo (definição). Claramente, quando o entrevistado afirma que não teve uma experiência amorosa nesses casos, afirma que ainda não fez ou não sentiu ou não teve x, onde x está para a sua definição de experiência amorosa.

**Tabela 2 Tipo de Vínculo estabelecido a partir da primeira EA x Sexo do entrevistado**

	Feminino	Masculino	TOTAL
<b><i>Namoro breve (1 mês ou pouco mais)</i></b>	18,2% (12)	17,2% (11)	<b>17,7%</b> <b>(23)</b>
<b><i>Primeira relação sexual não se estabeleceu qualquer namoro</i></b>	4,5% (3)	23,4% (15)	<b>13,8%</b> <b>(18)</b>
<b><i>Primeira paixão ou beijo não se estabeleceu qualquer namoro</i></b>	12,1% (8)	14,1% (9)	<b>13,1%</b> <b>(17)</b>
<b><i>Primeira relação sexual com o também primeiro namorado</i></b>	12,1% (8)	12,5% (8)	<b>12,3%</b> <b>(16)</b>
<b><i>Primeira relação sexual com o primeiro namorado depois viveram juntos (casaram)</i></b>	18,2% (12)	3,1% (2)	<b>10,8%</b> <b>(14)</b>
<b><i>Estabeleceu-se um namoro mas é impossível determinar a duração</i></b>	7,6% (5)	14,1% (9)	<b>10,8%</b> <b>(14)</b>
<b><i>Namoraram por cerca de 1 ano</i></b>	9,1% (6)	7,8% (5)	<b>8,5%</b> <b>(11)</b>
<b><i>Namoraram por 2 a 3 anos</i></b>	9,1% (6)	3,1% (2)	<b>6,2%</b> <b>(8)</b>
<b><i>Namoraram por mais de 4 anos ou Noivaram</i></b>	7,6% (5)	3,1% (2)	<b>5,4%</b> <b>(7)</b>
<b><i>Relato de violência/abuso sexual</i></b>	1,5% (1)	1,6% (1)	<b>1,5%</b> <b>(2)</b>
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b> <b>(66)</b>	<b>100%</b> <b>(64)</b>	<b>100%</b> <b>(130)</b>

Legenda: os valores da tabela são os percentuais em coluna estabelecidos sobre 130 citações.

Devo fazer ainda, finalizando este capítulo, algumas últimas observações. Em primeiro lugar, nos dois capítulos que se seguem serão apresentados dados das entrevistas; assim, todos os nomes dos entrevistados são fictícios, a fim de impossibilitar a sua identificação. As entrevistas, quando citadas, seguem um padrão que foi estabelecido para a sua transcrição: a sigla *ENT* indica que quem está falando é o *entrevistador* enquanto que a sigla *EGO* indica que a fala é do entrevistado.

## Meninas, mulheres e amores

*O Xote das Meninas (Luiz Gonzaga / Zé Dantas)*

*Mandacaru quando flora na seca  
É um sinal que a chuva chega no sertão  
Toda menina que enjoa da boneca  
É sinal de que o amor já chegou no coração  
Meia comprida não quer mais sapato baixo  
Vestido bem cintado não quer mais vestir gibão  
Ela só quer só pensa em namorar*

*De manhã cedo já tá pintada  
Só vive suspirando sonhando acordada  
O pai leva ao doutor a filha adoentada  
Não come não estuda não dorme nem quer nada  
Ela só quer só pensa em namorar...*

*Mas o doutor nem examina  
Chamando o pai de lado  
Lhe diz logo em surdina  
Que o mal é da idade  
E que pra tal menina  
Não há um só remédio  
Em toda Medicina  
Ela só quer  
Ela só pensa em namorar...*

Partindo da idéia de que homens e mulheres atribuem diferentes significados às suas experiências afetivas e sexuais, procurei compreender, através da forma de percepção e classificação da primeira experiência amorosa, as representações do universo feminino estudado sobre sexualidade e gênero.

Se tomarmos apenas o universo de entrevistas com mulheres, conforme já assinalado no capítulo anterior de forma gráfica, veremos que a maior parte define sua primeira experiência amorosa como uma *relação sexual* (33,7%) ou um *namoro* (30,4%); um número menor de menções é feita às definições como *paixão ou amor* (18,5%) e *beijo ou ficar* (16,3%)<sup>81</sup>. Comparando o grupo das mulheres com o conjunto total das entrevistas, percebe-se que *diminui* no grupo feminino o

---

<sup>81</sup> Como a questão da definição da experiência amorosa foi tratada como uma questão que admitia mais de uma resposta, devo esclarecer que o número de mulheres entrevistadas é 61 (40 destas sendo de segmento popular) e o número de respostas diferentes, ou citações, é de 92 (excluídos os

percentual daquelas pessoas que define a experiência amorosa como uma relação sexual e *crescem* o de entrevistados que a definem como um namoro, dos que a definem como uma *paixão* ou *amor* e dos que a definem como um *beijo* ou *ficar*.

Veremos que, quanto à definição da experiência amorosa, as mulheres têm suas respostas distribuídas entre as diversas categorias de análise, ou tipologias, criadas de maneira mais homogênea relativamente às respostas masculinas. Elas mencionam, em muitos casos, em seus relatos sobre a experiência amorosa um acontecimento que não envolve necessariamente o coito, como o *namoro* ou o *ficar*.

A ênfase dos discursos femininos recai sobre a pré-figuração de um relacionamento afetivo estável e duradouro com o parceiro da primeira experiência. Suas falas estão centradas no contexto afetivo em que a experiência se deu; quando a experiência amorosa é uma relação sexual, buscam sempre contextualizá-la, no mínimo, em termos afetivos.

### **Não pode ser só sexo, tem de ter sentimento**

Em primeiro lugar, verifica-se que, em vários relatos, a primeira experiência amorosa feminina correspondeu à primeira relação sexual com o também primeiro namorado e futuro marido. É no grupo de mulheres de segmento popular que encontramos a esmagadora maioria dos relatos de um parceiro que foi “o meu primeiro em tudo”, i.e. que foi o primeiro namorado, a primeira relação sexual, o primeiro marido, pai do primeiro filho — são mais de dez relatos neste sentido. Janaína explica que o parceiro foi o “primeiro tudo”, por exemplo:

*EGO: Ah, foi um namoro, né? A gente começou a namorar, né? [...] Ah, sabe, foi no namoro, a minha primeira relação.*

*ENT: E foi com o teu companheiro atual?*

*EGO: O atual [...]*

*ENT: E foi assim, essa tua primeira...*

*EGO: Foi a minha... primeiro namorado, primeira experiência sexual, primeira gravidez, foi o primeiro tudo.*

[Janaína, Porto Alegre, 24 anos, segmento popular]

Este é também o caso de Ana, que, imediatamente depois de explicar ao entrevistador que sua primeira experiência amorosa foi uma relação sexual, qualifica

---

casos de não-resposta, resposta induzida ou resposta pouco clara). Os percentuais apresentados são calculados sobre as 92 citações.

o parceiro e a natureza da relação – ele era um namorado e tornou-se pai de seus filhos:

*ENT: Foi um ficar, um namoro ou uma transa como foi?*

*EGO: Eu transei, foi o meu primeiro namorado. [...] Primeiro namorado, primeiro beijo, tudo com ele, tudo com ele, primeiros filhos...*

[Ana, Rio de Janeiro, 22 anos, segmento popular]

Vale ressaltar aqui que, quando perguntadas sobre o que mais marcou na primeira experiência amorosa, duas outras mulheres responderam que foi o *filho*.

Um caso ilustrativo desta associação salientada pelas mulheres entre a primeira experiência amorosa e o primeiro relacionamento estável é o de Mariana, que enfatiza que sua primeira experiência amorosa foi com seu marido – sua primeira paixão, sua primeira relação sexual e pai de sua primeira filha. É revelador o fato de que, depois de indagada, ela diz que tivera outra “experiência”: havia dado um beijo ou *ficado* com um rapaz. Esta primeira experiência, contudo, não é importante pois não houve o estabelecimento de qualquer relacionamento — foi “só um beijo” — por oposição à experiência que ela contabiliza, que resultou no casamento e na filha.

Assim, embora as entrevistadas definam a primeira experiência como uma relação sexual, fazem questão de imediatamente ressaltar que não foi apenas sexo, mas que foi um relacionamento maior que até mesmo resultou, em alguns casos, em aliança e filhos. Neste sentido, devo salientar aqui que a identidade feminina é sempre de alguma forma mediada pela figura masculina — o *marido* — e pela experiência da *maternidade* (DUARTE, 1986; SARTI, 1996; FONSECA, 2000; KNAUTH, 1998)

Em segundo lugar, as narrativas femininas nos casos em que o relacionamento não parece ter durado tanto quanto elas esperavam apresentam uma espécie de justificativa – elas estavam muito “apaixonadas” e somente por isso tiveram relações sexuais. Renata, por exemplo, explica que teve que ceder aos pedidos do namorado para garantir a continuidade da relação afetiva, e justifica a atitude explicando que estava “muito, muito apaixonada”:

*Tem que falar? Foi assim, eu namorava um rapaz da escola, onde eu estudava, e comecei a namorar ele com 14 anos, aí a gente tava namorando e tava um namoro meio ... aí uma vez ele chegou pra mim e disse que queria, mas eu tinha medo, eu tinha 15 anos na época. Aí uma vez ele falou pra mim, eu falei com ele que tinha medo de fazer com ele e*

*depois ele me largar, ele falou pra mim que se eu não cedesse seria capaz dele me largar. Aí eu era muito apaixonada, muito apaixonada, muito apaixonada por ele. Aí foi, foi na casa dele, no quarto dele em um dia de semana, foi no dia... acho que eu sei até o dia...*

[Renata, Rio de Janeiro, 21 anos, segmento popular]

Talvez possamos pensar que se trata aqui de casos em que falar sobre o sexo, sobre a atividade sexual, não é legítimo senão em alguns contextos; um dos contextos pode ser quando o sexo é vinculado ao amor. A preocupação das jovens está assim em contextualizar o ato sexual dentro de um relacionamento, do estabelecimento de uma aliança, que envolva, além de sexo, o amor. Tive a oportunidade de mencionar, em *Sexualidades juvenis*, que Duarte explica que na cultura das classes trabalhadoras urbanas, o sexo está fundamentalmente subsumido à moralidade. Isto significa dizer que só se pode falar de sexo se o que se disser for apresentado mediado por regras do *respeito*; falar de sexo de modo legítimo é falar com uma certa *vergonha* (DUARTE, 1987)<sup>82</sup>.

As entrevistas femininas de segmento popular apresentam como peculiaridade a dificuldade em responder a algumas questões, sendo em alguns casos lacônicas e evasivas. Por vezes, parece mesmo que o entrevistador está “espremendo” uma resposta. Com certeza é preciso interpretar tal silêncio feminino — parece que a iniciação sexual não é algo que deva ser mencionado ou relatado por mulheres. A carioca Ana é evasiva ao responder:

EGO: Bom....

ENT: Você tinha quantos anos?

EGO: Uns quinze anos.

ENT: Foi um ficar, um namoro ou uma transa como foi?

EGO: Eu transei, foi o meu primeiro namorado.

ENT: Como foi? Primeiro namorado, primeiro beijo tudo com ele?

EGO: Tudo com ele, primeiros filhos.

ENT: E como foi?

EGO: Foi bom.

ENT: Pode contar?

EGO: Sei lá.

[Ana, Rio de Janeiro, 22 anos, segmento popular]

---

<sup>82</sup> O programa Sphinx permite que se faça uma análise lexical das respostas, onde são analisados todos os termos empregados pelos entrevistados. Cruzando-se os léxicos com o sexo e segmento social, percebe-se por exemplo que os termos *vergonha* e *nervosa(o)* são empregados principalmente por mulheres de segmento popular, enquanto que a expressão *honra* é empregada por homens. Os poucos homens que usam a palavra *vergonha* (e *nervoso*) em suas falas sobre a primeira experiência amorosa o fazem quando falam de uma situação de iniciação sexual, no contexto em que são relatadas algumas “inversões” da ordem natural; tratarei, adiante, no próximo capítulo sobre este contexto e sobre a iniciação dos homens.

Pode-se aventar que a *idade* destas jovens entrevistadas esteja relacionada à sua hesitação em responder; há afinal um *script sexual* que diz respeito à juventude, ao que se espera que seja a sua forma de agir. Sem desconsiderar um *script* apropriado a jovens, deve-se enfatizar que muitas das respostas classificadas como pouco claras durante o processo de análise (conforme mencionado no capítulo *Amores, namoros e sexo*) concentram-se no universo feminino popular. Ainda que se possa dizer que o *script* sexual para jovens valorize a experiência sexual de um modo geral, este *script* está sempre balizado pelas relações entre os gêneros e por um sistema de significações dado também pela cultura de classe. A contextualização da atividade sexual dentro de uma relação amorosa é o que parece diferenciar, aqui, a *mulher de família* da *mulher sem vergonha* ou da *mulher de rua*.

Fica especialmente claro nos relatos em que não houve o início um relacionamento afetivo que a expectativa feminina é a do estabelecimento de um elo mais duradouro. Estes relatos estão permeados por um tom de lamento e frustração. Tatiana primeiro enfatiza que tinha um sentimento de paixão e, depois, relata sua frustração:

ENT: [...] Quer dizer, eu quero que você diga pra mim como é que aconteceu a primeira vez que você se sentiu tendo uma experiência amorosa.

EGO: Primeiro eu me apaixonei... [...] O que me levou a [me] apaixonar [por] ele? No dia do meu aniversário, ele simplesmente me deu um beijo. Aí pronto. [...] Aí é difícil de explicar... porque não foi uma transa completa.

ENT: Certo. E você gostou, apesar de não ter sido uma transa completa? De ter ficado com ele dessa forma?

EGO: Não.

ENT: Por quê? Você queria mais?

EGO: Não foi como eu imaginava.

[Tatiana, Salvador, 23 anos, segmento popular]

O relacionamento que se estabelece a partir da primeira experiência amorosa — uma forma aliança — pode até não ter uma duração tão longa e pode não se tornar um casamento. Neste caso, as mulheres enfatizam a sua intensidade: elas acreditavam que estavam naquele momento muito apaixonadas, contextualizando deste modo a relação sexual consumada. O fato de terem tido sua primeira relação sexual então é uma espécie de marco e coroamento da intensidade do sentimento. O depoimento de Laura é exemplar neste sentido:

ENT: Mas, assim, que tu considere, essa foi a tua primeira experiência amorosa, por quê? Por que foi a primeira transa ou foi por que foi a primeira vez que tu te apaixonou?

EGO: Não, foi a primeira transa. E foi...

ENT: E tu tinha te apaixonado antes ou?

EGO: Já, já havia me apaixonado. Apaixonado [ênfatizando, com um certo tom de ironia]... Quer dizer, com quatorze anos, o que é que tu pensa que é paixão? Tu nem sabe direito, ainda, o que é que amor, o que é que é paixão, o que é... sabe? Mas eu acredito que eu gostava muito, que eu amava [ênfatizando] na época, e foi gratificante. E foi uma coisa que eu acho que valeu a pena. A gente só se arrepende, talvez, das coisas, né, quando elas não dão certo [...]

ENT: E antes disso tu não tinhas tido nenhum namorico?

EGO: Só namoricos, assim, sem futuro, sem...

ENT: Tu nem considera muito relevantes, pra ti?

EGO: Não, eu acho que o marco foi isso, foi quando eu perdi, eu descobri [ênfatizando] o sexo. Esse foi o meu marco.

[Laura, Porto Alegre, 24 anos, segmento médio/alto]

Esta forma de contextualização da relação sexual em termos de um sentimento amoroso, veremos adiante, é particularmente forte entre as mulheres de segmento médio ou alto.

Em outro relato vemos que a virgindade é negociada para o estabelecimento de um vínculo amoroso: em troca da virgindade a mulher espera que se estabeleça um relacionamento duradouro. O valor da virgindade parece ser dado por este poder ou capacidade de troca, não tanto pela associação a um traço tido como essencial ou característico, como a pureza ou castidade; a virgindade tem antes de mais nada um traço relacional. Chama a atenção, neste sentido, o uso da expressão *devedor*, em Salvador, por mulheres, para se referir ao primeiro parceiro sexual, como Regina:

*Ele foi o primeiro. Foi o meu devedor. Meu devedor não, como é que se chama, meu Deus? É isso mesmo devedor. É só o que as meninas falam mesmo. **[É devedor]** Porque os outros diz que entregou a pureza, só que a gente não diz mais devedor, a gente fala de outro jeito, que eu esqueci...a gente não diz mais devedor a gente diz outra coisa lá que eles deram.*

[Regina, Salvador, 21 anos, segmento popular]

Fica claro também como a virgindade pode ser moeda de troca no depoimento de Cláudia, que, ao responder à questão da “experiência amorosa” narra o momento do seu primeiro relacionamento sexual. Ela explica antes de mais nada que gostava muito do rapaz, e que eles tinham um namoro, mas não relações sexuais. O rapaz mantinha relações sexuais com outra menina, segundo Cláudia,



porque ela não o fazia. E ela então decide ter relações sexuais na tentativa de modificar a natureza da sua relação com o rapaz, de estabelecer a exclusividade e elos mais fortes. Quando a relação sexual acontece de fato, ela se sente extremamente frustrada. A narrativa se dá no presente e Cláudia está avaliando a relação passada: a relação não foi exclusivamente por amor e, principalmente, não estabeleceu um relacionamento mais duradouro, como ela desejava. É significativo que ela se sinta como se ele tivesse *roubado* algo dela:

ENT: Quando e como aconteceu a primeira experiência amorosa? [...]

EGO: Foi [risos] aí, aí. Ó, foi numa casa, entendeu, com um dos meus primeiros namorados. Que eu tinha quinze anos, gostava muito dele, entendeu. Era uma coisa assim, foi legal, entendeu, foi numa casa, ou melhor, não foi dentro da casa, foi fora, entendeu, e foi, sei lá, uma coisa rápida, em pé, uma coisa sem sentido, uma loucura. Foi isso [risos]. [...]

ENT: Como era assim a relação que vocês tinham?

EGO: Foi assim, a gente namorava, entendeu, ele paquerava com outras meninas também, porque, eu sentia, ou melhor, eu sabia que ele paquerava, porque na época também eu era virgem e namorava com ele. Aí ele sempre queria, eu não quis, que eu não queria, que eu tinha medo. Aí, ele falava, mas só que tinha uma colega minha, ou melhor, não era colega, era conhecida. Aí ele sempre ficava com ela. Ele ficava com ela porque também ela não era mais virgem, ele ia pra casa dela, ela não tinha mais mãe. Ficava com ela [...] aí ficava assim, depois disso eu via, eu sentia ciúmes. **Eu acho que foi o que me motivou a me entregar pra ele perdidamente, assim. Porque eu achava assim, que ele ia procurar ela, porque ela... ou melhor, ela tinha algo a mais pra dar a ele, e eu não dava, entendeu.** Aí, bom, fiz, sei lá, talvez não foi nem por amor, mas foi justamente por isso, que eu ciumava da outra e achava que se eu fizesse isso que ia mudar. [...]

ENT: Certo. Aí você falou que aconteceu uma coisa com você. E como é que foi isso? [...] Como você se sentiu?

EGO: **Me senti super mal, ou melhor, saí escondido [...] roubar minha laranja aqui** [risos], aí eu... Quando eu cheguei em casa, que eu não tava na minha casa, entendeu, aí, eu cheguei em casa, entrei. Foi assim, eu me senti mal, no outro dia arrependida, chorei bastante. Não queria, sei lá, quando eu vi ele, eu senti nojo.

ENT: Você falou que se pudesse voltar atrás... como é?

EGO: Se eu pudesse volta atrás, eu voltaria. Eu me arrependi, muito.

[Cláudia, Salvador, 18 anos, segmento popular]

Autores como Duarte já mencionaram o valor da virgindade. Tratando de sexo e moralidade na cultura das classes trabalhadoras, Duarte (1987) descreve a relação entre um homem e uma mulher em termos de uma coreografia que tem início com o primeiro passo seria a *iniciativa masculina*, que deve ser correspondida com uma certa *resistência feminina*. O segundo passo depende da iniciativa feminina: ela *cede* e ele *satisfaz*. A importância deste segundo passo está na

possibilidade de configurar o *casamento*, em que podem se conjugar as dimensões do *prazer* e da *reprodução*; o ingresso no mercado matrimonial, contudo, para a mulher, na análise de Duarte, depende sobretudo dela se manter *virgem* (DUARTE, 1987).

### **Homens e mulheres são de naturezas distintas**

A relação entre a iniciativa masculina e a resistência feminina, no segmento popular<sup>83</sup>, pode ser ainda analisada pelo viés da caracterização do parceiro como *carinhoso*. É freqüente que a resposta das mulheres de segmento popular ao que mais marcou na primeira experiência amorosa seja, simplesmente, “o carinho”. Para Joana, o jeito carinhoso do parceiro foi importante:

*O que mais me marcou...? [...] Porque ele teve paciência comigo sabe, foi carinhoso comigo, acho que isso foi uma coisa que me marcou, porque tem muitos rapazes que chega né, ( ) com ele já foi com aquela vontade porque ele soube conversar comigo, entendeu, foi devagar sabe, como é que se diz, não sei... ele... foi me conquistando aos poucos assim entendeu, acho que foi isso que me marcou, o jeito dele.*

[Joana, Rio de Janeiro, 19 anos, segmento popular]

O jeito carinhoso descrito aqui se opõe àquele dos parceiros que fizeram pressão ou “forçaram a barra”, o que se explica, segundo estas mulheres, pelo fato de que o homem de um modo geral tem maior necessidade de sexo. O homem é quase sempre “supostamente excessivo, disruptivo” e a possibilidade de ele “ter outras mulheres” não é remota (DUARTE, 1987: 221 e 222).

Um modelo que supõe a existência de uma natureza masculina e feminina diferentes já foi demonstrada na Medicina por Laqueur (1990)<sup>84</sup>, tendo surgido no período do Iluminismo. As diferenças apontadas pelo modelo biomédico entre homens e mulheres legitimavam a não-participação de mulheres na sociedade civil e política ocidental. A idéia de que mulheres e homens são qualitativamente diferentes passou a fazer parte no século XIX da ideologia burguesa de que existem *esferas* ou

---

<sup>83</sup> Rieth, analisando o comportamento de jovens oriundos de camadas médias em Pelotas (RS), enfatiza que “por mais que a iniciativa da aproximação seja masculina, a *atitude feminina não é menos ativa*, sendo intensa a troca de olhares entre os jovens, observando-se a moralidade contida nos espaços públicos em que transitam” (RIETH, 1999: 45-6).

<sup>84</sup> A Medicina já trabalhou com o modelo de um só sexo antes de se utilizar do modelo corrente de dois sexos. Houve um período segundo Laqueur (1990) em que o corpo feminino era compreendido como uma versão inferior do masculino (órgãos sexuais femininos sendo meramente versões internas ou invertidas dos masculinos) e esta compreensão foi substituída, no século XVIII, pela de que o

*domínios* diferentes (CONNELL, 1997). Neste modelo, as mulheres, seja naturalmente por causa de seus sistemas nervosos mais sensíveis, seja por causa do sofrimento pelo qual passaram por séculos, são mais aptas moralmente do que os homens — estes últimos estão neste sentido mais próximos da natureza (LAQUEUR, 1990). Sendo as diferenças entre os sexos incomensuráveis no modelo de dois sexos, atribui-se à mulher um papel específico: o de *civilizar os homens* (LAQUEUR, 1990).

A relação no sistema de reciprocidade e complementariedade social, entre os gêneros e entre a cultura e a natureza, permanece fundamentada na associação clássica mulher / natureza e homem / cultura (LEAL, 1989). O homem está associado à cultura, à exterioridade, às relações políticas e de força, por estar mais próximo da rua, enquanto a mulher apresenta-se como o inverso complementar e está mais próxima da casa (SARTI, 1996). Entretanto, no domínio específico da *sexualidade* o homem parece mais próximo, de alguma maneira, da *natureza* pela idéia do *instinto sexual natural*, um instinto a ser domado ou civilizado pelas mulheres.

As representações sobre a natureza feminina e a natureza masculina são analisadas por Knauth (1997; 1998) quando esta trata de mulheres e homens portadores do vírus da AIDS. As mulheres soropositivas diferenciam as formas de contaminação: formas legítimas, involuntárias, casuais, são decorrentes, no caso dos homens, da *natureza masculina* e, no das mulheres, do *desempenho de um papel social* (de esposa). Os chamados “comportamentos de risco” que podem implicar a contaminação pelo HIV são próprios de uma *natureza masculina* — os homens são *naturalmente livres* e seus comportamentos por isso mesmo podem extrapolar balizas formais de conduta social, por exemplo, nas relações extraconjugais (e mesmo bissexuais) e no uso de drogas injetáveis.

Na representação das mulheres, o homem é visto como um ser “naturalmente” livre. Socialmente, ele dispõe de maior liberdade por estar associado ao espaço público e, interiormente, necessita de independência para viver. Esta liberdade atribuída aos homens se manifesta, em particular, no fato de não precisarem justificar seus comportamentos (...) Ela se realiza também por meio de práticas caracteristicamente masculinas, tais como o consumo de bebidas alcoólicas e de drogas, além dos diferentes tipos de reuniões entre pares — clubes esportivos, bares, etc. [KNAUTH, 1998: 184]

---

corpo feminino era o oposto incomensurável do corpo masculino (a natureza dos órgãos sexuais e o orgasmo feminino e masculino passam a ser consideradas completamente diferentes).

O comportamento masculino nas práticas sexuais e nos relacionamentos amorosos se explica em termos naturais, até fisiológicos: eles têm uma necessidade natural de sexo (que nem sempre pode ser satisfeita com a companheira). O comportamento masculino decorre de sua natureza, o que não impede entretanto que as mulheres — ou melhor, as *mulheres de respeito* — imponham restrições à liberdade dos seus parceiros — principalmente se o comportamento masculino sobre o qual se lamentam se der no espaço da *casa* ou se o homem deixar de cumprir com sua função de *provedor* (KNAUTH, 1998). A esposa controla o homem tentando minimizar as *más-influências* de amigos ou de *mulheres de rua*, influências nefastas que podem corromper o homem. A contaminação por HIV das mulheres pelos seus parceiros cria uma situação em que podem ser atingidos, simultaneamente, todos os princípios da identidade social feminina nos grupos populares — a consangüinidade, a aliança e a descendência (KNAUTH, 1997).

É em termos de uma natureza masculina que Claudia (Salvador, 18 anos, segmento popular), uma das entrevistadas, explica que o namorado sempre queria sexo e ela relutava, sendo virgem; ela então diz que ele procurava uma outra menina, que não era virgem, sempre que ele tinha necessidade de ter relações sexuais. Luana (Salvador, 18 anos, segmento popular) relata igualmente uma situação em que o parceiro sempre queria, sempre lhe procurava, e ela “ficava fria”. Ana Maria explica que rompeu com o namorado justamente porque ele “ficava botando pressão em cima”:

*ele era bem mais velho, e queria só transar comigo, era aquela pressão em cima, até não deu certo por causa disso.*

[Porto Alegre, 20 anos, segmento popular]

A preeminência do *prazer* na sexualidade da cultura dominante é tal, segundo Duarte (1987), que em nossas análises temos dificuldade de nos distanciarmos deste; é justamente esta centralidade que faz com que nos perguntemos (nós pesquisadores, pertencentes à cultura dominante) sobre o prazer do Outro. Constrói-se no Outro-operariado ou bem um *não-prazer* ou bem um prazer em seu estado mais *natural* ou *espontâneo* (DUARTE, 1987). Na cultura dominante, o *prazer* é um valor preeminente da sexualidade que é também concebido como estando em permanente ameaça. Chama a atenção, neste sentido, que é apenas no discurso das mulheres de segmentos médios ou altos que encontramos uma referência à

possibilidade do *prazer sexual* quando perguntadas sobre o que mais marcou na primeira experiência amorosa. É significativo que Denise responda, por exemplo, que o que mais lhe marcou na sua primeira experiência amorosa foi o fato de não ter tido prazer sexual:

*ENT: Teve assim alguma coisa que marcou mais você, nessa primeira experiência?*

*EGO: Eu não conseguia gozar, assim, não entendia, gostava, entendeu? Mas não decolava, pensava mais em outras coisas...*

[Denise, Salvador, 22 anos, segmento médio/alto]

O modelo psicológico de *pessoa*, referido no capítulo *Sexualidades juvenis*, tem como um dos seus pontos centrais a questão do *prazer*; aqui, através da representação individual-psicológica-individualista, o *sexo* aglutina a *inteligibilidade*, a *totalidade* e a *identidade* do sujeito moderno (DUARTE, 1987). Em contraste, na cultura das classes trabalhadoras, caracterizada pela *relacionalidade*, *complementaridade* e *reciprocidade*, a maior fonte de significações é uma *moralidade*, sendo as unidades de identidade básicas localizadas ao nível da *família* e da *localidade* (DUARTE, 1987).

A análise de Duarte (1987) não torna o *prazer sexual* nas classes trabalhadoras alguma coisa de irreal ou fictícia, mas contextualiza este. Não se nega, afinal, que haja um substrato biológico para a sexualidade. A legitimidade do prazer sexual vincula-se à expectativa de conjugação deste *prazer* com a *reprodução* (biológica e social), quando se configura o *casamento*; o *prazer* feminino é negociado com a *obrigação* masculina (DUARTE, 1987). O prazer não é, na cultura das classes operárias, um valor em si mesmo, estando sempre balizado pelos limites da *moralidade* (pois que o sexo mesmo está subsumido a esta). Se descolado da *reprodução* e da *obrigação*, o *prazer* e a *busca de prazer* podem ser considerados algo de perigoso (DUARTE, 1987).

Compreende-se assim como a relação sexual, para muitas mulheres, deve sempre estar vinculada a alguma coisa que não seja apenas o prazer sexual — um sentimento. Vimos que o relacionamento sexual nos relatos femininos é sempre contextualizado, há sempre uma medida do quanto elas gostavam do parceiro naquele momento. Afinal de contas, “é preciso ter sentimento”, explica Thaís, carioca de vinte anos.

## O que as mulheres aprendem com os homens

Mesmo quando a primeira experiência amorosa relatada é uma relação sexual, há uma descrição rica em detalhes de como e onde se conheceu o parceiro, o que certamente é uma maneira de contextualizar um relacionamento. A riqueza das descrições contrasta, veremos, com a falta de detalhes de alguns relatos masculinos (estes últimos, quando detalhados, enfocam questões mais técnicas da prática sexual).

No que diz respeito ao ato sexual em si mesmo, as mulheres falam basicamente do medo que tinham de sentir dor, algumas falam do local em que se deu o ato, mas nada, ou quase nada, de mais específico do ato sexual propriamente dito. Talvez porque seja parte de uma descrição mais técnica do ato, talvez porque outros relacionamentos de um homem de certo modo minem um projeto conjugal com ela, o fato é que as mulheres tampouco oferecem muito espontaneamente informações sobre a experiência sexual prévia do parceiro.

Um dos poucos discursos que oferece uma descrição do ato é, vimos, o de Cláudia (Salvador, 18 anos, segmento popular), que narra uma relação “rápida, sem sentido, em pé, do lado de fora da casa” com um rapaz que já tinha relações com outras; observa-se que a informação acerca das experiências sexual do rapaz, contudo, só é oferecida porque este foi o que lhe motivou a ter relações – ela “ciumava” da outra e achava que assim as coisas iriam mudar.

A descrição pormenorizada, ou mesmo técnica, do ato sexual, bem como a idéia de uma aquisição de um conhecimento não aparecem no discurso feminino da mesma forma que, veremos, aparece no discurso masculino. A menção de algum tipo de aprendizado, de forma explícita, só é feita em relatos de mulheres de segmento popular que explicam que um parceiro mais velho e mais experiente *ensinou a mulher a se prevenir* ou quando o parceiro inclui ela no seu plano de seguro de saúde.

Há uma expectativa feminina, no segmento popular, de que o parceiro mais experiente “ensine” algo, mas o conteúdo deste ensinamento não passa pelos pormenores técnicos do ato sexual em si. Angélica, por exemplo, explica que seu parceiro lhe ensinou “a se prevenir”:

*ele começou a conversar: "Por quê? Você tem medo é?" Eu disse a ele: "Não, é porque eu me acho muito nova." Ele disse: "Olha, não tem idade,*

*você só tem que aprender uma coisa, a você... Pode ser a hora que for, o dia que for, você tem que aprender a se prevenir das doenças e de tudo mais, tá entendendo?" Eu disse: "É, com certeza." Ele disse: "Então, podemos tentar?" Aí eu fiquei com vergonha, mas depois aconteceu. Aí pronto, aconteceu nesse dia.*

[Angélica, Salvador, 21 anos, segmento popular]

Não há, entre as mulheres de segmento médio ou alto, referência a um aprendizado ou à aquisição de algum conhecimento. Estas mulheres reclamam da inexperiência e falta de jeito dos parceiros, mas não falam de sua própria inexperiência. Laura, gaúcha de vinte e quatro anos, por exemplo, diz que o mais marcante na sua primeira experiência amorosa foi a descoberta do sexo; sua fala enfatiza a *igualdade* entre parceiros: "éramos duas crianças descobrindo juntas". Cabe salientar aqui que Duarte aponta a *igualdade* como um dos princípios da cultura dominante (DUARTE, 1986; 1987; 1997).

Existe uma referência, nos segmentos médios, a uma idéia de *amadurecimento*, um processo que supõe um modelo psicológico de pessoa (DUARTE, 1997), pois requer a idéia de uma certa *interioridade* ou experiência subjetiva. Este amadurecimento advém de uma reflexão sobre a experiência, não sendo uma passagem demarcada por um evento de maneira abrupta, i.e. é um *processo*. Keila diz que se tornou mulher transcorrido já algum tempo depois da sua primeira experiência amorosa, quando ela se deu conta de que era preciso se separar do companheiro:

*Foi difícil, levei muito tempo assim pra me atualizar e cair na real: eu sou eu, eu tenho que seguir minha vida, independente dele, sabe, que ser mulher, criar maturidade pra isso.*

[Keila, Salvador, 20 anos, segmento médio/alto]

No segmento popular, o relacionamento da mulher com um homem mais velho é importante para a troca que se dá através da experiência amorosa/sexual. Seguindo a idéia de que há uma expectativa feminina de que uma aliança se consolide a partir de uma certa troca que se estabelece na relação entre um homem e uma mulher, as ações da mulher devem estar fundadas sobre "o princípio do cálculo da boa escolha" (DUARTE, 1987: 221). O relacionamento com um homem mais velho se configura, então, como um *projeto*, à medida em que parece ser mais fácil realizar a consolidação de uma aliança com este do que com um parceiro jovem. Supõe-se, neste cálculo para o ingresso no mercado matrimonial, que um

parceiro jovem pode não assumir a sua *obrigação*, i.e. submeter-se à dimensão reprodutiva (biológica e social), compondo *casa* ou *família* (SARTI, 1996).

Nas classes trabalhadoras urbanas, segundo Duarte (1986), a fundamental oposição *mais velho x mais novo* é regida pelo valor do *respeito*. Há uma supervalorização da condição adulta, pois a identidade social plena e legítima depende de se chegar a esta condição. Dito de outro modo, tem *respeito* quem tem sua identidade plenamente reconhecida, o que só é possível, neste grupo, com a instituição de uma *família* nova, pois requer não ser pensado como adolescente, ser casado e ter filhos. A transição dos *rapazes* para a vida adulta se dá pelo ingresso no mercado de trabalho, de forma regular, e pela passagem pelo *serviço militar*<sup>85</sup>; tanto para rapazes quanto para *moças*, o casamento aqui é fundamental. A plena identidade masculina só é adquirida com a demonstração do sujeito de que detém capacidades que são de ordem física, mental e moral, i.e. que tem força física, agilidade mental e que constituiu família (DUARTE, 1986).

O relacionamento das mulheres entrevistadas com parceiros mais velhos então pode ser compreendido à luz desta idéia de que o homem mais velho já tem sua identidade masculina e adulta claramente reconhecida. A identidade masculina já construída confere *respeitabilidade* à parceira<sup>86</sup>; a identidade feminina é, na análise de VÍCTORA (1992), muito mais relacional, estando fundada basicamente sobre a constituição da *família*. A *respeitabilidade dela*, assim, é conferida pela *respeitabilidade dele*<sup>87</sup>.

A demarcação da passagem para a condição adulta aparece no discurso feminino, mas não necessariamente vinculada à experiência sexual. Nos segmentos

---

<sup>85</sup> O *serviço militar*, citado por Duarte, não aparece nos dados do projeto GRAVAD — não há menção ao serviço militar obrigatório nem por parte dos homens nem das mulheres entrevistadas. É provável que este silêncio seja melhor explicado pelo fato de que os entrevistados de segmento popular no projeto GRAVAD estão em condições materiais de existência mais precárias do que aqueles trabalhadores entrevistados por Duarte, sendo de tal forma excluídos que sequer passam pelo serviço militar.

<sup>86</sup> Para uma discussão da categoria *respeito* e *masculinidade*, cf. VÍCTORA (1997).

<sup>87</sup> Lembro aqui a discussão clássica na literatura antropológica sobre o chamado complexo simbólico de *honra e vergonha* em sociedades mediterrâneas (PITT-RIVERS, 1977), ressaltando que existe uma discussão sobre a cultura brasileira ser, ou não, herdeira destas sociedades (FONSECA, 2000; RIETH, 1999). Nestas sociedades, a “honra” feminina depende da preservação de uma pureza sexual, sendo atitudes próprias de uma mulher a *vergonha* e o *recato*; a honra masculina não se vincula à *vergonha*, sendo afirmada através do *desempenho*, o que inclui a potência sexual. Havendo uma relação hierárquica de diferenciação complementar entre os sexos, a *honra* masculina depende também da pureza sexual das mulheres com quem o homem se relaciona (esposa, irmãs, mãe, filhas).



populares, a menção é a um relacionamento com um homem mais velho, ou seja, à possibilidade de ingresso no mercado matrimonial.

Juliana diz que aos doze anos rompeu com um namorado quando se deu conta de que ele era um menino, que “não era homem” para ela. Ela queria um relacionamento com um homem mais velho e a *menstruação* demarcou uma mudança importante:

*Eu namorava com um menino lá na rua mesmo. [...] Lá de junto, lá na frente. Namorei com ele até meus doze anos. Depois eu disse: "Não é homem pra mim. Não é homem pra mim." Porque eu achava que ele era criança. Depois que eu fiz meus doze anos, que eu fiz meus doze anos, que eu comecei a nascer peito, né? Eu fiquei com meu corpinho bonito, queria sair, isso e aquilo. Os meninos de lá não vale nada. [risos] Com meus onze anos, ainda prestava, mas perto de fazer treze anos, eu não quis mais. Eu já fiz o quê? Com meus treze anos eu fiquei menstruada, aí que eu só queria mesmo saber de homem velho.*

[Juliana, Salvador, 20 anos, segmento popular]

A questão do *sangue*, na forma de *menstruação* ou de *sangramento* na primeira relação sexual, é mencionada apenas por mulheres de segmentos populares (acerca do *sangue* como categoria *êmica* em grupos sociais populares, cf. DUARTE, 1986). Muitas relatam espanto e absoluta surpresa diante de um fluxo de sangue, dando ao evento uma conotação de algo inesperado, surpreendente e muitas vezes assustador. O inesperado revela o fato de que muitas dessas mulheres não têm qualquer conversa sobre a menstruação (ou outra forma de sangramento vaginal), nem com suas mães, nem com outras pessoas.

Aline conta que sua primeira experiência amorosa foi com o seu então noivo, que tinha trinta e três anos. Ela enfatiza que seu crescimento se deve ao fato de que ela tinha um *homem* ao seu lado — alguém experiente que podia lhe explicar coisas, que era um companheiro; mais uma vez, a *menstruação* é importante como um dos demarcadores da *aduldez*. A entrevistada lembra de ter ficado “em pânico” quando viu alguém menstruada pela primeira vez, no caso, a sua prima; quem lhe explicou o que estava acontecendo foi o parceiro, pois a mãe nunca conversara com ela sobre a menstruação:

*Quando eu fiquei [menstruada], eu já sabia o que é que era. Mas quando eu vi que a minha prima tava assim, eu entrei em pânico. [...] que tá morrendo, tá passando mal, tá tendo um filho, sabe? Tá machucada. É isso que eu pensava. Aí não, ele me explicou, aí foi que eu entendi, entendeu? Então, pra mim serviu essa experiência dele porque a gente conversava coisas íntimas que eu nunca conversei com a minha mãe. Foi com UM HOMEM [ênfase na fala] que eu perdi a minha... minha vergonha, entendeu? Deveria*

*ser assim, a minha mãe chegar pra mim e dizer: "Não, minha filha, é isso, isso, isso". Mas não, foi ele. Eu acharia melhor ela chegar e dizer pra mim: "Ó, minha filha cuidado porque quando acontecer alguma coisa assim, um dia a primeira vez..." [...] E por isso, eu gostei mais assim, ele me marcou também, muito mais ele por causa disso tudo, entendeu? É tipo um... além de ser um namorado, foi um companheiro, foi um amigo, foi tudo. Foi tudo. E eu gostei pra caramba!*

[Aline, Rio de Janeiro, 21 anos, segmento popular]

Proponho uma interpretação sobre esta ênfase das mulheres sobre o sangue menstrual a partir das análises de Duarte (1986; 1987), Leal (1995), Knauth (1997) e Víctora (1991). Duarte enfatiza a importância da constituição da família nos segmentos populares, enquanto Knauth e Leal falam da importância do sangue, ou melhor, da circulação e interrupção do fluxo de sangue no corpo feminino, para a constituição da identidade feminina em grupos populares. Estou sugerindo que uma interpretação possível reside no fato de que, do ponto de vista bio-médico, a menstruação é um dos sinais universais da chamada *puberdade*, de mudanças corpóreas que implicam, entre outras coisas, a possibilidade da reprodução<sup>88</sup>. A capacidade biológica reprodutiva feminina, a possibilidade da gravidez, é sinalizada pelo evento da primeira menstruação. A constituição da família, na cultura das classes trabalhadoras, segundo Duarte (1987), envolve necessariamente a reprodução — a reprodução biológica, através dos filhos, e a reprodução social. A importância da menstruação então está em que esta sinaliza não só a possibilidade da gravidez, mas também a do casamento, isto é, da reprodução biológica e social<sup>89</sup>.

O sangramento feminino ocorrido no momento da primeira relação sexual também é importante. Para Valéria, por exemplo, o que mais marcou na sua primeira experiência amorosa foi o sangramento:

*O que mais me marcou [na primeira experiência amorosa]? Pra mim foi uma coisa estranha porque sangrou muito, eu fiquei muito chocada pelo tanto de sangue que saiu. Até hoje eu não esqueço, toda vez que estou quieta em um local que eu me lembro, no momento eu não fiquei tão apavorada, porque eu achei que a era a minha menstruação que estava vindo, mas depois eu vi que não. Hoje em dia quando eu fico pensando, então devido já ter acontecido eu estava devidamente preparada, mas foi muito estranho.*

[Valéria, Rio de Janeiro, 19 anos, segmento popular]

---

<sup>88</sup> Sobre a importância de fluídos corporais, como o sangue, o leite materno e o sêmen, bem como a circulação pelo corpo, ver KNAUTH (1997); FARMER (1988); LEAL (1995).

<sup>89</sup> Neste sentido, é interessante observar que VÍCTORA (1991) constata, em sua dissertação de mestrado, que há uma condenação social de jovens que têm relações sexuais antes do evento da primeira menstruação numa vila em Porto Alegre.

Retomando, mais uma vez, o quadro analítico proposto por Duarte, gostaria de chamar a atenção para o fato de que são as mulheres de segmentos populares que mencionam, quando perguntadas sobre o que mais marcou na primeira experiência amorosa, o *sangue* e o *filho*. Já ressaltai, acima, a *família* como unidade para construção da identidade social, num contexto em que esta só é plenamente atingida quando se chega à condição de adulto (DUARTE, 1986; 1987). Enfatizei, ainda, que o *sangue* pode ser pensado enquanto categoria *êmica*, estando vinculado na cultura das classes trabalhadoras à força, sendo pensado do ponto de vista de sua qualidade e também de sua quantidade e mobilidade; a perda de sangue durante o período menstrual assinalaria uma *fraqueza* feminina, por oposição à maior *força* corporal masculina, que tem maior quantidade de *sangue* no corpo (DUARTE, 1986).

Diferentemente das mulheres de segmento popular, as mulheres de segmento médio, ou alto, quando referem o que mais marcou em sua primeira experiência amorosa, não referem *sangramento*, *filhos* nem tampouco o *carinho*. As falas sobre o que foi mais marcante neste segmento podem ser cindidas em dois grandes grupos: por um lado, há quem ache que o mais marcante na primeira experiência amorosa foi o contexto em que se deu a experiência — um ambiente romântico, um clima de descoberta — e, por outro, há quem refira questões de *prazer* e de *desempenho* no próprio ato — que a inexperiência e falta de jeito do parceiro foi marcante, por exemplo.

### ***Ela só quer, só pensa em namorar...***

Quase um terço das mulheres entrevistadas definem sua primeira experiência amorosa como uma relação de *namoro*. O que é mais interessante aqui é que não são coisas excludentes ou contraditórias tomar a primeira “experiência amorosa” como uma relação de namoro ou como uma relação sexual. Pelo contrário, as duas coisas aparecem associadas em alguns casos. Como vimos, as mulheres enfatizam ou caracterizam o contexto, o tipo de vínculo que tinham com o parceiro do primeiro relacionamento sexual.

O número de casos de um namoro breve, com um mês ou alguns meses de duração, é maior dentre as mulheres de segmento médio do que as de segmento popular. Também é proporcionalmente maior o número de mulheres nos segmentos

médios ou altos que não lembra quanto tempo durou o relacionamento ou que dá uma descrição deste do qual não se pode inferir a duração do namoro (no que elas se aproximam dos homens também deste segmento, como se verá no próximo capítulo).

Já disse no início deste capítulo que a esmagadora maioria das mulheres que caracterizam sua primeira experiência amorosa como sua primeira relação sexual, primeiro namoro e casamento pertence ao segmento popular. É interessante então observar que o número de mulheres que estabeleceu, a partir da primeira experiência amorosa, um namoro de um a quatro anos, ou um noivado, é proporcionalmente maior entre as mulheres de segmentos médio ou alto.

Os relatos femininos nos segmentos médios ou altos enfatizam o relacionamento de namoro, contextualizando-o, descrevendo o parceiro, a duração do relacionamento e o que sentiam pelo parceiro; a relação sexual é mencionada de forma casual, na medida em que a ênfase está toda no vínculo estabelecido com o parceiro ou no contexto romântico em que se deu o encontro sexual.

A ênfase do discurso feminino de segmentos médio e alto sobre o contexto romântico do encontro com o parceiro pode ser pensada em termos de um ideal de *amor romântico*, conforme descrito por Rieth (1999). O *amor* desponta como uma *crença*, por um lado, e como uma *razão para a felicidade* (à medida em que este é correspondido, que há uma realização sentimental) do *sujeito moderno*. O *ideal de amor*, o *amor-romântico*, é determinado pelos mesmos valores sociais que configuram a modernidade, o ideário individualista e uma autonomização do domínio sentimental. O romantismo amoroso une as dimensões da *sexualidade* e do *amor* e torna esta união algo de *natural*. Criam-se então impasses ou paradoxos para a experiência amorosa do sujeito moderno à medida em que este ideal de amor requer, por um lado, uma *desposseção subjetiva* e, por outro, uma  *fusão de individualidades*:

O amor romântico surge na modernidade como uma narrativa que organiza a vida individual. Associa liberdade e auto-realização ao ideal de busca da “pessoa especial”, nesse sentido Giddens<sup>90</sup> se refere ao processo de “identificação projetiva” através do qual opera a sensação de totalidade com o outro. Paradoxalmente, [...] projeta-se o ideal romântico da completude com o outro como forma de conhecer-se a si mesmo, como auto-realização. [RIETH, 1997: 17-18]

---

<sup>90</sup> GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

As mulheres de segmento médio e alto preocupam-se em distinguir, em suas falas, o *ficar* do namorar, dado apontado também por Rieth em sua pesquisa sobre a iniciação de jovens na cultura sexual brasileira (RIETH, 1999). Na fala das entrevistadas, o namoro implica um compromisso e uma aliança públicos, seja porque o rapaz deve se comunicar com ela com alguma constância, conversando, ligando ou escrevendo, seja porque ele deve “assumir” o relacionamento, ficando com ela na frente dos seus amigos e conhecidos. Em alguns casos, especialmente quando houve realmente um namoro, a distinção envolve também o sentimento: no caso do namoro, este é mais intenso. Há também uma idéia de amadurecimento à medida em que se namora e se deixa de *ficar*, pois *ficar* é “molecagem”, explica Jurema, carioca de vinte e dois anos pertencente ao segmento médio/alto.

### **O primeiro amor e o primeiro beijo**

Os dados analisados no conjunto das respostas dadas nas entrevistas apontam para uma diferença semântica no uso da expressão *ficar* nas diferentes regiões geográficas estudadas. Constatou-se que em Salvador o termo *ficar* envolve de um modo geral a relação sexual, enquanto que em Porto Alegre e no Rio de Janeiro há uma dissociação entre o *ficar* e o ato sexual. Ainda em termos de diferenças de significado de termos empregados, as análises indicam que em Porto Alegre um *namoro* inclui, de um modo geral, o relacionamento sexual, enquanto que em Salvador há uma dissociação entre o *namoro* e a prática sexual. Estas diferenças constatadas podem nos ajudar a esclarecer o número de respostas acerca da primeira experiência amorosa que foi classificada como *definindo* esta experiência amorosa como *paixão/amor* ou como *ficar/beijo*.

Dentre as sessenta e uma respostas femininas, dezessete delas foram classificadas como definindo a primeira experiência amorosa como *paixão ou amor*, enquanto que quinze o foram como a definindo em termos de *ficar ou beijo*, conforme salientado na tabela abaixo:

**Tabela 3 Definição da experiência amorosa x Cidade em que reside o entrevistado**

<b>Cidade</b>	Porto Alegre	Rio de Janeiro	Salvador	<b>TOTAL</b>
<b>Definição da EA</b>				
Relação sexual	30,0% ( 9)	41,4% (12)	30,3% (10)	33,7% (31)
Namoro	36,7% (11)	24,1% ( 7)	30,3% (10)	30,4% (28)
Paixão/Amor	13,3% ( 4)	17,2% ( 5)	24,2% ( 8)	18,5% (17)
Beijo/Ficar	20,0% ( 6)	17,2% ( 5)	12,1% ( 4)	16,3% (15)
Violência/Abuso	0,0% ( 0)	0,0% ( 0)	3,0% ( 1)	1,1% ( 1)
<b>TOTAL</b>	<b>100% (30)</b>	<b>100% (29)</b>	<b>100% (33)</b>	<b>100% (92)</b>

Legenda: os valores da tabela são os percentuais em coluna estabelecidos sobre 92 citações (de 61 respostas femininas).

O que chama a atenção é que a maior parte das mulheres que definem a experiência como um primeiro amor está em Salvador (e a minoria, em Porto Alegre), enquanto o inverso se dá com relação à definição como um *ficar* ou primeiro beijo — a maior parte que define como *ficar* está em Porto Alegre (e a minoria, em Salvador). Tudo indica que, em Salvador, o *namoro* só é pensado como tal quando a estabilidade da relação está muito bem consolidada.

Grande parte dos relatos lamuriosos que encontrei na análise das respostas femininas falam de um *ficar*, um modo de se relacionar com o outro que é essencialmente efêmero e/ou temporário. O *ficar* assim figura como o oposto do que é relatado, como vimos, por aquelas mulheres que namoraram, casaram e tiveram filhos com o seu parceiro da primeira experiência amorosa. Este ponto nos remete a uma questão importante: um argumento importante na presente dissertação é o de que, ainda que para homens e mulheres a primeira experiência amorosa tenha a mesma *denotação*, ela não tem a mesma *conotação*. E a conotação não é a mesma justamente porque existe uma expectativa feminina de que a relação que se pré-figura em um primeiro momento se transforme em uma relação mais duradoura; se não isto não for possível que ela seja ao menos como a descrita pelo poeta, *eterna enquanto dure*.

Ainda que o meu objetivo não seja o de elaborar este capítulo contrapondo dados sobre as mulheres e sobre os homens, penso que é necessário analisar, neste ponto, algumas informações das respostas masculinas também, observando apenas que o capítulo seguinte trata especificamente dos homens entrevistados. O primeiro dado que chama a atenção em nossa análise é o fato de que uma proporção maior de *mulheres* do que homens entendem pela primeira experiência

amorosa um *ficar* (bem como um *amor*)<sup>91</sup>. Este dado surpreende quando comparado a estudos como o de Rieth, que afirma que “enquanto os homens ficam, as mulheres namoram” (RIETH, 1999: 44).

Uma interpretação possível para este dado pode ser buscada na idéia de que os mesmos eventos podem ser vividos diferentemente por homens e mulheres. Dito de outro modo, proponho buscar uma interpretação para este dado fundamentada na idéia de que homens e mulheres podem enamorar-se de maneiras distintas, conforme descrito por Bozon (1995). Assim, quando as mulheres referem-se à primeira experiência amorosa como um *ficar* elas estão falando de um relacionamento que, por algum motivo, permaneceu em sua fase inicial, mas que poderia evoluir para um namoro ou casamento. Neste sentido, a interpretação aproximar-se-ia do trabalho de Rieth (1999), que defende que um mesmo relacionamento é entendido de forma distinta para homens e para mulheres, ou seja, aquilo que os homens designam como um simples *ficar*, sem compromisso de continuidade e fidelidade, é, muitas vezes, percebido pelas mulheres como o início de um namoro.

Ainda sobre a discrepância em termos das proporções de mulheres e homens, devo salientar que estas mulheres e estes homens não são necessariamente possíveis parceiros amorosos. Os entrevistados não constituem um grupo social e não estão circunscritos a uma mesma região ou local<sup>92</sup>. Tendo em comum uma mesma faixa etária, e já tendo assinalado uma preferência feminina por parceiros mais velhos, o fato é que as mulheres que *ficam* provavelmente o fazem com homens diferentes de muitos dos entrevistados.

As mulheres mencionam mais uma experiência que os homens parecem sequer contabilizar. Justamente porque existe uma expectativa feminina com respeito ao estabelecimento de uma aliança, todo evento em que se vislumbra tal possibilidade deve ser contado, contabilizado, analisado. Onde um tom freqüentemente de lamentação: a experiência foi frustrante porque foi *apenas* um *ficar*.

---

<sup>91</sup> Mais de 16% das mulheres definem sua primeira experiência amorosa como um primeiro *beijo* ou *ficar*, enquanto 13% dos homens o fazem; cerca de 18% das mulheres, e cerca de 17% dos homens, definem esta experiência como um primeiro *amor* ou *paixão*.

<sup>92</sup> Além disto, foi feita uma opção metodológica por parte do projeto GRAVAD de não se entrevistar pessoas relacionadas de maneira próxima; assim, só se entrevistaria uma pessoa por unidade doméstica e jamais parceiros sexuais.

Este *ficar* precisa ser melhor qualificado neste processo de análise. Das dezessete mulheres que mencionaram um *primeiro beijo* ou um *ficar* quando inquiridas sobre sua primeira experiência amorosa, quatro tiveram um relacionamento estável de alguma forma estabelecido a partir desta experiência com este mesmo parceiro — duas delas falando que o parceiro foi o “primeiro tudo” delas, pois com ele tiveram o *primeiro beijo*, o *primeiro namoro*, a *primeira relação sexual* e o *primeiro casamento*; uma terceira manteve um relacionamento à distância com uma duração maior, enfatizando a paixão, o mesmo que enfatiza a quarta mulher, que se diz apaixonada e amiga do rapaz até o momento da entrevista. Outras três mulheres referem um “namorinho”, um “namoro de colégio” ou um “namoro de dias” com aquele *ficante* da primeira experiência amorosa, assinalando que houve um relacionamento com alguma estabilidade mínima a partir dos eventos da primeira experiência amorosa com aquele parceiro.

Contrastivamente, dos doze homens que mencionaram o *ficar* quando relatando sua primeira experiência amorosa, apenas dois estabeleceram algum tipo de relacionamento com aquela primeira parceira<sup>93</sup>. Um deles estabelece um namoro de cerca de um ano com a menina depois do primeiro beijo, um namoro em que não há relações sexuais — um namoro classificado como algo infantil ou ingênuo por ele. O outro que menciona o *ficar* conta que “até rolou uma historinha de uns meses, apesar da distância”, muito mais em função de um esforço da parte dela do que qualquer outra coisa. Percebe-se assim ao qualificar melhor este *ficar* ou primeiro beijo que, no caso das mulheres, que o mencionaram em maior proporção, há muito mais mulheres estabelecendo um relacionamento com alguma estabilidade e/ou duração a partir deste evento do que o há homens. Parece então que a variação semântica da expressão *ficar* depende também do gênero daquele que a emprega, não sendo uma variação apenas geográfica, como já referido.

Retomando agora a análise do *ficar* para as mulheres, ilustro a frustração feminina pela não concretização de um relacionamento mais duradouro é com a fala de Adriana. Esta entrevista nos brinda também com uma definição do *ficar*:

*Agora assim, a minha primeira experiência afetiva foi com 13, meu primeiro beijo foi com 13 anos, era primo de uma amiga minha e a gente acabou na época... era uma coisa muito recente "ficar", era um termo muito, muito*

---

<sup>93</sup> No capítulo seguinte, analiso com maior profundidade os casos dos homens que definem a primeira experiência amorosa como um *ficar* ou um primeiro beijo.



*recente mesmo, a gente tava ficando... e depois eu nunca mais vi o menino, fiquei decepcionadíssima, não entendia porque a gente podia ficar um dia, se a pessoa... sumia assim de repente. [...] Bom, o que que era "ficar"...? "ficar" era assim você conhecia uma pessoa é... beijava a pessoa um dia e depois você poderia ver a pessoa de novo e acabar ficando, ficando, ficando até virar um namoro. Nesse caso não virou um namoro e aí, ficou minha grande decepção [rindo], a primeira grande decepção com 13 anos, durou uma semana [rindo], mas, quer dizer "ficar" é assim, quando... eu pelo menos... quando duas pessoas se encontram acaba rolando um clima... como nós mesmos dizemos e acaba rolando um beijo, um abraço, essas coisas.*

[Adriana, Rio de Janeiro, 22 anos, segmento médio/alto]

É interessante observar que aquelas mulheres que compreenderam pela expressão “experiência amorosa” uma *relação sexual* são mulheres que praticamente *não* mencionam o *ficar*, e vice-versa. Em apenas dois casos, há menção de ambos simultaneamente (os dois casos são de segmentos populares, um sendo de Salvador, o outro, do Rio de Janeiro).

Volto-me aqui para o texto de Bozon, que fala que, na França, as mulheres atribuem, mais do que os homens, grande importância à penetração. Segundo este autor, isto talvez se deva a uma valorização da penetração como sendo um sinal concreto da ligação e aproximação dos parceiros (BOZON, 1995: 130). Esta interpretação joga luz sobre outro dado do universo de nossas entrevistadas — que, vimos, valorizam uma relação que se prefigure como uma aliança duradoura —, permitindo que se interprete o dado, mencionado acima, de a imensa maioria das mulheres que definem a experiência amorosa como uma relação sexual não mencionam o beijo ou *ficar*. Se o *ficar* pode ter uma conotação de algo efêmero para muitas mulheres, a sua contrapartida estaria na relação sexual — na penetração — como a pré-figuração de um relacionamento conjugal.

A importância da penetração também pode ser vista em um relato feminino que, ao falar da sua primeira experiência amorosa, uma *paixão*, intercala o seu relato com uma descrição de uma situação vivida pela entrevistada aos nove anos de idade. Eu entendo que esta situação é de violência ou abuso sexual<sup>94</sup>, tendo sido praticado por outra mulher, cerca de dez anos mais velha que a entrevistada. Este evento, cuja lembrança ela afirma não ter presente, parece ser um claro demarcador em sua vida do momento em que ela começou a se pensar como *homossexual*. O

---

<sup>94</sup> Este caso será analisado em detalhes juntamente com outros dois casos em que há menção, explícita ou implícita, a alguma forma de violência sexual, no capítulo que segue.

que importa ressaltar aqui é que a entrevistada se identifica como sendo virgem porque homossexual, i.e. porque nunca houve *penetração por um pênis*:

**EGO:** *É. A partir daí que eu comecei a caminhar pro outro lado.*

**ENT:** *Como assim? [riso]*

**EGO:** *Ah, fazendo é... a achar que realmente eu era homossexual e que não queria mais...*

**ENT:** *Não queria mais [[o quê?*

**EGO:** *[[Eu ainda sou virgem.*

**ENT:** *Sim.*

**EGO:** *E as pessoas falam assim: "mas menina, será que é isso que você quer?, Você nem experimentou o outro lado pra saber... Mas, sei lá, vai se ter outra coisa... tipo assim... a liberdade que eu tenho pra passar pra o papel tudo que eu sinto, tudo que eu imagino, coisa que nunca aconteceu com namorado, imagino com uma pessoa que eu sou apaixonada, que não chegou nem a ser namorada, entendeu? Mas agora entrando pra a faculdade, me apaixonei pela professora [riso]. Eu entro em cada viagem!*

[Débora, Salvador, 18 anos, segmento médio/alto]

Também chama a atenção na leitura dos dados a frequência com que aquelas mulheres que definem a sua primeira experiência amorosa como um *ficar* ou um *beijo* começam a responder interpelando o entrevistador com uma pergunta do tipo "mas você quer saber sobre meu primeiro amor ou minha primeira relação?", para em seguida descrever ambas as situações, sejam elas com a mesma pessoa ou não. Paula e Adriana, por exemplo, questionam o entrevistador em questão:

*Minha primeira foi... assim, primeiro amor que você fala? Aquele que eu tive minha primeira relação ou aquele que eu me apaixonei na infância?*

[Paula, Salvador, 19 anos, segmento popular]

*Bom, aos 11 anos assim... experiência amorosa ou o primeiro despertar... quer dizer experiência mesmo ou despertar?*

[Adriana, Rio de Janeiro, 22 anos, segmento médio/alto]

A entrevistada Paula deixa claro que a experiência do *primeiro beijo* ou *ficar* é importante e *deve ser contabilizada como uma experiência amorosa*, porque significa o seu ingresso no universo das relações amorosas:

*É... porque eu tive um... quando eu tinha 9 anos... foi com 9 anos... eu conheci um menino que estudava lá e por falta de sorte, primeiro dia que eu cheguei na escola eu me apaixonei por ele, no dia seguinte ele não já vinha mais. Aí fiquei um ano e meio apaixonada por esse menino e até os quinze, até encontrar esse meu namorado, eu era apaixonada por ele. Cheguei a dar um beijo [risos], pra mim foi tudo, depois... eu conheci esse outro que eu fui casada. Casada não, morei junto com ele, a gente construiu uma casa junto e vivemos por três anos e meio. Só... [...] Foi só um beijo. Coisa de primeira vez, mesmo, "ah, foi meu primeiro amor", aí gostei bastante mesmo, até quando eu tinha 15 anos assim, conheci ele com 9 anos, fiz 15 e ainda ficava meio baqueada... com um beijo, com um beijo, pra mim foi*

*tudo, a maior maravilha do mundo, realizei um sonho da minha vida, precisava dar um beijo... [risos]*

[Paula, Salvador, 19 anos, segmento popular]

Ao mesmo tempo que o *ficar* abre as portas desse novo universo de relações possíveis, as mulheres têm clareza de que o *ficar* não é, nem implica, um *namoro*, não é uma relação mais estável e certamente não é uma relação de duração mais longa. Ao se dar conta de que a relação não se transmutaria para algo mais sério, Letícia rompe com o rapaz:

*EGO: [A primeira experiência amorosa] Foi namoro, não foi nem namoro, foi ficar. Eu tinha uns treze anos, eu já estava aqui no Rio. Namorei um garoto daqui mesmo, namorei com ele, acho que nem chegou a fazer um mês. Mas eu achava que estava apaixonada, achava que ele era o homem da minha vida. Depois eu vi que não tinha nada a ver, aí a gente ficou e depois nos separamos.*

*ENT: Porquê que não tinha nada a ver?*

*EGO Eu achava que a gente ia ficar juntos pro resto da vida, que ia casar, que ia ter filhos. Depois eu vi que era muito nova, que o nosso namoro era só de beijinhos, pronto acabou.*

[Letícia, Rio de Janeiro, 22 anos, segmento popular]

## O parceiro ideal

A valorização do parceiro por parte das mulheres nos segmentos populares por qualidades morais envolve o “ser respeitador”, i.e. conhecer os limites e não pressionar desta maneira. Conforme explica Víctora,

[...] na vida conjugal, a noção de *ter respeito* vincula-se ao não ter relações extraconjugais, não agredir fisicamente a sua mulher, não gastar o dinheiro da casa em bebida e, acima de tudo, prover pela família. No domínio da atividade sexual, ter respeito pela mulher (ou esposa) significa não solicitar a ela práticas do tipo sexo anal ou oral e prestar atenção quanto à maneira como a companheira experiencia o intercuro sexual. Por fim, um homem que *tem respeito* pela mulher não tem relações sexuais durante o período menstrual. [VÍCTORA, 1997]

Dentre as qualidades morais do parceiro, estão o querer um namoro sério, ter responsabilidade, ser um rapaz direito, ter trabalho e/ou estudo, saber conversar e ouvir. O rapaz direito se opõe ao “moleque” irresponsável e/ou imaturo, ao “pivete” e ao “bandido”. Nadir explica que se interessou pelo seu parceiro porque ele é um “rapaz direito”:

*ENT: Porque é que você escolheu ele? O que é que te interessou mais nele, pra você gostar dele?*

*EGO: Eu acho que ele é um rapaz direito, tem mais responsabilidade, assume o que faz, é um homem de caráter, assim.*

*ENT: O que é que você chama de rapaz direito, EGO? Como assim? O que é um rapaz direito e um rapaz torto?*

*EGO: Um rapaz direito é que trabalha, estuda, conversa mais coisa assim interessante. Tem rapazes novo que nem sabe o que conversar assim.*

[Nadir, Salvador, 19 anos, segmento popular]

Já disse que o parceiro que “assume o que faz” está vinculado à condição de homem *adulto* e à idéia de um *projeto* feminino em termos de ingresso no mercado matrimonial; no processo de aquisição da condição de homem adulto desponta, ainda, da perspectiva feminina no relato acima, o seu domínio sobre a capacidade de conversar, o que pode ser aproximado da habilidade mental necessária para o exercício da masculinidade, já mencionada. Lara explica, por exemplo, que todas as meninas da vizinhança eram apaixonadas por André, seu parceiro, justamente pelas suas qualidades:

*o André era o único rapaz que estava fazendo o Segundo Grau, que tinha / era surfista na época, trabalhava na Ecotron, que é uma multinacional, fazia curso do Senai. Então todas as meninas eram apaixonadas pelo André...*

[lara, Porto Alegre, 22 anos, segmento popular]

O rapaz direito pede a mão da moça em namoro e namora na porta. Raquel explica que não tinha planos de namorar pois hoje em dia é muito difícil encontrar um homem que trate como se deve as mulheres; contudo, o parceiro a surpreendeu:

*ele disse que ia viajar, eu disse tudo bem, também não estava naquele namoro ainda, sabe, estava naquelas paquerinhas, aí ele viajou, só que não tinha planos, que eu ia namorar com ele pelo seguinte, hoje em dia é muito difícil encontrar um carinho que queira namorar com a gente na porta, né? E eu não levei a sério, do jeito que os homens hoje em dia em geral tratam as mulheres, aí ele viajou, quando eu tô em casa assim, ele não sabia nem onde eu morava, sabia que eu morava em Itapoan, não sabia minha casa onde era... Aí quando eu tô em casa lavando os pratos, minha mãe chegou: "Ah! Tem um rapazinho aí". Isso já era depois de São João. "Tem um rapaz aí te chamando, não sei o quê..." Aí fiquei nervosa e pronto, quando eu cheguei na porta, foi ele, aí depois comecei a conversar com minha mãe, gostou dele pra caramba. Só que minha mãe disse que em relação a namoro quem tinha que resolver era meu pai, esse tipo de coisa ela não resolve, ela pegou e marcou, olha venha aqui pra conversar com ele.*

[Raquel, Salvador, 19 anos, segmento popular]

É interessante destacar que são apenas as entrevistadas de segmento popular que manifestam uma preocupação em descrever o *parceiro ideal*. Ao descrever este parceiro, as mulheres justificam, a um só tempo, sua atividade sexual e a sua expectativa de um relacionamento mais duradouro — expectativa que só

não se concretiza porque este não era o bom parceiro; concomitantemente, as mulheres se definem como *mulheres de família, de namoro*.

### Quando elas tomam a iniciativa

Dentre as mulheres de segmento popular há pouca referência a alguma forma de pressão social no sentido de ter uma primeira experiência amorosa, o que, veremos, contrasta com os discursos masculinos deste mesmo segmento. Vimos que a iniciativa no campo amoroso-sexual deve ser eminentemente masculina; outras mulheres avaliam constantemente, em suas fofocas, se o “empenho da mulher no desencadear e bem conduzir a relação não terá ultrapassado o limite da vergonha, aproximando-se do pólo negativo da prostituta” (DUARTE, 1987: 223). Poucos são os relatos femininos dentre os segmentos populares que mencionam uma *iniciativa feminina* — e esta iniciativa rompe com a ordem natural das coisas, é uma espécie de *loucura*, como lemos no depoimento de Luciana:

*Isso. Aí fiquei um bom tempo a fim dele ... aí um certo dia nós nos encontramos na escola mesmo, aí ficamos trancados numa sala de aula umas duas horas, sabe, só se olhando e conversando. Nenhum tinha coragem de tomar a iniciativa, né, ainda mais que era a minha primeira vez. É uma coisa terrível, aí, porque tu não sabe o que fazer. O que tu espera dele, ele espera de ti. Aí eu peguei e tomei a iniciativa, assim, disse: "Bah, tu não quer ficar comigo?" Assim, né. [...] Eu falei, né. Há duas horas esperando e ele não se tocava. [risos]. Aí ficamos, aquela coisa toda, aí me apaixonei. Foi uma loucura!*

[Luciana, Porto Alegre, 19 anos, segmento popular]

Em contraste com o que se vê entre as mulheres de segmento popular, há vários relatos entre as mulheres pertencentes aos segmentos médio ou alto de situações em que se sentiram pressionadas pelo seu grupo de amigas a ter sua primeira experiência. Situações de amigas que já fizeram alguma coisa — seja *ficar* seja ter uma relação sexual — e que perguntam quando é que a entrevista também vai aparecer aqui. Algumas entrevistadas têm uma preocupação clara também com um certo *timing*, afirmando que já estava ficando tarde ou que já estava na hora. A porto-alegrense Gabriela, por exemplo, resolveu que aos dezessete anos já estava na hora de perder a virgindade:

*EGO: Tá, eu fiz uma outra viagem também, eu fui pros USA num intercâmbio quando eu tinha 17 anos, fui para Minnessota, nesta época eu era virgem, fui para lá virgem eu tinha 17 anos e estava com curiosidade: "pô, tá na hora né?" E eu queria saber como é que era, né? Mas eu tinha uma intenção de achar alguém especial*

*porque a gente como mulher vai atrás disso. Então lá eu conheci um rapaz que era muito querido, muito legal, e aí rolou, mas foi tudo muito estranho, e claro, normal para a primeira vez e foi mais estranho ainda porque e, a linguagem era outra, era inglês que eu tinha que falar com ele e eu tinha recém chego lá então eu não sabia falar muito bem, então foi tudo muito confuso sabe.*

*ENT: Mas ele chegou a ser um namorado? Como tu classifica?*

*EGO: Não, depois disso a gente se falou algumas vezes, mas meio que acho que cortou o clima. Acho que eu é que estava apressada e acabei assustando o coitado do guri.*

[Gabriela, Porto Alegre, 22 anos, segmentos médio/alto]

A preocupação das mulheres de classe média com um momento em que já deveriam ter tido relações sexuais é semelhante a uma preocupação masculina, como se verá no próximo capítulo.

## Meninos, homens e sexo

*Vestiu saia, tá pra mim (Ataulfo Alves/José Baptista)*

*Vestiu saia tá pra mim  
Não sou culpado  
De haver nascido assim  
Ai, quem me dera  
Que eu fosse milionário  
Embora o povo  
Me chamasse de otário  
Com as mulheres  
Eu gastava num segundo  
Todo o dinheiro  
Que eu tivesse nesse mundo*

Tendo analisado os discursos femininos sobre a primeira experiência amorosa no capítulo anterior, examinarei aqui as falas masculinas, tendo sempre em mente que as diferenças que podem ser encontradas entre estas falas femininas e masculinas se devem às relações de gênero; a análise salienta também, quando pertinente, as relações dadas por diferentes segmentos sociais.

Veremos, neste capítulo, que os homens concentram suas respostas sobre a primeira experiência amorosa em torno do coito; a ênfase masculina sobre a experiência sexual é no ato, no seu desempenho e nas técnicas corporais. A primeira relação sexual é muitas vezes narrada como um momento de aprendizado, de aquisição de conhecimento, um momento de passagem à vida adulta; estes tendem a dissociar mais do que as mulheres a relação sexual da relação afetiva ou conjugal. O conhecimento dos usos do corpo relaciona-se com frequência a uma medida de competência para o desempenho.

Cerca de quarenta por cento compreende a primeira experiência amorosa como uma relação sexual (40,2%), apenas um quarto (26,4%) menciona o namoro e um grupo menor fala em paixão ou amor (17,2%) e no beijo ou ficar (13,8%)<sup>95</sup>. Com

---

<sup>95</sup> Como a questão da definição da experiência amorosa foi tratada como uma questão que admitia mais de uma resposta, devo esclarecer que o número de homens entrevistados é 62 (40 destes sendo de segmento popular) e o número de respostas diferentes, ou citações, é de 87 (excluídos os

relação ao conjunto das entrevistas de homens e mulheres, *crece* o número de citações que define a experiência amorosa como uma relação sexual e *decrece* tanto o número dos que a definem como um namoro quanto o dos que a definem como um ficar entre os entrevistados do sexo masculino.

O número de homens que define a experiência amorosa como uma *relação sexual* ou como um primeiro *beijo* ou um *ficar* muda bastante quando pensamos em termos de pertença a um segmento: primeiro, há *menos* homens no segmento médio/alto que identificam a sua experiência amorosa com o coito. Em segundo lugar, há *mais* homens nos segmentos médio e alto que definem a sua experiência como um *ficar*. Os dados dos homens aqui examinados apresentam *maior heterogeneidade* em suas respostas do que os dados referentes às mulheres, e esta heterogeneidade é dada em termos do *segmento social*.

### **Aprendendo uma técnica corporal: a relação sexual**

Os homens, quando falam na relação sexual, em referência à primeira experiência amorosa, estão claramente preocupados com a questão do desempenho, do aprendizado técnico-corporal. Muitas relações são motivadas pura e simplesmente pela aquisição de conhecimento; outros, se não têm este único motivo, mostram que esta era uma questão importante. O entrevistado Washington deixa claro que sua primeira experiência foi uma questão de aquisição de conhecimento – de saciar uma “curiosidade” – e que não foi em qualquer outro sentido marcante:

*ENT: Em relação ao que você entende como experiência amorosa.*

*EGO: É, no caso, a primeira foi aos quatorze anos, a primeira, e foi uma coisa assim... dizem que a primeira vez você nunca esquece, mas acho eu já me esqueci [risos] Em termo de curiosidade, né? A gente vai sentindo; aquela coisa de idade, curiosidade de saber como é, se é bom, se é ruim. [...] Ah, foi... Essa aqui foi aqui em casa mesmo [risos] [...] Essa aqui em casa... Coitada da prima! Geralmente as pessoas começam com as priminhas, né? [...]*

*ENT: Mas você se apaixonou por ela?*

*EGO: Não, não, de jeito nenhum. [...]*

*ENT: Não tem problema. Mas foi apenas uma vez com a sua prima?*

---

casos de não-resposta, resposta induzida ou resposta pouco clara). Os percentuais apresentados são calculados sobre as 87 citações.



*EGO: Não, foram apenas duas vezes só. Aquele tempo de menino novo, inexperiente também, né? Ai depois eu: "Ah! não quero saber disso não". [...] Minha mãe nunca permitiu isso, também negócio de parente com parente, né? Mas aconteceu, né? Mas só foi umas duas vezes também.*

[Washington, Salvador, 18 anos, segmento popular]

A relação entre o *ser homem* e o *trabalhar* já foram amplamente discutidas na literatura antropológica nacional, conforme demonstram Víctora e Knauth (1999); no discurso masculino, o valor de um homem depende da idade com que ingressou no mercado de trabalho e das condições em que trabalha, o que, segundo as autoras, “sugere que ser trabalhador é muito mais do que aprender um ofício e ter uma atividade remunerada, é quase como aprender mesmo a ser homem” (VÍCTORA & KNAUTH, 1999: 26).

Chamo a atenção para o *valor-trabalho* porque existe aqui uma possível analogia entre a importância da aquisição de habilidades ou capacidades para o *trabalho* e a aquisição de uma habilidade para o relacionamento sexual. A idéia de que este aprendizado técnico-corporal, ou esta aquisição de conhecimento, é parte de um momento de passagem para a vida adulta é bastante explícita nos depoimentos dos homens do segmento popular — ser homem inclui um aprendizado, o domínio de algumas habilidades.

É interessante como este aprendizado envolve, na maior parte dos casos, a diferença de idade entre o entrevistado e a parceira. Esta diferença etária, ou de modo mais geral, esta diferença em termos de experiências de vida, remete para um segundo ponto a ser salientado com respeito à aquisição de conhecimento com o evento da primeira relação sexual. O conhecimento a que se referem estes homens muitas vezes não é um conhecimento *sexual*, mas sim a aquisição de uma certa experiência de vida, um conhecimento sobre o modo com que se relacionar com outras pessoas. A ênfase dos discursos recai sobre o fato de que a mulher, mais velha, ensinou-os a se relacionarem de um modo geral (seja com outras mulheres, seja lidando com o mundo).

Walter, por exemplo, explica que o que mais lhe marcou foi adquirir mais experiência:

*ENT: O que é que mais lhe marcou nessa experiência, porque você disse que foi uma experiência amorosa, né?*

*EGO: Olhe, é... Eu era muito novo, entendeu? Eu não tinha assim experiência nenhuma. Pra mim foi legal porque eu comecei a*

*adquirir mais experiência na forma de conversar, de se relacionar com outra pessoa. Até então não tinha namorado ninguém, não sabia ainda como conversar, sabe, até hoje eu [risos] não sei como chegar numa menina. Mas, aconteceu, entendeu? Foi legal porque aquilo abriu mais a mente. A gente conversava pra caramba, entendeu? A gente ficava horas e horas conversando. Aí foi legal pra mim, porque... como eu posso dizer... foi como se eu tivesse adquirindo mais experiência com aquilo, a cabeça foi abrindo mais e tal pras coisas, e foi legal.*

[Walter, Salvador, 19 anos, segmento popular]

Quando a referência dos homens de segmento popular não é o aprendizado que obtiveram por parte das mulheres sobre como se relacionar com alguém, o aprendizado pode ser a aquisição de novas idéias, como é o caso de Evaldo, que valoriza a parceira da primeira experiência amorosa pelo modo com que ela lhe ajuda a pensar (mas ele deixa claro que não quer que ela perca o respeito por ele por isto):

*Ela me ajuda, quer dizer, nos pensamento, no conselho, na conversa, porque, porra, conselho ajuda muito sabia? Ajuda muito, conversa, pra bom entendedor, ajuda muito. Me dá força. [...] me tornar uma pessoa totalmente diferente do que eu era. Ela que me tornou assim, então eu faço por onde seguir os caminhos dela. Não demonstrando pra ela, demonstro ser mais inferior a ela em relação de cabeça, tudo, pra ela me respeitar, entendeu, e então eu procuro seguir esse caminho que eu acho que é o mais certo. Então olhando aquela conversa dos outro, um tipo de conversa assim que clareia minha mente, pra chegar a ela e dizer.*

[Evaldo, Salvador, 20 anos, segmento popular]

O entrevistado Leandro<sup>96</sup> explica que a sua primeira parceira era quatro anos mais velha e que se sente “agradecido” pois “foi a primeira vez” e, principalmente, ela soube explicar e continuou com ele “pra ir pegando o jeito da coisa”. Felipe menciona igualmente o aprendizado que adquiriu na sua primeira experiência amorosa, quando aprendeu a se relacionar com alguém. É interessante que a narrativa enfatiza o aprendizado individual que ele obteve, quando aprendeu a conversar com a parceira, ao mesmo tempo em que diz que não foi nada sério:

*Minha primeira namorada eu tinha... Tinha de treze, quatorze anos. Era Carla. Só que não foi nada sério assim. Ela até gostava de mim, a gente namorava. Eu tava vendo como é que era assim uma relação, assim com uma pessoa assim, né? Que eu era muito tímido, sabe? Uma pessoa tímida assim, sabe? Tem medo de falar sobre alguns lances. Tem medo de se abrir sobre a sua própria pessoa no caso, né? Sobre como foi a relação com os amigos no passado. Como é que foi a vida. Enfim, né, cara? Como foi a relação sexual. Antes, sabe? Não agora, assim atualmente assim.*

[Felipe, Porto Alegre, 19 anos, segmento popular]

---

<sup>96</sup> Leandro é de Salvador, tem 18 anos e pertence a segmento popular.

Este aprendizado de como se relacionar com alguém, adquirido com mulheres em geral mais velhas, a partir da primeira experiência amorosa, pode ser pensado em função de uma representação, nos segmentos populares, da *identidade feminina* como sendo mais *relacional* (VÍCTORA, 1992), i.e. a identidade feminina é pensada e construída de forma relacional a práticas masculinas e/ou expectativas femininas em relação ao sujeito masculino. Como diz Knauth (1998), “a existência das mulheres tanto no plano material como no social está ligada à assistência masculina” (KNAUTH, 1998: 186). A força que as mulheres têm é antes de mais nada *moral*, e não física, estando fundada na sua maior capacidade ou habilidade de construir e acionar redes de relações sociais (familiares e com instituições religiosas ou públicas). Retomando o contexto das falas masculinas de segmento popular acerca da primeira experiência amorosa, são as mulheres experientes quem *ensinam* inicialmente a estes homens como ter e manter as *relações sociais*.

### **A quem cabe a iniciativa?**

Em grupos populares, a *família*, o *trabalho* e a *aliança* são valores basais (DUARTE, 1986; SARTI, 1996; FONSECA, 2000; VÍCTORA & KNAUTH, 1999). Já mencionei que o *valor-família* é um dos eixos fundamentais de construção de identidades, masculina e feminina, e de significados nos segmentos populares. A constituição da masculinidade<sup>97</sup> está vinculada, nos segmentos populares, também à constituição de uma família: *fazer um filho* está associado à potência sexual masculina e *prover por um filho* está associado à capacidade de manter uma família pelo *trabalho* masculino<sup>98</sup>.

Já tratei, no capítulo anterior, sobre as representações de que homens e mulheres são de naturezas diferentes. Afirmei então que no domínio da sexualidade o homem parece mais próximo da *natureza*, enquanto a mulher parece estar associada à *moral* (ou à *cultura*, neste sentido). Num contexto de valorização da aliança, de relações hierárquicas de gênero e de divisão de domínios, segundo o

---

<sup>97</sup> Connel salienta que “no lugar de tentar definir a masculinidade como um objeto (um caráter de tipo natural, um comportamento típico, uma norma), devemos nos centrar nos processo e nas relações por meio das quais os homens e as mulheres levam vidas imbuídas no gênero. A masculinidade, se é esta pode ser definida brevemente, é ao mesmo tempo a posição nas relações de gênero, as práticas pelas quais os homens e as mulheres se comprometem com essa posição de gênero, e os efeitos destas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura.” (CONNEL, 1997: 35)

<sup>98</sup> A este respeito, cf. JARDIM, 1995.

gênero, do espaço (o espaço doméstico e o espaço da rua), a mulher ou esposa pode cobrar legitimamente certos comportamentos da parte do homem.

O homem tem uma natureza tal que o faz mais suscetível a agir de acordo com seus impulsos ou instintos naturais, especialmente os de ordem sexual, representando uma espécie de força natural bruta<sup>99</sup>; o homem está mais suscetível às influências de outros homens e *mulheres de rua* — as más-companhias — e ao uso abusivo de álcool ou drogas (VÍCTORA & KNAUTH, 1999; KNAUTH, 1998; KNAUTH, 1997). As mulheres ao contrário têm uma capacidade maior de controle, de um modo geral, tendendo a agir somente depois de levar em consideração diversos aspectos de uma situação. Mais do que isso, no domínio do privado, na esfera do doméstico, o controle é das mulheres, inclusive sobre os homens em vários sentidos.

A esposa pode legitimamente cobrar uma mudança de comportamento da parte do homem. Quando casado, “os comportamentos masculinos não dizem mais respeito apenas ao indivíduo, mas têm implicações diretas sobre a esposa, os filhos e a respeitabilidade do grupo familiar” (VÍCTORA & KNAUTH, 1999). Na aliança, o homem não pode deixar de *prover* a família e não pode pôr em cheque a *respeitabilidade* da família; a aliança associa-se então a um maior *controle*, tanto por parte da esposa quanto por parte do próprio homem<sup>100</sup>. Devo salientar ainda que a idéia de que sem a domesticação ou controle feminino, o homem pode facilmente cair presa das drogas, ou das más-influências, está ausente do universo das camadas médias e altas.

As diferenças de natureza mencionadas acima são explicadas pelos próprios entrevistados. João, por exemplo, afirma que

*o homem, ele... Ele é diferente. [...] Porque o homem, ele não pode ver um rabo de saia, né? A mulher já é mais fiel, se ela tem aquele parceiro, ela tem aquele parceiro. O homem não, aparece uma mulher, ele tá indo, não vou dizer que vai largar a esposa, mas ele vai dar umas fugidas,*

---

<sup>99</sup> Em um modelo em que a masculinidade se constrói por repúdio à feminilidade, a masculinidade está ligada à *sexualidade* (KIMMEL, 1997); em muitas sociedades latino-americanas, a ideologia masculina destaca a sexualidade, i.e. ser homem é ser essencialmente sexual ou parecer ser essencialmente sexual, desfrutando de sua sexualidade, manifestando-a, alardeando-a, sentindo-se orgulhoso dela e fazendo com que ela fique em evidência (RAMÍREZ, 1997).

<sup>100</sup> Quanto ao papel de controle e domesticação exercido pelas mulheres/esposas, é interessante observar que Kimmel (1997), ao analisar a construção da masculinidade examinando a teoria freudiana, menciona que todos os traços masculinos que poderiam ser considerados “delicados”, como o ser cortês ou a limpeza, são considerados nada mais do que concessões às demandas femininas e não coisas boas em si mesmas.

***porque ele também tem mais necessidade. No início do casamento é todo dia, né? Transar todo dia, todo dia, e a mulher, às vezes ela tá cansada e não quer, e tem que satisfazer o desejo dele, nem que seja dar uma gozadinha e ir dormir, mas ele precisa disso.***

[João, Porto Alegre, 20 anos, segmento popular<sup>101</sup>]

Tendo em mente agora as discussões acerca de uma concepção de uma diferença natural entre homens e mulheres, bem como de um papel controlador da esposa fundamental para a manutenção do homem, gostaria de retomar os dados mencionados acima sobre uma diferença etária entre parceiros sexuais. Os homens provenientes do segmento popular relatam, com relação às suas primeiras parceiras sexuais, uma diferença de idade e de experiência. Ora, é fundamental que haja uma diferença, pois é necessário que se tenha *mais experiência* para ser *capaz de domar os impulsos naturais/sexuais masculinos*.

Se, ainda, considerarmos que faz usualmente parte da construção de uma identidade masculina o *desafio* (KNAUTH, 1998; LEAL, 1992), podemos analisar a escolha de uma parceira mais velha e mais experiente como sendo uma forma de encarar a situação mais difícil e, num certo sentido, perigosa — vencido este desafio, provada a sua masculinidade, o homem iniciado sexualmente poderá “pegar” qualquer parceira. Segundo Kimmel (1997), o homem precisa estar constantemente dando provas de sua virilidade, de sua disposição para trabalhar e para ter relações sexuais<sup>102</sup>.

Os homens provenientes de segmento popular mencionam não só a experiência de suas parceiras, e que elas lhe explicaram ou ensinaram alguma coisa, como enfatizam em seus relatos quando a iniciativa foi feminina. A falta de experiência aliada à não iniciativa masculina pode causar alguns embaraços, pois parece evidente a estes homens que a situação ideal é a inversa. O relato de Júlio revela seu embaraço na primeira relação sexual pela sua inexperiência:

*O que mais marcou na minha experiência... foi... ah, nem tem como explicar. Foi... uma coisa muito genial. Uma coisa que nunca tinha acontecido. A primeira vez da gente bah! O cara, o cara fica meio abobado com isso e aquilo. O cara fica até com vergonha na hora. Bah, vem aquele mulherão pelado na frente do cara. O cara fica até com, meio abobado até. Não sabe se vai subir em cima dela ou ela vai subir em cima do cara. Eu tava tão envergonhado que eu nem soube dar conta do recado direito. Ela*

---

<sup>101</sup> João aqui está respondendo à pergunta do entrevistador sobre as necessidades de homens e mulheres: se as necessidades sexuais são as mesmas ou não.

<sup>102</sup> A virilidade é ainda indicada, segundo Kimmel, pela violência, ou melhor, pela disposição e desejo de lutar (KIMMEL, 1997).

*que teve que fazer a maioria dos bagulhos para mim. Na maior cara de pau, não é querer falar.*

[Júlio, Porto Alegre, 19 anos, segmento popular]

Sávio, por exemplo, explica que se sentiu um *homem* a partir de sua primeira experiência amorosa. Mais do que isso, com aquela experiência ele adquiriu o conhecimento necessário para que ele próprio pudesse desempenhar o papel que a parceira — mais velha e mais experiente — havia desempenhado:

*EGO: O que marcou é que ela por ser uma mulher mais experiente, eu não conhecia nada, eu só ouvia falar, então acho que eu aprendi por completo; pra mim naquele / naquela época, eu tinha aprendido tudo, eu me senti é... homem né? / transei com aquela mulher que eu tava a fim de transar, na época eu fiquei apaixonado por ela, mas depois eu vi que não tinha nada a ver*

*ENT: Hoje, você viu que não tinha nada a ver, não?*

*EGO: Depois de um certo tempo, eu senti que não tinha nada a ver.*

*ENT: Depois de um certo tempo com ela?*

*EGO: É, não. Depois transou, passou muito tempo; eu digo pô, eu tenho dezessete anos, ela tem vinte e três anos, ela super vivida, eu quero o quê com essa mulher? Eu posso ter uma namorada mais nova e que eu agora vou ensinar a essa menina mais nova o que a menina me ensinou, a mais velha me ensinou.*

[Sávio, Salvador, 22 anos, segmento popular]

A iniciativa masculina é mencionada pelos homens de segmento médio e alto, mas no plano do dever ser: o carioca Adalberto, vinte anos de idade, relata seu desconforto quando, em sua primeira experiência amorosa, a iniciativa foi de uma parceira com mais experiência. Ele diz que “teoricamente deveria ser ao contrário”, i.e. a iniciativa deveria ter sido dele. Há uma semelhança entre os homens de segmento popular e de segmento médio ou alto quanto ao sentimento de desconforto, o mal-estar, gerado pela situação de inversão ocasionada pela iniciativa feminina no campo sexual. Ainda assim, devo enfatizar que há uma expectativa maior de uma certa *igualdade* entre os segmentos médio e alto, onde se lê nos depoimentos masculinos relatos sobre a primeira experiência afetivo-sexual como uma situação em que os dois “aprendem juntos”.

### **A inversão da ordem**

Os homens, vimos, falam da primeira experiência amorosa como um momento de aquisição de conhecimento. Dentre os homens pertencentes ao

segmento popular, Carlos<sup>103</sup> diz que a primeira relação sexual foi um momento em que a sua parceira lhe “ensinou tudo” que sabia. Lemos também no depoimento de Roberto<sup>104</sup> como foi difícil a primeira relação sexual, pois ele “não sabia o que estava fazendo”. Os depoimentos de Sávio e de Leandro<sup>105</sup>, enfatizam igualmente o aprendizado técnico de forma explícita — o primeiro fala que “aprendeu” e o segundo, que a parceira ficou com ele para que ele fosse “pegando jeito”.

Afinal, o que acontece na primeira vez dos homens? Os dados examinados com relação aos homens de segmento popular apontam para uma clara *inversão da ordem*: as parceiras são mais velhas do que eles, mais experientes, tomam a iniciativa. Nesta primeira relação sexual, as polaridades de gênero são invertidas: homens que se iniciam com mulheres mais velhas e mais experientes invertem as relações usuais entre os gêneros. Relações de poder, que são uma das dimensões das relações entre os gêneros, da estrutura do gênero (CONNELL, 1997), aparecem com clareza nesta situação<sup>106</sup>.

O uso que fazem os homens, de segmentos populares, da expressão *vergonha* é revelador de uma inversão. A categoria vergonha, neste segmento social, vimos em *Meninas, mulheres e amores*, é associada às mulheres. Invertem-se os papéis por um momento e o homem se vê numa situação que poderia ser pensada como feminilizante pela sua não-ação, e ele se sente constrangido, ele sente *vergonha*<sup>107</sup>. Ao mesmo tempo, o homem pode ser ousado em vários sentidos,

---

<sup>103</sup> Carlos é carioca, tem 24 anos de idade e é pertencente a segmento popular.

<sup>104</sup> Roberto tem 22 anos, é baiano e pertence a segmento popular.

<sup>105</sup> Sávio, 22 anos de idade, é de Porto Alegre e pertence a segmento popular; Leandro também é gaúcho, tem 18 anos e pertence igualmente ao segmento popular.

<sup>106</sup> Segundo Connell, o eixo principal de poder no sistema de gênero euro-americano contemporâneo é a subordinação geral das mulheres e a dominação dos homens; “a masculinidade hegemônica não é um tipo de caráter fixo, o mesmo sempre e em todas partes. É, antes, a masculinidade que ocupa a posição hegemônica num dado modelo de relações de gênero, uma posição sempre disputável. (...) a masculinidade hegemônica pode ser definida como a configuração de uma prática genérica que encarna a resposta aceita correntemente ao problema da legitimidade do patriarcado, o que se toma como garantia da posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres” (CONNELL, 1997: 39).

<sup>107</sup> Uma discussão interessante acerca da *vergonha* e homens é feita por Kimmel (1997) em artigo sobre a homofobia, o medo, a vergonha e o silêncio na identidade masculina. Kimmel sugere que, uma vez que a masculinidade é uma provação homosocial, há um elemento de *medo*: o medo de que os outros homens percebam um sentimento de inadequação, um medo de sentir envergonhado ou humilhado diante de outros homens, ou de ser dominado por um homem mais forte. O temor em permitir que outros homens percebam este medo gera um sentimento de vergonha, na medida em que está implicado neste medo um reconhecimento, por parte do homem, em si mesmo, de que existe uma prova de que ele não é tão másculo como se pretendia. Ele sente vergonha de estar assustado (KIMMEL, 1997).

experimentando uma situação ímpar, porque esta parceira não figura como uma parceira para um compromisso, para a constituição de uma *aliança*<sup>108</sup>.

Sugeri que a inversão pode ser pensada — ainda para os homens de segmento popular — em termos da experiência necessária por parte da mulher para que esta seja capaz de domesticar uma força sexual natural masculina. Disse, também, que a inversão pode ser pensada em termos de um desafio e uma conseqüente prova de virilidade, pela dificuldade que a situação apresenta.

Gostaria agora de sugerir que talvez esta inversão seja permitida no momento da primeira relação sexual porque o que está em jogo não é meramente uma questão técnica, mas sim o caráter relacional da mulher. O que o homem está aprendendo a fazer com esta experiência é, antes de mais nada, relacionar-se. O aprendizado técnico referido por tantas vezes pelos entrevistados deve ser relativizado, pois a mim parece bastante evidente que numa única relação sexual — a primeira — há um limite com relação ao que poderia ser aprendido do ponto de vista técnico, da performance.

Para os homens de segmento popular, a iniciação sexual tem um peso muito grande na passagem para a vida adulta, no tornar-se um homem — é um momento muito marcante em que aprendem sobre sexo e sobre como se relacionar, sobre como lidar com mulheres. Este momento específico da iniciação sexual tem um peso simbólico muito grande para estes homens. Para buscar compreender melhor por que motivo a inversão da ordem pode se dar neste momento específico, lembro que é possível fazermos aqui uma *analogia* com um *ritual de passagem*<sup>109</sup>. Havendo uma passagem de um estado (ou condição) a outro, há um momento em que uma série de regras e preceitos são suspensos<sup>110</sup>; a suspensão contudo é momentânea, pois no momento seguinte as regras e os preceitos, o a *ordem*, serão re-

---

<sup>108</sup> É claro que não se pode deixar de lado a questão de que a avaliação feita pelos entrevistados com relação à primeira relação depende também da permanência ou não de um relacionamento com o parceiro.

<sup>109</sup> Gostaria de enfatizar aqui que esta é apenas uma *analogia*. Não estou de forma alguma afirmando que uma relação sexual é um ritual de passagem, mas apenas apontando alguns traços descritos na literatura como característicos de um momento intermediário num típico ritual de passagem. Para a discussão clássica acerca destes rituais, cf. TURNER (1974) e VAN GENNEP (1978); alguns antropólogos contemporâneos que também trataram da análise de rituais são DA MATTA (1981), PEIRANO (2002), RIVIÉRE (1996) e SEGALIN (2000).

<sup>110</sup> No modelo clássico de análise de ritos de passagem proposto por VAN GENNEP (1978), estes ritos que operam a transição de um estado social a um outro são estruturados em três fases, a saber, separação, margem e agregação; a transição se dá através da subversão de esquemas correntes para ação.



afirmados<sup>111</sup>. A *ordem* é invertida temporariamente e depois ocorre uma re-inversão, torna-se ao *status quo*. O menino que realiza a passagem, a inversão, pode tornar a se relacionar depois da experiência daquele momento de inversão<sup>112</sup>.

O momento da primeira relação sexual como um momento de inversão da ordem cotidiana — de *loucura*, até — e de aprendizado é descrito por exemplo por Carlos:

*A gente fomos pro hotel, o cara não queria deixar a gente entrar por que a gente era menor. Mas a gente falou pra ele que a gente pagava o dobro do que a gente tinha que pagar por que a gente já tava guardando o dinheiro há um tempão pra quando chegasse o dia lá na termas [onde ele tinha planejado ir ao completar 15 anos] porque a gente não sabia como que era... mas não precisou. Eu fui e transei com ela. Ela tomava já remédio. Já conhecia tudo, já. Eu é que não conhecia nada. [...] O que marcou a primeira vez..? [pensativo] . . . eu nunca tinha entrado em um motel na vida . . . **quando entrei fiquei louco**. Ainda mais com filme de sacanagem. Primeiro, eu queria ficar vendo aquele filme. **Fui ver o filme pra poder ver o que eu fazia com a mulher**. Ela mesmo me falou assim. "Geralmente a primeira vez a gente vê filme de sacanagem que passa pra ver como a gente vai fazer". **Aí eu falei pra ela assim. Eu quero fazer tudo que tem ali. Fiz de tudo**. [...] Ela já tinha transado...*

[Carlos, Rio de Janeiro, 24 anos, segmento popular]

Parece haver uma diferença no modo com que os homens de segmentos médio e alto vivenciam a sua primeira experiência sexual. Ainda que identifiquem em sua maior parte a primeira experiência amorosa como uma primeira relação sexual, o peso conferido a esta primeira relação sexual é diferente. Já vimos que a masculinidade popular é muito colada no sexo, o que é diferente da masculinidade nos segmentos médio e alto, que se constrói de outras maneiras.

Os relatos dos homens de segmentos médio e alto remetem a um processo mais demorado<sup>113</sup> e continuado de construção da masculinidade e, principalmente, da *aduldez*. Estes mencionam, em maior número, em seus discursos um relacionamento afetivo com a parceira e uma idéia de *igualdade* entre parceiros em termos de experiência afetivo-sexual — eles têm parceiras da mesma idade que eles próprios. Além disto, é possível encontrarmos o próprio entrevistado identificando

---

<sup>111</sup> Ritos de iniciação podem ser analisados também como *ritos de identidade*, na proposta de Zempléni; um ritual de iniciação masculina opera com a separação do universo feminino e com uma cooperação ritual entre os homens (ZEMPLÉNI, 1996).

<sup>112</sup> Entre autores bastante conhecidos que analisaram a iniciação masculina estão HERDT (1981), BATESON (1990), GODELIER (1986).

<sup>113</sup> Lembro aqui que existe uma discussão corrente acerca da passagem para a vida adulta por parte nos segmentos populares, em que alguns autores argumentam que esta passagem é muito mais

elementos que o tornem atraente aos olhos femininos que são atributos de sua condição social, como no caso do depoimento de Mauro:

*a experiência mesmo foi quando eu tinha 11 anos, eu já morava lá em São Mateus lá em São João de Meriti. Experiência mesmo foi com Cristiane, [...] lá perto de casa mesmo, como sempre eu estava apaixonado por uma garota. Aí eu pedi pra namorar ela em casa [...], era um domingo, sabe aqueles dias em que a família fica toda reunida, eles eram bem humildes, e nós ali, **a minha mãe tinha uma situação financeira muito melhor do que as pessoas que moravam ali, eles até achavam que a gente era rico, minha mãe tinha até um carro que era zero na época e ninguém tinha nem carro ali. Não sei se isso ajudou, não sei. Eu gostava dela e ela praticamente gostava de mim também [...]***

[Mauro, Rio de Janeiro, 20 anos, segmento médio]

Os homens de segmento médio/alto fazem menor referência à idéia de um “aprendizado”; o conhecimento adquirido é meramente de *ordem técnica*, contrastando com os casos relatados por homens de segmento popular. Não há menção nestas entrevistas de um aprender a *se relacionar*. O carioca Ernesto, de vinte e dois anos, reclama que não aproveitou muito a sua primeira relação sexual por falta de conhecimento e explica que depois “você aprende, pega a manha”. Já a primeira experiência amorosa relatada por Marcelo é um *ficar*, que, ele explica, como o sexo é algo que você vai aprimorando à medida em que se aprende.

Diante de uma situação em que a parceira era mais velha, os entrevistados de segmentos médio e alto oferecem explicações que fogem da idéia de um *aprendizado a partir de uma maior experiência feminina* (conforme referido para o caso dos homens de segmento popular). A mulher mais velha é descrita dentro do contexto da paixão, e não da iniciação sexual, por exemplo, por Cristiano:

*Eu era ridículo. Eu me apaixonava de querer chorar e tudo. Horrível. [...] E o mais engraçado, sempre me apaixonei por pessoas mais velhas. Aí é **aquela onda do tal do complexo de Édipo, né? Sempre me apaixonei por pessoas mais velhas.** [...] E quando eu tive a minha primeira experiência, foi com outra pessoa mais velha.*

[Cristiano, Salvador, 24 anos, segmento médio/alto]

As narrativas masculinas enfatizam a experiência das suas parceiras, que usualmente é maior do que a deles, e narram um aprendizado técnico. Observe-se que em segmentos médio e alto mesmo quando a parceira “ensina tudo” ao homem há um diferencial — ela ensina *tudo que o que ela sabe* a ele. Não se esgotaram,

---

abrupta do que a passagem que se dá nas classes médias ou altas; esta discussão foi mencionada no capítulo *Sexualidades juvenis* quando foi feito o exame da *juventude*.

por assim dizer, as lições em uma primeira relação sexual; a maior experiência da parceira é de alguma forma relativizada: ela não sabe *tudo* sobre sexo em geral, ela sabe algumas coisas e estas coisas ela transmite a ele. Isto está claro na fala de Sandro quando este descreve sua primeira experiência sexual:

*fomos pro quarto, aí dali ela perguntou se eu já tinha feito alguma relação com alguém, alguma coisa, eu falei que não, era a primeira vez. **Aí ela pegou e falou, "então, eu vou te ensinar tudo que eu sei". Bah, pegou e bah e o bicho pegou, né?***

[Sandro, Porto Alegre, 20 anos, segmento médio]

Os homens, tanto do segmento popular quanto dos segmentos médio e alto, centram-se na descrição técnica, por assim dizer, do ato: local, duração, posições. O vínculo com a parceira de um modo geral é mencionado brevemente — uma namorada, uma amiga, uma prostituta — mas há pouca ênfase no estatuto da relação ou na descrição da parceira. As narrativas masculinas, como a de João, entram em minúcias do ato:

*Daí ela tirou a blusa, tava com uma mini-saia, daí ela pegou, daí eu comecei a puxar a calcinha dela e fui puxando, puxando, puxando devagarinho até tirar toda, daí eu tirei a minha roupa também, só que eu fiquei nervoso também, fiquei com medo de não ter... De broxar. Daí eu fiquei com medo de ela contar para as amigas dela, porque ela me dizia que era virgem, mas já é normal de todo homem de ter uma dúvida sempre, né? Porque ela já tinha ficado com outros caras então a gente fica naquela dúvida. Daí tá, eu tirei a calcinha dela, fui botar o pênis nela e vi que ela não, que ela era virgem mesmo, sabe, porque quando tocou assim, não entrava todo, entrou só um pouquinho, uns quatro centímetros, a pontinha mesmo, daí ficamos uns quinze minutos tentando e ela gemendo...*

[João, Porto Alegre, 20 anos, segmento popular]

Até mesmo as queixas masculinas com relação à primeira experiência amorosa são de ordem técnica — diferentemente das mulheres, que, vimos, enfatizam que sua decepção se deve ao fato da relação afetiva entre os parceiros não ter se tornado a esperada. As queixas masculinas dizem respeito à duração do ato, às condições precárias em que se deu, o fato de que a parceira tivesse pouca experiência ou experiência em demasia. Sávio reclama da duração:

*Ah...! [...] Foi muito rápido, foi; não gostei não. [...] Ah... A menina era mais experiente do que, era mais velha do que eu; então foi muito rápido, né? Acho que ela gostou mais do que eu. Não foi bom não.*

[Sávio, Salvador, 22 anos, segmento popular]

Fernando igualmente reclama da duração, e entra em pormenores, explicando que houve penetração mas não ejaculação:

*Fomos pra casa dos pais dela mesmo. Ela tinha um filho e ela não sabia que era a minha primeira vez. [...] Foi rápido porque não podia demorar. Tinha que ser rápido porque os pais dela estavam no baile também e iam voltar pra casa. [...] Na primeira vez nós transamos mas foi uma coisa rápida, sem orgasmo.*

[Fernando, Rio de Janeiro, 19 anos, segmento popular]

### Uma “questão de honra”

É muito claro entre os homens de segmentos médio e alto que o mais marcante na primeira experiência amorosa é a relação sexual. O sexo é associado, por um lado, à idéia de uma *questão de honra* e, por outro, a alguns demarcadores do ingresso na vida adulta.

É uma *questão de honra*, por exemplo, para Renato, carioca de 20 anos, pertencente a segmento médio, efetivamente ter uma relação sexual com uma menina com a qual ele namora há dez meses. Já Heitor acha que a relação sexual foi o mais importante em sua experiência amorosa; ele inclui, nesta narrativa, a descoberta do sexo, da bebida alcoólica, do fumo, da maconha e a descoberta de outras mulheres além da parceira. Aparentemente, o álcool e o fumo são tidos como coisas que um homem, e não um menino, faz.

*EGO: [...] E eu já tava ficando mais... mais adolescente, aí você fica mais assim querendo, descobrindo... você descobre bebida alcoólica, você descobre mulher, outras mulheres, aí eu já não achava assim, que eu gostava muito dela, aí a gente terminou.*

*ENT: Agora, o que é que mais marcou você nessa experiência com ela?*

*EGO: Como, nessa? É porque a experiência com ela não acabou aí, né?*

*ENT: Ah, tá! [riso]*

*EGO: O que mais marcou foi... em junho a gente terminou, no final do ano ela veio passar de novo as férias de novo com o pai, aí a gente se reencontrou, aí a gente ficou de novo assim, um relacionamento de namoro; a gente começou a namorar de novo e tal, ela tinha uma casa em Itapoan, eu ia pra lá, aí nessa vez que ela veio pra cá, aí foi a primeira vez que, a primeira vez que eu transei; foi com ela, quando ela veio pra cá. [...] Depois que eu conversei isso com meu pai eu parei, por medo, mas depois você vai criando mais autonomia e tal, aí eu voltei a fumar. **Com 17, 18 anos eu fumei maconha, depois parei. Depois parei de beber, também. Bom, aí foi uma... na verdade, três coisas que marcaram, né? Na verdade, o relacionamento não, né? O relacionamento, o meu relacionamento com ela, o que marcou foi a primeira vez que eu transei assim, né? Foi isso que me marcou mesmo. Assim, o fato de ter fumado maconha... /***

[Heitor, Salvador, 21 anos, segmento médio/alto]

A expressão *questão de honra* não é exclusiva do segmento médio ou alto, pois aparece também no discurso dos homens pertencentes ao segmento popular.

No caso de Alexandre, o desfecho da relação com a primeira parceira não é tão importante quanto uma *questão de honra*: ter conseguido o que ele queria, ter sexo pela primeira vez.

*Acho que foi por isso que eu tô dizendo a você, quando isso veio rolar foi quase no final do ano, não, quase no final do ano não, foi no meio do ano mais ou menos, aí ela começou a se relacionar com outro cara, engravidou, entendeu? Engravidou desse cara então ela largou a escola. Aí **não liguei mais, ela tinha me dado o que eu queria, assim em termos de... tinha me dado uma alegria e tanta, a primeira vez assim, sabe? Que pro homem, dele / Digo, em termos, o adolescente, ele hoje de ter a primeira transa dele é questão de honra, né? Se quanto mais tarde ele tiver, mais ele tá sendo discriminado, hoje, pelos outros. Então ali eu tava todo alegre, né?***

[Alexandre, Salvador, 19 anos, segmento popular]

A idéia subjacente no depoimento de outro homem também pertencente ao segmento popular, Fernando parece ser também uma *questão de honra*: um homem não pode dizer “não” a uma mulher sem perder com isto parte de sua virilidade. Já mencionei antes que a demonstração de um desejo sexual constante, uma disposição permanente para o sexo, é um elemento importante na constituição da masculinidade, especialmente em segmentos populares. Ele descreve a sua primeira experiência amorosa como uma primeira relação sexual, onde uma parceira mais experiente tomou a iniciativa. Num primeiro momento, explica que deve ter sido ruim para ela mas que foi bom para ele — afinal, perdera a virgindade —, para, em seguida, dizer que, se pudesse voltar atrás, voltaria:

*EGO: Partiu dela [a iniciativa]. Na época eu tinha medo. Quando ela começava eu tentava parar. Achava que não era a hora. Aí até que um dia não teve como parar. [...]*

*ENT: Você acha que escolheu a pessoa certa pra começar? Se você pudesse voltar no tempo, o que você faria, escolheria a mesma pessoa?*

*EGO: Não. Eu escolheria outra pessoa mais apropriada. Ela não era do meu estilo. **Não foi uma coisa que eu quis, foi uma coisa que ela quis. Eu não podia dizer não, não é?***

*ENT: **Porque você não podia dizer não?***

*EGO: **Homem, né? Homem é fogo...***

[Fernando, Rio de Janeiro, 22 anos, segmento popular]

## O que faz um homem

Tornando a analisar a questão dos demarcadores de ingresso na vida adulta, tanto para homens de segmento popular quanto médio, vimos que a primeira experiência sexual aparece como uma aquisição de conhecimento, em que se pode

sugerir uma certa analogia com um ritual de passagem para a vida adulta. A primeira relação sexual marca um momento de transição nas suas trajetória de vida<sup>114</sup>.

A idéia explícita no discurso de que se está velho demais, de que há uma expectativa social em termos da faixa etária e do comportamento sexual parece ser mais típica dos segmentos médio e alto (vimos que ela está presente também no depoimento de algumas mulheres de segmento médio). Hugo acha que já estava velho demais e num encontro aparentemente fortuito tem uma relação com uma mulher de quem ele sequer lembra o nome:

*Foi... Eu tava velho, já, tinha dezessete anos. Pra um padrão que tem estabelecido, acho que eu tava velho. Foi num interior, foi o quê? Micareta [carnaval que acontece após a quaresma na Bahia] Tava tendo micareta, a gente foi pra lá, aí eu conheci uma pessoa que eu nem sei o nome [risos]. A gente ficou junto um dia, no outro dia aconteceu. Nunca mais vi*

[Hugo, Salvador, 21 anos, segmento médio/alto].

A idéia da relação sexual como marco importante na trajetória de vida do entrevistado encontra-se em vários outros depoimentos. A importância da questão da primeira relação no sentido de uma experiência realizada e de um conhecimento adquirido fica evidente nos discursos masculinos: experiências são comparadas; conhecimentos, mensurados. A importância desta socialização de experiências entre homens não deve ser subestimada. As masculinidades, segundo Kimmel (1998), são construídas ao mesmo tempo em dois campos de relações de poder: nas relações de homens com mulheres e nas relações de homens com outros homens. O modelo hegemônico de masculinidade que o autor analisa — o do *self-made man* — é um modelo baseado na *competição homosocial*, que requer uma provação e demonstração constantes (KIMMEL, 1998).

Nem todas as masculinidades são criadas iguais; ou melhor, todos são *criados* iguais, mas qualquer igualdade hipotética se evapora rapidamente, porque nossas definições de masculinidade não são valoradas do mesmo modo em nossa sociedade. *Uma* definição de hombridade segue sendo a norma em relação à qual se medem e avaliam outras formas de virilidade. Dentro da cultura dominante, a masculinidade que define aos brancos, de classe média, adultos jovens heterossexuais, é o modelo que estabelece os *standards* para outros homens, a base sobre a qual se medem outros homens másculos e, à qual, mais comumente do que se crê, eles aspiram. [KIMMEL, 1997: 50]

A fala de João torna patente a importância da competência. O conhecimento aqui é indicador de competência e, neste caso, o limite entre o *fazer* e o *saber fazer*

---

<sup>114</sup> Para esta discussão, ver LEAL & BOFF, 1996.

(o *know-how*) é muito tênue. Para João e seus amigos, vale comparar experiências fantasiadas:

*Ah, eu comecei cedo, né? Minhas primas moravam no fundo da minha casa e elas traziam as amigas que eram nossas namoradas, e os meus amigos namoravam minhas primas. Daí a gente se juntava com a turma e cada um tinha que contar alguma experiência, que era tudo mentira, mas a gente contava como verdade e espiava nossos tios assistindo filme de sexo, a gente não sabia, mas tinha uma idéia, né?*

[João, Porto Alegre, 20 anos, segmento popular]

A comparação de experiências para mensuração de competência e de hombridade pode ser referida ainda à idéia de que a masculinidade requer uma validação homosocial — são *outros homens* que podem ver um sujeito como efeminado; são outros *homens* que analisam cuidadosamente, examinam, classificam e concedem, ou não, o ingresso do domínio da virilidade<sup>115</sup> (KIMMEL, 1997). O fato de que a validação seja homosocial é consequência da própria dominação, das relações de poder envolvidas nas configurações de gênero — segundo David Mamet, citado por Kimmel, “as mulheres têm, na cabeça dos homens, uma posição social tão baixa na escala deste país que se torna inútil um homem se definir em termos de uma mulher. O que os homens necessitam é a aprovação dos próprios homens” (Mamet, citado por KIMMEL, 1997: 55).

Tornando agora à idéia de que o momento da iniciação sexual demarca uma importante passagem para a condição de adulto, podemos perceber como esta demarcação só é possível porque *outros homens* assim a consideram. O entrevistado Carlos relata que ganharia *de presente*, quando completasse quinze anos de idade, *mulher*. O presente seria dado por *homens* para quem ele trabalhava — que eram quem sempre levavam os meninos para *conhecer mulher*:

*Eu tinha 15 anos. Tinha um bandido lá onde eu morava, era do outro lado da rua. Aí chegou... eu trabalhava num aviário. Era eu e um colega meu. Ele fez 15 anos no mesmo ano que eu. **Aí eles [os bandidos] tinham falado pra gente que quando fizesse 15 anos ele iria levar a gente pra umas termas pra conhecer mulher. Eles é que levavam sempre os moleques lá da rua. A gente falou pra ele que a gente era virgem ainda e quando fizesse 15 anos a gente já podia entrar lá.***

[Carlos, Rio de Janeiro, 24 anos, segmento popular]

---

<sup>115</sup> “Pensem em como”, escreve Kimmel, “os homens alardeiam entre si seus feitos — desde sua última conquista sexual até o tamanho do peixe que conseguiram pescar — e como constantemente passamos em revista os indicadores da virilidade — riqueza, poder, posição social, mulheres atraentes — frente a outros homens, desesperados por obter sua aprovação” (KIMMEL, 1997: 54-5).

Ainda com respeito aos homens que tomam sua primeira experiência amorosa por uma relação sexual, devo observar que muitos se mostram perplexos e confusos diante do ocorrido. Talvez a confusão se deva ao fato de que a situação seja uma de *inversão da ordem*, onde algumas regras estão suspensas. O entrevistado pensa que tem a obrigação de ter experiência sexual — sendo um homem — mas o entrevistado está, ao mesmo tempo, diante de uma mulher que sabe mais do que ele, que toma a iniciativa e que lhe ensina. Leandro não sabia o que fazia e queria fugir:

*Eu tinha 11 anos, a menina era uma, uma vizinha minha [...], aí eu fui pra casa dela aí, a gente ficou lá brincando, só que ela começou sabe... **eu era um pouquinho assim, não tinha muita, muita, muito jeito ainda, não tinha muita experiência assim [...]** depois ela começou e ficou me alisando e coisa e aí pronto; aí foi assentando, ela tirou minha camisa [...] Je foi me beijando e aí foi começando; aí quando a gente tava junto, aí na hora que... nos vamos ver [risos] aí eu senti uma coisa estranha assim porque, quando sabe... aí ardeu, assim aquele ardor, aí fiquei assim todo assim, não sabia nem o que fazia, **aí queria fugir, queria sair, queria parar**, aí ela me disse que aquilo era normal, que era normal que era minha primeira vez, aí e eu fiquei... [...] eu fiquei... **chorei, fiquei assim apavorado, sem saber o que era aquilo [...] não quis mais, eu fui correndo pra casa e cheguei lá tomei, cheguei em casa tomei um banho fiquei o dia todo preocupado...***

[Leandro, Salvador, 18 anos, segmento popular]

Hélio precisou refletir para compreender o que havia acontecido:

*pra mim foi até um lance que eu nem esperava de uma hora pra outra. Eu fiquei até meio de bobeira aí **fui pra casa sem entender o que tinha acontecido.***

[Hélio, Rio de Janeiro, 22 anos, segmento popular]

Há muitas referências à alguma forma de pressão social exercida sobre os entrevistados de segmentos médio ou alto para que *ficassem* a primeira vez e com relação à aprovação por parte de amigos de sua parceira. São apenas os homens deste segmento que mencionam os casos em que todos os meninos de um certo grupo (por exemplo, da turma da escola) eram apaixonados pela mesma garota.

Da parte dos homens de segmento popular, há também muitas menções a situações que revelam uma certa pressão social no sentido de que faz parte da hombridade ter tido uma relação sexual: as pessoas falam, quanto mais tarde se der o sujeito será mais discriminado, as amizades influem no comportamento, cada um dos amigos deveria contar um feito sexual aos outros do grupo, o sujeito deve se reunir com os amigos depois de uma façanha sexual. O que os pares fazem ou



pensam é de suma importância, vimos, e pode gerar verdadeiros dilemas: Hélio, por exemplo, relata que se sentia obrigado a *ficar* com uma menina, qualquer uma que fosse, dada uma certa expectativa de seu grupo de amigos. Ao mesmo tempo, ele tinha vergonha da única menina com quem ele realmente conseguia *ficar*, então, *ficava* escondido.

### **Esquecer para ser homem**

Uma forma de relatar a primeira experiência amorosa encontrada entre os depoimentos masculinos chama a atenção: muitos homens começam por dizer que “não lembram” bem como foi e depois narram em detalhes e minúcias todos os eventos que culminam na primeira experiência sexual. Dito de outro modo, há uma estratégia lingüística em jogo, acionada pelos homens no momento de suas narrativas suas primeiras experiências.

Os homens pertencentes ao segmento popular elaboram com frequência um discurso que se constrói a partir da sua incapacidade de lembrar, com um certo ar de descaso, de pouca importância ou até desdém pela situação — até porque a questão referia-se à primeira experiência *amorosa*, aspecto este desconsiderado pelos homens e traduzido enquanto primeira relação sexual.

Proponho que se interprete tal estratégia retórica em termos do próprio processo de construção de masculinidade. Pode ser difícil ou até doloroso para estes homens fazerem um relato do momento da primeira relação sexual, sendo este um demarcador importante e muitas vezes um momento de inversão da ordem. A dificuldade nestes casos é superada com um certo ar de descaso: é como se o narrador não desse importância alguma para aquele momento.

É evidente que com esta interpretação não estou tornando irrelevante a idade dos homens no momento em que fazem seus relatos. Afinal, um rapaz que se iniciou sexualmente aos doze anos de idade e que é entrevistado aos vinte e quatro pode estar narrando um evento depois de transcorrida mais de uma década. Entretanto, esta hiato temporal não é suficiente para explicar estes lapsos de memória referidos, especialmente porque na maior parte dos tempos a “não lembrança” figura apenas como um adendo que antecede o relato minucioso. Dentre os homens de segmento popular, há entrevistados jovens que declaram dificuldade de lembrar. Clemente, por exemplo, primeiro tem dificuldade de relatar sua primeira experiência amorosa;

depois, qual foi a parceira e, por fim, que não lembra bem o que mais marcou nesta experiência — ao mesmo tempo em que relata o que aconteceu, com quem foi e onde a conheceu:

*EGO: **Pô, eu não sei dizer muito bem quando foi, tem muito tempo.***

*ENT: Você podia me falar um pouco, assim? [...]*

*EGO: Falar um pouco... Falar o quê, assim?*

*ENT: Como foi essa experiência?*

*EGO: Como foi assim... **pô, como é difícil!***

*ENT: Foi com quem?*

*EGO: [...]* Primeira vez, **se eu não tiver enganado... se eu não tiver enganado, foi com Juliana. Se eu não tiver enganado! Se eu não tiver enganado foi com Juliana.**

*ENT: Você tinha mais ou menos quantos anos nessa época?*

*EGO: Na faixa dos meus onze pra doze anos.*

*ENT: E como foi assim? Quem era ela? Me conte essa história.*

*EGO: [Risos] Como é que foi assim... a gente se conheceu, né, a gente era do mesmo bairro, só que não tinha muita amizade, muita intimidade. A gente morava aqui mesmo, ela hoje em dia não mora mais. A gente começou a brincar, né? Tava brincando eu, ela, um irmão meu e uns primo dela, acho que a irmã dela tava também. Que eu me lembro, né? Foi que começamos a brincar, daqui a pouco todo mundo saiu, ficou eu e ela dentro de casa. Aí, foi aí que gerou o primeiro beijo, primeira relação amorosa, não é isso? [...] só foi isso, o beijo, que a gente na adolescência não tem esse negócio, não. Porque rolou beijo, aí com certo tempo... daí em diante foi passando, a gente começou a namorar, aí sei que a gente passou quase um ano namorando, depois foi que ela se mudou, aí nunca mais eu vi. [...]*

*ENT: O que foi que mais te marcou assim?*

*EGO: **Rapaz, não lembro não.***

[Clemente, Salvador, 19 anos, segmento popular]

O depoimento de Luís também exemplifica esta dificuldade de lembrar. Neste caso, há um ar de desdém pelo evento relatado, de modo que a narrativa sobre sua primeira relação sexual, com uma namorada — uma pessoa que ele conhecia desde criança — não tem qualquer tipo de contextualização ou de detalhe.

*EGO: Namoradinhas, namoradinhas, ok.*

*ENT: Que idade tinha?*

*EGO: 14, 13. 14, nem me lembro.*

*ENT: Mas tu chegou a, nesta primeira pessoa que tu teve relação, tu transou? Ou foi só... Teve uma relação de algum tempo? Como é que foi?*

*EGO: **É conhecia desde criança.***

*ENT: Tua vizinha?*

*EGO: Isso, vizinha.*

*ENT: E aí? Tu só namorou, o que que tu quer dizer? Namorou, ficou, transou?*

*EGO: Não, **a gente era namoradinho assim.***

*ENT: Tá, mas tu chegou a transar com ela? Ficou muito tempo com ela?*

*EGO: Ah, **quanto tempo eu não sei.***

*ENT: Essa aí a primeira relação sexual...*

*EGO: Foi.*

ENT: E tu não se lembra quanto tempo?  
EGO: Não.

[Luís, Porto Alegre, 24 anos, segmento popular]

Além da mencionada não-lembrança dos homens, há alguns relatos masculinos que são demasiadamente vagos<sup>116</sup>. A falta de detalhes nestes casos revela que, tendo os entrevistados de segmento popular interpretado a pergunta como se referindo ao domínio do amoroso e, portanto, do sentimental, ele se sentiu constrangido em elaborar uma resposta, ficando patente que está aliviado quando percebe que pode responder simplesmente sobre a primeira relação sexual. O entrevistado de segmento médio é evasivo por outro motivo: ele revela que a primeira relação sexual foi “traumática”, pois ele “não estava preparado para aquilo” e “ela não parecia estar gostando”; este entrevistado afirma ter ficado vários anos depois desta primeira experiência sem ter uma relação sexual.

Quando os homens de segmento médio/alto afirmam que não lembram bem de alguma coisa com relação à experiência amorosa, ou bem é porque eles não lembram o nome da parceira ou porque não lembram quando ocorreu, que idade eles tinham. É interessante que há mais de um caso em que a capacidade de lembrar de um evento é mencionada como sendo um critério para se avaliar a importância do próprio evento — o gaúcho Marcelo, vinte e quatro anos, por exemplo, explica que se ele lembra de tudo direitinho é porque a experiência marcou. Adalberto acha que justamente porque só houve atração física, e nenhum sentimento, ele dificilmente terá uma boa lembrança, daqui a alguns anos:

*Eu tive um negócio forte, tanto que foi a primeira vez, né?, no entanto eu penso muito menos [nesta primeira parceira] do que com pessoas que eu nunca tive nada, que eu já não vejo há três, quatro anos e que eu lembro, lembro, lembro todos os dias. Por exemplo, se eu ver a pessoa na rua eu sei quem que é. Ela daqui há cinco anos eu acho que... não sei eu posso até saber que é uma coisa mais recente mas **eu não sei se eu vou lembrar. Por isso que eu acho que foi mais uma atração física do que uma atração amorosa**, assim de eu gostar da pessoa.*

[Adalberto, Rio de Janeiro, 20 anos, segmento médio/alto]

Há ainda aqueles que dizem que não gostam ou não querem lembrar da situação da primeira experiência, como é o caso do rapaz que relata uma situação

---

<sup>116</sup> Por isto mesmo, algumas de suas respostas foram classificadas como “pouco claras”, seja porque não se infere o tipo de vínculo ou quem foi a parceira. Estes contabilizaram três casos, sendo dois de segmento popular (um do Rio de Janeiro e outro de Porto Alegre) e um de segmento médio (também de Porto Alegre).

em que a parceira queria um filho dele, estando implicada aí a idéia de um compromisso muito mais sério. Ele rompe com a parceira por causa deste desejo expresso por ela, e diz que não gosta de lembrar daquele relacionamento. Devo mencionar, ainda, que diferentemente das mulheres, não há relatos masculinos que mencionem o nascimento de um filho como alguma coisa que foi o mais marcante numa primeira experiência amorosa. Os dados das entrevistas masculinas neste sentido vão ao encontro do que é mencionado por VÍCTORA, em seu estudo de homens numa vila popular de Porto Alegre, que salienta a desvinculação por parte dos homens entre os domínios da *sexualidade* e da *reprodução*:

observa-se uma separação de domínios: num o “sexo” está vinculado fortemente com o mundo masculino; no outro, a reprodução (incluindo contracepção) basicamente com um domínio fechado (...) os domínios da reprodução e da contracepção, nas palavras de boa parte dos informantes, são “coisas de mulher” [VÍCTORA, 1997]

Vimos que os homens parecem constrangidos em falar de um momento em que estavam em uma situação de desigualdade perante a parceira, esta tendo mais experiência. O “descaso” com esta primeira experiência é, talvez, uma forma de demonstrar que hoje este conhecimento técnico está tão internalizado e é de tal forma constitutivo do seu ser que é difícil pensar em como foi, ou como ele era, antes disto.

Ao falarem, então, de sua primeira experiência amorosa, e definirem esta como uma relação sexual, os homens estão preocupados com a questão do conhecimento técnico mais do que as mulheres; eles estão também mais preocupados com esta questão do que com a questão do vínculo afetivo estabelecido com a parceira da experiência. Nestas narrativas, homens são agentes sociais enquanto as mulheres figuram como objetos: a importância da mulher na relação é dada muito mais pelo acordo da comunidade de outros homens do que por ela mesma. Quando não se salienta no discurso a opinião de outros homens, a mulher então figura não como sujeito de uma relação, mas como instrumento para aquisição de conhecimento — seja porque tem mais experiência, seja porque foi simplesmente objeto de uma experiência de descoberta.

## Uma experiência afetiva: namoro, amor e paixão

Dentre os homens, o número de casos de um namoro breve, com um mês ou alguns meses de duração, é menor para aqueles de segmento médio/alto do que para os de segmento popular. O número de homens que, pode-se dizer, teve uma primeira relação sexual com uma também primeira namorada é proporcionalmente *menor* no segmento médio/alto do que no segmento popular. Por outro lado, é proporcionalmente *maior* o número de homens no segmento médio/alto que afirma não saber quanto tempo durou o namoro ou que faz um relato do qual não se depreende quanto tempo durou o relacionamento ou namoro.

Um quarto dos homens entenderam por “experiência amorosa” um namoro<sup>117</sup>. Assim, deste grupo de homens que definem a primeira experiência amorosa como um namoro, alguns falaram em namoro e falaram também em sexo, outros em namoro e também em amor ou paixão, poucos em namoro e também em *ficar*. Algumas coisas são evidenciadas na leitura dos textos dos homens que deram a acepção de *namoro* à experiência amorosa.

Em primeiro lugar, ao falarem sobre *quando* ocorreu a experiência, a idade destes é um pouco mais baixa do que aqueles que definem como relação sexual – a mediana de idade da primeira experiência amorosa daqueles que definem como namoro é treze anos enquanto a mediana dos que definem como relação sexual é quatorze anos de idade.

Em segundo lugar, muitos falam de um “namoro de antigamente”, um namoro que ficou marcado na lembrança não pela sexualização da relação, mas pelo papel que tiveram de desempenhar, pedindo a mão da garota para a família dela, por exemplo. A situação é a do desempenho, numa relação tradicional (de antigamente), de um papel também tradicional e principalmente masculino. Exemplar é o relato de Mauro:

*Experiência mesmo foi com Cristiane [...]. Aí eu pedi pra namorar ela em casa, eu tinha 11 anos, foi maneiro, tava os pais dela, era um domingo, sabe aqueles dias em que a família fica toda reunida [...] Eu gostava dela e ela praticamente gostava de mim também, aí eu pedi pra namorar com ela na frente de todo mundo, do pai dela da mãe, do tio do avô, do cachorro, sei*

---

<sup>117</sup> É importante lembrar algo que já foi mencionado sobre o processo de análise e tipologização: que uma mesma pessoa pode dar mais de uma acepção ao termo “expressão amorosa”, i.e. que poderiam ser assinaladas mais de uma categoria de resposta quanto à definição da experiência amorosa.

*lá a família toda. O pai dela deixou aí eu comecei a namorar em casa com 11 anos.*

[Mauro, Rio de Janeiro, 20 anos, segmento médio/alto]

Os homens do segmento médio/alto podem classificar suas relações em termos de um *namoro de casa*. Há aqueles que fizeram um pedido de namoro em casa, por exemplo. O namoro dentro de casa sempre implica que o entrevistado dá um grau de importância maior ao relacionamento.

Os homens classificados como pertencendo ao segmento popular também falam de formas de classificar um relacionamento como sendo mais sério, envolvendo um maior compromisso de sua parte. Assim, é no seu discurso que vemos a distinção entre um *namoro na porta* e um namoro de rua, entre um *namoro sério* e um namoro de pouca relevância. São estes homens ainda que descrevem o relacionamento como sendo um *namoro de antigamente* e explicam que levar a menina para conhecer a sua família é uma etapa importante na consolidação do relacionamento.

Érico, pertencente a segmento popular, relata que sua primeira experiência amorosa foi um namoro, quando ele tinha doze anos e a sua parceira, dezenove. Ele acha, como tantos outros, que o que mais lhe marcou nesta experiência foi um *aprendizado*: que não era preciso o sexo para que o relacionamento fosse bom.

*ENT: Tá. E o que te marcou mais assim nesse namoro?*

*EGO: Olha...*

*ENT: Só por ser o primeiro?*

*EGO: Não, foi o muito que eu aprendi.*

*ENT: Chegaram a transar?*

*EGO: Não. Foi isso que eu aprendi. Que não era a relação sexual que importava na história toda, que a gente namorou seis meses de cabo a rabo, eu todo dia na casa dela, ela dormia na minha casa, eu dormia na casa dela. Nós não tínhamos relação sexual em seis meses.*

*ENT: E dormiram juntos?*

*EGO: Só dormia junto. Só que nós não tinha relação sexual, não era aquela coisa, não era, não era o sexo que nos atraía, era a pessoa.*

[Érico, Porto Alegre, 20 anos, segmento popular]

O namoro “de casa” parece ser percebido pelos entrevistados também enquanto um aprendizado. Neste caso, não um aprendizado técnico, como é a iniciação sexual, mas um aprendizado de relacionamento, de assumir um compromisso público perante a família da parceira. Este passa a ser um traço distintivo para estes homens, e embora não seja incompatível com a definição da

primeira experiência amorosa como uma relação sexual, a precede em parte dos casos, como revela a idade mais precoce dos homens que mencionam o namoro como sua primeira experiência.

Aqueles homens que falam, por sua vez, em um primeiro *amor* ou *paixão*, ao relatarem sua primeira experiência amorosa, falam também em *namoro* e *sexo*. Aqui, a relação de namoro e/ou sexo é caracterizada como tendo algo a mais, o sentimento de *paixão* ou *amor*, que leva a relação a ser mais *estável* ou *duradoura*. Isto fica claro no depoimento de Adriano:

*ENT: Quando e como aconteceu sua primeira experiência amorosa?*

*EGO: Como assim amorosa?*

*ENT: É você ... / O que você entende quando eu te pergunto amorosa?*

*EGO: Amorosa? Assim em relação mais... mais estável? Com uns dezesseis.*

[Adriano, Salvador, 21 anos, segmento médio/alto]

### **Ficando por “obrigação”**

A comparação e a medida de experiências entre homens só podem ser feitas quando há algum termo comum, e aqui se explica porque os discursos masculinos acerca da relação sexual com mulheres evocam com frequência outros homens tanto quanto ou mais do que mulheres. Como já foi dito, um dos aspectos fundamentais das masculinidade é a sua construção intra-gênero, nas relações de homens com outros homens, em desigualdades fundadas por exemplo em raça, etnia, sexualidade e/ou idade (KIMMEL, 1998). O caso de Hélio (22 anos, carioca, segmento popular), já citado, é ilustrativo desta situação visto que este explica que sua primeira relação foi com alguém de quem ele não gostava, mas com quem ele *ficava* por falta de opção – donde se infere que ele tinha uma *obrigação* de ficar com *alguém*. Enquanto a preocupação que transparece nas falas das mulheres está no vínculo, no relacionamento e no parceiro, as falas masculinas se centram numa preocupação com os outros homens, com o modo com que serão por ele avaliados.

A idéia de uma *obrigação* de ficar com alguém, de uma pressão do grupo de iguais para este tipo de desempenho, *i.e.* de conseguir ter relações, de ter uma certa *performance*, está no cerne da própria masculinidade, como explica Renato:

*Pô, [...] eu achava que a honra do homem era isso aí, entendeu. Não, ficar com a garota 10 meses, você não conseguiu? Que isso!! Você é um fraco, entendeu? [...], já estava na hora já, já tinha 10 meses...*

[Renato, Rio de Janeiro, 20 anos, segmento médio/alto]

A avaliação do desempenho masculino feita por outros que não a própria parceira é fundamental. Nas palavras do entrevistado João:

*[O homem se preocupa] Em dar prazer para a mulher, ou **se preocupa com o que os outros vão falar dele**. Então quando tu passa e as amigas dela ficam olhando, tu já pensa, "ih, por que estão me olhando? Alguma coisa deu errada naquela noite para estarem me olhando desse jeito", o homem se preocupa mais com isso aí, né?<sup>118</sup>*

[João, Porto Alegre, 20 anos, segmento popular]

Vimos que os homens que definem sua primeira experiência amorosa como *paixão* ou *amor* e os homens que definem como *ficar* são poucos — perfazem cerca de 17% e menos de 14%, respectivamente. O que é interessante é que estas duas tipologias se excluem mutuamente, pois não há um único caso de descrição da primeira experiência amorosa simultaneamente como um *amor/paixão* e um *ficar*. Ou seja: na perspectiva masculina o *ficar* não implica — e mesmo exclui — uma relação afetiva mais intensa, designada pelo *amar* e *apaixonar-se*. Esta é talvez a principal diferença entre homens e mulheres quanto ao *ficar*, ponto sobre o qual já havíamos tocado no *Meninas, mulheres e amores*.

Retomando o processo da análise que fiz dos relatos sobre a primeira experiência amorosa, criei uma tipologia de tipos de vínculos estabelecidos entre o entrevistado e a parceira da primeira experiência amorosa a partir daquele evento. No anterior, mencionei que a maior parte dos depoimentos que mencionavam o primeiro parceiro amoroso como um “primeiro tudo” eram femininos e de segmento popular. Aqui devo esclarecer que há dois relatos masculinos em que a primeira parceira mencionada é com quem os homens tiveram suas primeiras experiências e com quem casaram. Estes dois casos, também de segmento popular, entretanto diferem radicalmente dos casos femininos, pois a primeira parceira não foi a única parceira: nos dois ocorre a infidelidade extra-conjugal, já desde o momento em que *ficaram* juntos até depois, durante o casamento. Um deles, o gaúcho João, até mesmo duvida que exista algum homem que não tenha traído a mulher — *duvido alguém hoje em dia não fez alguma sacanagem, não traiu mulher, que já não tentou sacanear a mulher*.

---

<sup>118</sup> João explica a preocupação masculina no contexto de uma pergunta feita pelo entrevistador sobre a necessidade e o prazer sexual de homens e mulheres.



Retomando agora a análise do *ficar* no discurso masculino, devo dizer que os poucos homens que mencionam exclusivamente o *ficar* parecem estar falando, mais uma vez, na aquisição de um conhecimento e não de qualquer envolvimento sentimental. Ronaldo, por exemplo, enfatiza que o sentido da experiência não se encontra em sua dimensão afetiva ou sentimental:

ENT: [...] O que que mais te marcou nessa experiência?

EGO: [Silêncio breve] O contato diferente com um outra pessoa, nunca tinha ficado com ninguém, nunca tinha dado beijo na boca. Foi só essa parte mesmo, de experiência carnal, só isso, nada sentimental, não.

[Ronaldo, Rio de Janeiro, 24 anos, segmento médio/alto]

O mesmo faz Adalberto, carioca de segmento médio/alto, que enfatiza que sua experiência de *ficar* ocorre apenas por uma atração física, depois de diferenciar entre um *namoro* e um *ficar*: o *ficar* é uma coisa “de momento”, enquanto que quando se namora parece que “é pra vida toda”. A atração exclusivamente física faz torna o relacionamento breve. O depoimento de Antônio esclarece que o *ficar* é apenas uma etapa na aquisição de conhecimento técnico sexual, a etapa que precede o relacionamento sexual:

Ah não, mas a primeira relação... **Tem duas etapas amorosas aí.** O cara antes de ficar com alguém ou o cara quando fica com uma pinta [pessoa], é um tesão do caralho só no ficar com a pinta e depois quando trepa é outra coisa, então são... são duas. Primeira, primeira é quando tu fica com alguém. [A primeira vez] foi legal [...] Um dia que pintou, pintou um lugar legal, um clima legal, bah, foi aquele negócio. Piá de nove anos, né, quase sem maldade nenhuma, quer dizer, quase sem maldade nenhuma, mas, digamos, foi uns arreto a fuder, foi uns arreto legal [risos].

[Antônio, Porto Alegre, 22 anos, segmento popular]

Vimos assim na análise do discurso dos homens entrevistados sobre a sua primeira experiência amorosa a construção de um modelo de masculinidade em que o comportamento, o tipo de conduta, que um sujeito tem é um resultado do tipo de homem que ele é. Temos assim diversas descrições do *ser homem*, o homem *de respeito*, o *pai-de-família*, o *trabalhador*, o *conquistador sexual*, o *homem sem controle*, o *moleque* ou *guri*, categorias que envolvem relações de homens com outros homens, relações de homens com mulheres, relações de classe, relações de raça, enfim, relações de poder. O homem deve ter um certo desprezo por questões afetivas e amorosas, desvinculando o domínio da prática sexual do domínio sentimental.

## Aprendendo com uma profissional ou com uma amiga

A parceira classificada como uma “profissional do sexo” e como “empregada doméstica” foram citadas apenas por homens — no caso da prostituta, tanto por homens de segmentos popular quanto médio/alto; no caso da empregada doméstica, esta só é citada por homens cujas mães têm no mínimo como grau de escolaridade nível superior<sup>119</sup>. Ainda com respeito à parceira da primeira experiência amorosa, devo salientar que a parceira classificada como “amiga” é especialmente citada pelos homens de segmento médio/alto.

A figura de uma pessoa que seja profissional do sexo entra apenas nos discursos masculinos e, como se viu no capítulo sobre mulheres, está completamente ausente dos discursos femininos. Aqui, a prostituta é com quem alguns homens tiveram — ou pensaram em ter<sup>120</sup> — sua iniciação sexual. As três primeiras relações sexuais de Marcos, carioca de vinte anos, por exemplo, foram com prostituta; Sílvio, vinte e quatro anos, de Porto Alegre, fala que saiu com os amigos para comer pizza, acabou num prostíbulo, sem saber bem o que fazia, e então como “igual ia gastar” resolveu ter relações com uma prostituta.

As falas masculinas sobre prostitutas nos remetem mais uma vez a uma idéia do sexo como técnica, e da experiência sexual como aquisição de conhecimento. No caso em que a parceira é uma profissional do sexo, é evidente a discrepância em termos da experiência sexual dele e dela. Por outro lado, a iniciação sexual com uma prostituta talvez seja uma forma de contrabalançar a situação desvantajosa dos homens nesta “primeira vez”, onde as posições da hierarquia de gênero aparecem, ao menos momentaneamente, invertidas, como já salientado anteriormente. A respeito da *prostituta*, Parker fala do sentido que carrega a *puta*:

a puta carrega um sentido especialmente forte e especialmente ambíguo, que se estende para além do explicitamente sexual. Ela tanto confirma as identidades masculinas de seus parceiros quanto, ao mesmo tempo, questiona a estrutura de poder sobre a qual essas identidades se fundamentam. Com mais vigor que a virgem, ela assume um papel central na constituição não apenas da feminilidade, em e de si mesma, mas da sua latente e fundamentalmente ameaçadora relação com a masculinidade. [PARKER, 1991: 86]

---

<sup>119</sup> Segundo SOUSA, em estudo sobre clientes e a prostituição, uma das principais funções históricas do cabaré na sociedade brasileira era a iniciação sexual masculinas, função também exercida por empregadas domésticas para com os filhos dos patrões (SOUSA, 1998).

<sup>120</sup> O depoimento do entrevistado Carlos, mencionado acima (em *O sexo faz o homem*), revela que a iniciação sexual com uma prostituta era uma possibilidade bastante concreta; este entrevistado ganharia de aniversário, ao completar 15 anos, “mulher”, numa ida a uma “termas”.

Em trabalho etnográfico sobre o cliente da prostituta, Sousa relata que

**os homens [...] sempre colocavam-se numa posição de superioridade em relação à prostituta.** Afinal, quem precisa de quem ali? As prostitutas, logicamente, “necessitam deles para sobreviver” e não o contrário, conforme os seus depoimentos. Em momento algum ficou evidente, nas conversas com prostitutas ou com clientes, a dependência de um em relação ao outro para tornar possível a existência da prostituição. Nesse sentido, raras vezes clientes se referiam diretamente ao fato de suas idas a prostíbulos para manter um relacionamento sexual/profissional. [SOUSA, 1998: 29, *grifos meus*]

Assim, embora tendo como parceira alguém bem mais experiente, o poder continua sendo masculino, uma vez que são os homens que estão pagando por este aprendizado, mantendo dessa forma a hierarquia de gênero. Além disto cabe lembrar que esta é uma prática bastante presente nos países da América Latina, como demonstram os trabalhos de Nencel (2000), Cáceres (1999) e Sousa (1998).

Já mencionamos que a parceira classificada como “amiga” é especialmente citada pelos homens de segmentos médio e alto. É interessante observar em suas narrativas que a idéia de se preocupar com o estatuto de uma amizade, ou com a natureza de uma relação, é classificada como sendo uma preocupação eminentemente feminina — Otávio, por exemplo, diz que a preocupação de uma amiga sua em não *ficar* com ele era “frescurinha de mulher”:

*É. "A gente é amigo, vai estragar nossa amizade, não sei o quê" [fazendo voz da parceira]. **Essas frescurinhas de mulher.***

[Otávio, Rio de Janeiro, 18 anos, segmento médio/alto]

Revela-se assim, mais uma vez, como a masculinidade é construída por oposição a um *outro*, seja este *outro* as outras masculinidades, seja, como é o caso, este *outro* o conjunto das mulheres. Vimos que a masculinidade hegemônica tem como modelo um homem no poder, com poder e de poder (KIMMEL, 1997); ser masculino é ser forte, capaz, respeitável e com capacidade de tomar o controle de uma situação. É preciso enfatizar aqui que a masculinidade só existe por contraste à feminilidade<sup>121</sup> — conforme explica Kimmel,

quaisquer que sejam as variações de raça, classe, idade, etnia ou orientação sexual, ser um homem significa *não ser como as mulheres*. Esta noção de antifeminilidade está no coração das concepções contemporâneas e históricas da virilidade, de tal forma que a masculinidade se define mais pelo que não se é do que pelo que se é. [KIMMEL, 1997: 52]

---

<sup>121</sup> Vale lembrar que, da perspectiva de uma masculinidade hegemônica, a homossexualidade se assemelha à feminilidade (CONNEL, 1997).

Em suma, o homem, que não quer constituir uma aliança a partir de uma primeira relação sexual, tem parceiras classificadas como prostitutas, empregadas domésticas ou amigas. A menção masculina à amizade se torna uma maneira do homem esclarecer que o tipo de vínculo estabelecido não era um relacionamento com exclusividade sexual. Se lembrarmos agora que as mulheres entrevistadas mencionam o *ficante* — um tipo de relacionamento onde tampouco há exclusividade sexual mas onde se depreende um compromisso mínimo na forma de um relacionamento incipiente — perceberemos que a menção masculina às *amigas* é uma forma de indicar que não há expectativa masculina no sentido da constituição de uma *aliança*. Em suma, pensar na parceira como “apenas” uma amiga por parte dos homens de segmento médio implica não pensar em um compromisso público e não entrar em detalhes acerca de como o entrevistado se sentia com relação a ela.

Se considerarmos ainda o fato de que a menção da amizade é preeminente nos segmentos médio e alto, pode-se aventar que esta forma de menção da parceira tem ainda o caráter de salientar uma relação entre *iguais*, ou seja, uma relação onde ambas as partes não teriam a expectativa de um relacionamento afetivo-sexual além daquele já existente caracterizado como de amizade.

A classificação também pode ser pensada como uma estratégia de enfatizar a virilidade do entrevistado diante de uma situação que possa ter tido um desfecho diferente do que ele próprio esperava. O gaúcho Sandro (vinte anos de idade), por exemplo, em seu relato de sua primeira experiência amorosa, fala da sua primeira experiência sexual com uma mulher que ele mais tarde descobre ser uma profissional do sexo, uma mulher que lhe “ensinou tudo o que ela sabia”. Fica claro pela sua narrativa que eles mantiveram um relacionamento por vários meses e que moravam juntos, mas ao longo de toda sua narrativa ele classifica sua parceira como uma *amiga*, quiçá porque ela é profissional do sexo (e porque ele diz que depois que ficou claro qual era a sua profissão). Ele tinha relações com outras mulheres, colegas dela; certamente ela é uma *amiga* não só porque é *puta* como também porque não estão mais juntos.

Já Matheus afirma que parecia a ele que a sua parceira não estava gostando do seu desempenho durante o ato sexual. A experiência é descrita como traumática, e ele justifica a sua *performance* dizendo que não estava preparado; a parceira é então classificada como uma amiga:

*Foi muito traumática. Foi, digamos assim, foi um, minha primeira relação sexual; com uma amiga que digamos assim, que, que eu conhecia, mas eu ... digamos que eu não tava preparado. [...] eu não sei explicar, foi simplesmente assim, **ela parecia não tá gostando**; não foi algo assim. Nós não planejamos sabe, ou não era do meu meio ali, ninguém tinha feito algo deste tipo, sabe foi a que, o que eu não fui capaz nem de contar.*

[Matheus, Porto Alegre, 20 anos, segmento médio/alto]

## **A violência e o abuso sexual**

Há apenas dois casos de menção, nas entrevistas, diante da questão da primeira experiência amorosa, a situações de violência ou abuso sexual, identificados como tal pelos próprios entrevistados<sup>122</sup>. Ambos os casos são de segmentos médio e alto, e ambos são feitos por entrevistados localizados na cidade de Salvador. Um deles é o de uma mulher de dezoito anos; o outro, de um homem com vinte e um anos de idade. Existe ainda um terceiro relato em que é descrita uma situação que pode ser interpretada como de violência sexual, porém o entrevistado não a identifica como tal; este último pertence ao segmento popular. Ainda que este seja um capítulo sobre homens e o gênero masculino, optei por tratar destes três relatos aqui, incluindo assim a narrativa feminina, pela especificidade do tema. Apesar do reduzido número de casos, penso que seja importante analisar alguns aspectos destes.

Parece-me significativo que, diante da questão “como e quando foi sua primeira *experiência amorosa*”, o entrevistado narre um evento que ele próprio nomeia como sendo de abuso sexual. Demonstra-se assim mais uma vez que os entrevistados fazem uma associação direta entre a experiência amorosa e uma primeira relação sexual na maior parte dos casos.

O relato feminino é um relato, veremos, menos explícito do que o masculino. A associação entre a experiência amorosa e a primeira relação sexual não é tão direta no caso de Débora, que parece hesitar quanto à identificação da experiência amorosa com uma experiência sexual, hesitação ainda maior, ao que parece, pelo fato de que a experiência tem um caráter homoerótico. Ela principia a sua resposta à questão sobre a experiência amorosa perguntando se “experiência amorosa” significa uma experiência *sexual*, para em seguida explicar que é “complicado”. O

---

<sup>122</sup> Existe ainda pelo menos mais um relato de violência sexual, identificado como tal pelo entrevistado. Não analisarei aqui, porém, esta narrativa, pois me interessa aqui apenas examinar

que parece ser complicado é tanto a experiência da violência quanto uma experiência homoerótica.

*ENT: Então, assim, eu queria que você me falasse de como foi que aconteceu a sua primeira experiência amorosa?*

*EGO: Sexual?*

*ENT: Do que você quiser falar.*

*EGO: Pô, complicado... [risos]*

*ENT: Por quê? Pode falar...*

*EGO: Eu não sei por onde começo... [riso] eu não sei por onde começo. (...) Porque relação amorosa, eu percebi que tava num sentimento, tendo um sentimento muito forte por alguém, no primeiro ano [do 2º grau], com 14 anos, no começo do primeiro ano, e era uma menina e era muito amiga minha. E a partir daí eu comecei a escrever poesia, e... **assim, com 9 anos... eu acho que foi com 9 ou 10... tipo assim, eu fui praticamente seduzida, não é, por uma vizinha, mas eu com 9, 10 anos, eu não... sabe?, a cabeça não tá no muito lugar...***

[Débora, Salvador, 18 anos, segmento médio/alto]

A sua primeira “relação amorosa” é identificada com o momento em que ela se deu conta de que estava “tendo um sentimento muito forte por alguém”, uma outra menina, colega sua de escola. Ela intercala o relato então com uma lembrança de uma situação em que foi seduzida por uma mulher mais velha. A lembrança desta situação parece ser algo doloroso — ela tem apenas alguns flashes, “a cabeça não tá muito no lugar”. Em seguida, diz que “estava querendo também”, re-interpretando a situação, que agora não parece mais ser descrita como a de abuso pela entrevistada (apesar da diferença de idade de dez anos entre os atores — ela com nove ou dez anos de idade, a vizinha com dezenove ou vinte).

O relato masculino, também de segmento médio, identifica o evento ocorrido de forma explícita a uma situação de *abuso sexual*. A idade do entrevistado é semelhante à da menina acima mencionada, ele tem oito anos na ocasião. Também como no caso dela, a situação é vivida dentro de um espaço doméstico, familiar, não desconhecido. A outra pessoa é do sexo feminino, não sendo portanto uma experiência de caráter homoerótico, e é mais velha do que ele, talvez com cinco anos a mais; esta parceira é uma empregada doméstica. Chama a atenção, em primeiro lugar, que o relato é feito imediatamente depois da pergunta sobre a primeira experiência amorosa; o entrevistado explica, em meio ao relato, que aquela

---

aqueles relatos que mencionaram uma situação de violência sexual no contexto de perguntas feitas a respeito da primeira experiência *amorosa*.

“não chega a ser uma experiência” (subentenda-se, *amorosa*), mas foi a primeira vez em que ele teve um “contato sexual”.

ENT: O que eu queria te perguntar é como e quando aconteceu sua primeira experiência amorosa?

EGO: Eu acho que eu tinha uns oito anos de idade. Mas **não foi um a coisa assim, digamos opção minha não**, é que lá na casa de minha mãe tinha uma secretária, né, novinha, acho que ela tinha uns doze/treze anos. Minha mãe trabalhava, meu padrasto também, nessa época ele tava trabalhando no BNH, e eu ficava sozinho com ela, não tinha irmão na época. **E aí teve um dia lá, que ela, sei lá, tentou abusar de mim**, minha mãe chegou do trabalho eu contei, ela foi demitida. **Não chega a ser uma experiência, mas foi, digamos assim, que eu me lembre, foi a primeira vez que eu tive contato sexual** ().

[Diego, Salvador, 21 anos, segmento médio/alto]

Diferentemente do relato feminino, que oscila e afirma que de algum modo estava querendo também que aquela situação ocorresse, o entrevistado aqui principia explicando que *não foi uma opção dele*. Em semelhança com o relato da mulher entrevistada, este homem expressa que tem dificuldade de lembrar. Ele, porém, explica que ele não lembra porque “não guarda sentimentos”, o que parece ser uma tentativa de minimizar a importância do evento (e supor um modelo psicológico de pessoa<sup>123</sup>). Quando então o entrevistador pede que ele descreva a situação, ele reitera que foi *abusado*, explicando que ele se machucou.

ENT: E você se lembra disso assim?

EGO: **Não, me lembro muito assim não, não guardo sentimentos. Eu tenho lembrança do fato/**

ENT: Sim, do fato mesmo?

EGO: ...Não como alguma coisa assim que viesse causar algum sentimento.

ENT: Como é que foi assim, me descreva, se fosse pra você...

EGO: A situação?

ENT: Sim.

EGO: **Foi justamente o que eu lhe falei, ela abusou de mim, eu tava nu, aí ela tava de saia e veio ficou em cima de mim e tal, mas eu era muito menino, tinha oito anos de idade, eu me machuquei e tal, quando minha mãe chegou eu tava machucado, falei pra ela e ela demitiu a menina.**

[Diego, Salvador, 21 anos, segmento médio/alto]

Por fim, como mencionei anteriormente, há um relato que poderia ser interpretado como sendo de abuso sexual em que o sujeito enfatiza não lembrar bem o que aconteceu e, especialmente, que não sabe bem como classificar aquela experiência. Ele explicita que o que ocorreu não foi um relacionamento, de forma semelhante ao que Diego faz quando afirma que não é uma experiência. Pouco é

dito sobre a pessoa que “vinha” e “acariciava” ele; esta é uma mulher que ou bem era empregada doméstica em sua casa (à semelhança do outro relato masculino), ou bem era vizinha (como no caso do relato feminino). Depreende-se que há uma diferença de idade entre os dois, pois o entrevistado reitera que era “bem novinho”. O evento parece ter ocorrido, como nos outros dois casos, no espaço doméstico. Este relato é de um homem pertencente a segmento popular, também de Salvador:

*Eu me lembro assim, quando eu era bem novinho ainda [...], eu não sei... aquilo ali não foi relacionamento, tenho assim muita lembrança vaga mesmo de quando morava lá, tinha uma menina que sempre, quando eu tava assim de bobeira, quietinho, ela vinha, me pegava, me acariciava... eu não me lembro se ela trabalhava na casa de minha mãe ou se ela morava na casa do lado. Eu era bem novinho e logo depois eu vim pra cá, ficava pra lá e pra cá então eu não me recordo...*

[Cláudio, Salvador, 24 anos, segmento popular]

O modo com que os entrevistados classificam um evento transcorrido suscita uma discussão com relação às categorias utilizadas na identificação de um evento — no caso, como sendo o de uma situação de *violência*. A questão central é a mesma que a analisada por Víctora (1996), quando esta autora examina experiências corporais inglesas e a questão dos limites do corpo sexual e formas diferenciadas de compreensão do que seja estupro ou violência sexual, a saber a forma diferenciada de interpretação de um ato sexual como um estupro. Para Víctora, a questão da interpretação do ato sexual como uma violência “depende da maneira como os limites do corpo são percebidos e do entendimento sobre quais circunstâncias uma mulher pensa que pode ou deve compartilhar o seu corpo com um homem e de que maneira” (VÍCTORA, 1996: 3). Chama a atenção para a presente análise que a autora, no artigo referido, demonstra que há uma diferença grande entre as interpretações das mulheres inglesas e as das mulheres brasileiras faveladas pesquisadas, e que isto acarreta que pouco se fale, no segmento popular nacional, no tema da violência sexual. O estupro é tomado pelas mulheres inglesas — que têm uma concepção de corpo físico individual com limites mais claros e rígidos do que a concepção das brasileiras, que tem limites mais fluídos — como uma *ruptura* e uma *invasão* dos limites do corpo, uma violação de um corpo individual privado.

---

<sup>123</sup> Modelo este já descrito antes; cf. Duarte (1997).



Nos depoimentos acima transcritos, chama a atenção que são os entrevistados de segmento médio e alto que, conforme já salientamos em outra oportunidade, têm um modelo de pessoa-indivíduo, aqueles que identificam de forma mais explícita um ato como sendo uma violência sexual. Retomando agora a idéia de uma invasão de limites no caso do estupro, gostaria de sugerir que as diferenças em termos dos relatos masculinos e do feminino pode residir no fato de ter havido ou não uma penetração por um falo naquele evento. Os dois homens relatam uma situação em que houve uma penetração enquanto a mulher, que viveu um evento homoerótico com uma parceira mais velha, hesita quanto à identificação do ato como tendo sido uma invasão dos limites corporais<sup>124</sup>.

---

<sup>124</sup> A importância da *penetração*, mencionada no capítulo *Meninas, mulheres e amores*, fica assim evidenciada também no discurso masculino. Há outros dois relatos masculinos que enfatizam a importância da penetração, ambos de segmento popular; um deles afirma que o mais marcante na experiência amorosa foi o fato de ter havido a penetração e o outro, que só considera uma relação como sendo sexual depois que houve a penetração.

## Acabando

Esta dissertação fez uma análise das representações sociais de alguns jovens residentes em Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador acerca de suas primeiras experiências amorosas. Para tanto, inicialmente, busquei esclarecer o sentido de alguns conceitos que são fundamentais em todo este estudo, como o de representação social, sexualidade, juventude e gênero. Depois, fiz uma discussão metodológica e epistemológica acerca de uma análise antropológica que tenha por temática a sexualidade, seguida por uma apresentação dos procedimentos adotados aqui. Por fim, apresentei alguns dados, tecendo interpretações e fazendo análises à luz da discussão teórico-conceitual que havia sido apresentada no princípio do trabalho.

Os dados foram analisados a partir de mais de um viés e a comparação foi fundamentalmente baseada no sexo do entrevistado e no segmento social a que pertencia. É minha pretensão ter demonstrado nesta dissertação que as diferenças em termos de representações sociais mais importantes são dadas pelas relações de gênero — a preeminência das relações de gênero foi vista com respeito aos diferentes segmentos sociais e às três regiões geográficas, considerando-se no processo da análise também estes dois últimos termos de comparação.

Vimos, assim, que os discursos femininos e masculinos, ainda que versem sobre sua primeira experiência amorosa, enfocam questões diferentes nestes relatos. Tanto a maior parte das mulheres quanto a dos homens entendeu pela expressão “primeira experiência amorosa” a sua “primeira relação sexual”, mas a maneira com que cada um pensa esta relação é bastante diferente.

As narrativas femininas se centram em torno do contexto afetivo em que se deu a relação, do estatuto da relação com o parceiro, enfim, do relacionamento como um todo. Os discursos de um modo geral falam da intensidade do sentimento delas como um motivo para “se entregar” aos rapazes. Dito de outro modo, falam de sexo, mas no contexto de uma relação afetiva ou amorosa mais duradoura ou que poderia vir a se configurar como uma aliança.

Os homens enfocam em seus discursos as questões que são da ordem de técnicas corporais do ato sexual, dando pouca atenção contexto afetivo do relacionamento. Assim figura em seus discursos o ato sexual como um valor; é dada uma importância muito grande ao evento da primeira relação sexual. Os homens falam de sexo, tanto com o entrevistador quanto, principalmente, com outros homens. Busquei interpretar o uso de expressões utilizadas nos discursos masculinos que indicam uma dificuldade em se lembrar no sentido de que esta poderia ser mais uma forma de construção da masculinidade que, ao desprezar o momento da iniciação sexual, de sua inexperiência, reforça a percepção das técnicas sexuais como algo intrínseco a própria.

O modo com que as mulheres falam de sexo, com *vergonha*, depois de algumas hesitações e mediante alguns silêncios, foi considerado significativo. A representação acerca da virgindade feminina foi aqui também analisada, figurando muitas vezes como uma moeda de troca no estabelecimento de uma aliança. Examinamos igualmente o modo com que se refletem nestes discursos representações acerca de uma natureza feminina e masculina distintas, implicando com isto condutas igualmente distintas para cada sexo. Delineou-se uma identidade feminina mais *relacional*, diferente de uma identidade masculina, que depende da demonstração de que se tem algumas capacidades de ordem física, mental e moral e que é construída de forma homosocial, i.e. entre pares.

A primeira relação sexual como um momento de aquisição de conhecimento e como um dos requisitos para o tornar-se um homem foram analisados nos discursos masculinos. As representações da parceira como sendo aquela que *ensina* foram então salientadas. A questão de quem deve tomar iniciativa no domínio da sexualidade foi investigada, e os discursos femininos e masculinos apontam de um modo geral para a idéia de que esta iniciativa deve ser masculina. Contudo, vimos, no discurso masculino é freqüente que a primeira relação sexual seja narrada como um momento de inversão da ordem, em que, entre outras coisas, a inversão se dá pelo fato de que a iniciativa seja da parceira. A idéia de que há uma ordem invertida supõe, é claro, a investigação do que seja a ordem natural ou não invertida; despontam nos discursos masculinos então as idéias de que o homem deve agir de uma determinada maneira porque ele tem a obrigação de ter o desejo e a disposição

permanentes para o ato sexual, sendo esta obrigação interpretada como uma “questão de honra” para estes sujeitos.

Algumas diferenças dadas pelo segmento social foram apontadas no universo feminino; vimos que a menção ao *sangue* e aos *filhos* como marcas da importantes daquela primeira experiência só apareceram nos discursos das mulheres de segmento popular. A idéia de um amadurecimento que pressupõe um certo modelo psicológico de pessoa é particular dos segmentos médio e alto, tanto para as entrevistadas do sexo feminino quanto os do sexo masculino. É dentre as mulheres dos segmentos médio e alto que figura com maior preeminência o ideal do amor romântico. Diferenças regionais na análise dos dados foram apontadas especialmente no que tange ao sentido dos termos *ficar* e *namorar*, pois em Salvador o *ficar* parece envolver de um modo geral o sexo, e não o namorar, enquanto que em Porto Alegre e no Rio de Janeiro o *ficar* aparece desvinculado da relação sexual.

Analisando o *ficar* foram apontadas algumas relações entre as mulheres e os homens. Enquanto que as mulheres mencionam mais o *ficante*, um parceiro que indica um vínculo afetivo-amoroso mínimo e/ou um relacionamento incipiente, os homens falam mais de uma parceira que é classificada como uma *amiga* deixando claro que não se prefigura com aquele evento um relacionamento do tipo *aliança*. A valorização de um parceiro por qualidades morais desponta no discurso feminino, um parceiro que seja um homem que *assume* o que faz; no discurso masculino são valorizadas as qualidades relacionais e o conhecimento técnico que detém as parceiras mais experientes e mais velhas (algumas delas profissionais do sexo). A importância da penetração sexual foi salientada tanto nos discurso femininos quanto masculinos. Os casos em que houve um relato de uma situação interpretada como sendo de violência sexual foram analisados em conjunto ao final do capítulo sobre as trajetórias masculinas, e esta análise indicou mais uma vez algumas especificidades de gênero e de segmento social.

Devo finalizar salientando que a religião dos entrevistados não foi considerada nesta análise. Isto não foi feito, em primeiro lugar, porque a discussão pretende estar centrada no estudo da Sexualidade e não adentrar o campo, já há muito consagrado na disciplina, da Antropologia da Religião. Em segundo lugar, é preciso salientar que uma análise preliminar e ainda bastante superficial dos dados,

aponta para uma *secularização* no campo da sexualidade, i.e. o domínio da moralidade sexual estaria cada vez mais distante e autônomo com relação às religiões, secularização esta que incidiria sobre o comportamento dos indivíduos. De toda a forma, esta é uma temática que pode ser, certamente, explorada em um trabalho futuro, buscando investigar, da mesma forma que fez esta dissertação, suas especificidades e atualizações quando consideradas sob as perspectivas de gênero e segmento social.

## Referências Bibliográficas

- ALTHABE, Gérard. *Vers une ethnologie du présent*. In ALTHABE, G.; FABRE, D. & LENCLUD, G. (Orgs.) Vers une ethnologie du présent. Paris: Ed. de la Maison des sciences de l'homme, 1992.
- ALVIM, R. & PAIM, E. *Os jovens suburbanos e a mídia: conceitos e preconceitos*. In ALVIM, R. & GOUVEIA, P. (Orgs.) Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos. Rio de Janeiro: Contra Capa, pp. 13-33, 2000.
- ARANGO, L. G.; LEÓN, M. & VIVEROS, M. *Estudios de Género e Identidad: Desplazamientos teóricos*. In: ARANGO, Luz Gabriela; LEÓN, Magdalena & VIVEROS, Mara (Compiladoras). Gênero e Identidad. Ensayos sobre lo femenino y lo masculino. Bogotá: Ediciones Uniandes; Facultad de Ciencias Humanas; TM Editores, 1995.
- ARIÈS, P. L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime. Paris: Seuil, 1973 (1960).
- BATESON, G. Naven: un cerimonial latmul. Madri, Espanha: Júcar Universidad, 1990.
- BERK, R.; ABRAMSON, P. & OKAMI, P. *Sexual Activities as Told in Surveys*. In: ABRAMSON, P. & PINKERTON, S. Sexual Nature, Sexual Culture. Chicago: University of Chicago Press, pp. 371-97, 1995.
- BERNARD, C. & DIGARD, J.-P. *De Téhéran à Tehuantepec: l'ethnologie au crible des aires culturelles*. L'Homme. Janvier-Juin 1986, XXVI année, Numéro 97-98, pp. 63-80. Paris: Laboratoire d'Anthropologie sociale / Centre national de la Recherche scientifique / École de Hautes Études en Sciences Sociales, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Educação e Realidade, v.20, n.2, Julho/Dezembro 1995. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *A juventude é apenas uma palavra*. In Questões de sociologia. São Paulo: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *Conferência do Prêmio Goffman: A dominação masculina revisitada*. In: LINS, Daniel (org.) A Dominação Masculina Revisitada. São Paulo: Papyrus, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. La Domination Masculine. Paris, Actes de la Recherche, n.84, set., 1990.

- BOZON, M. & LERIDON, H. (Eds.) Sexuality and the social sciences: French survey on sexual behaviour. Aldershot, UK; Brookfield, USA: Dartmouth, 1996.
- BOZON, Michel. A pesquisa sobre o comportamento sexual na França na era da AIDS e sua continuidade. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, UFRGS/IFCH/PPGAS. Ano 8, n.17, p.93-100, 2002.
- BOZON, Michel. *Amor, Sexualidade e Relações Sociais de Sexo na França Contemporânea*. Revista Estudos Feministas, n.1, ano 3, pp. 122-35, 1995.
- BOZON, Michel. *Observer l'inobservable: la description et l'analyse de l'activité sexuelle*. In: Sexualité et Sida — Recherches en sciences sociales. Paris, ANRS, 1995 (b).
- BRUSCHINI, C.; ARDAILLON, D.; UNBEHAUM, S. Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres. São Paulo: Editora 34; Fundação Carlos Chagas, 1998.
- CABRAL, Cristiane da Silva. Vicissitudes da Gravidez na Adolescência entre Jovens das Camadas Populares do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado) — Curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, área de concentração em Ciências Humanas e Saúde, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Orientadora Maria Luiza Heilborn, Rio de Janeiro, 2002.
- CÁCERES, C. *Masculinidades negociadas: identidade e espaços de possibilidade sexual em um grupo de michês em Lima*. In BARBOSA, R. & PARKER, R. Sexualidades pelo Aveso: Direitos, Identidades e Poder. Rio de Janeiro: IMS / UERJ / Editora 34, 1999.
- CALAZANS, Gabriela Junqueira. O discurso acadêmico sobre gravidez na adolescência: uma produção ideológica?. Dissertação (Mestrado) — Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Orientadora Fúlvia Rosemberg, São Paulo, 2000.
- CHARTIER, R. *O mundo como representação*. In: Estudos Avançados 11 (5) 1991.
- CHAUNCEY, G. Jr. *From sexual inversion to homosexuality: Medicine and the changing conceptualization of female deviance*. Salmagundi: a quarterly of the humanities & social sciences, n.58-59, p. 114-146, 1982/1983. Saratoga Springs, NY: Skidmore College, 1983.
- CLIFFORD, James. *Introduction: Partial Truths*. In CLIFFORD, J. & MARCUS, G. Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography. Berkeley: University of California Press, 1986.
- Comissão Nacional de População e Desenvolvimento — CNPD (Ed.). Jovens Acontecendo nas Trilhas das Políticas Públicas, Vol. I e II. Brasília, DF: CNPD, 1998.
- CONNELL, Robert W. *La organización social de la masculinidad*. In VALDÉS, T. & OLAVARRÍA, J. (Eds.) Masculinidad/es: Poder y crisis. Santiago: Isis Internacional / FLACSO Chile / Ediciones de las Mujeres N° 24, Junio 1997.

- CONNELL, Robert W. *Políticas da Masculinidade*. Educação e Realidade. Porto Alegre, Volume 20, número 2 (julho/dezembro 1995), pp. 185-206, 1995.
- DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- DEBERT, G. & GOLDSTEIN, D. *Apresentação*. In DEBERT, G. & GOLDSTEIN, D. (Orgs.) Políticas do corpo e o curso da vida. São Paulo: Editora Sumaré, 2000.
- DEBERT, G. *Terceira Idade e Solidariedade entre Gerações*. In DEBERT, G. & GOLDSTEIN, D. (Orgs.) Políticas do corpo e o curso da vida. São Paulo: Editora Sumaré, pp. 301-17, 2000.
- D'EMILIO, J. & FREEDMAN, E. B. Intimate matters: A history of sexuality in America. New York: Harper & Row, 1988.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Nerves and Nervousness in Brazilian Urban Culture*. In LEIBING, A. (Ed.) The Medical Anthropologies in Brazil Journal for Ethnomedicine edited by Arbeitsgemeinschaft Ethnomedizin / Special Volume 12/1997. Berlin: VWB, 1997.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. *O Império dos Sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna*. In: HEILBORN, M. L. (Org.) Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Pouca Vergonha, Muita Vergonha: Sexo e Moralidade entre as Classes Trabalhadoras Urbanas*. In LOPES, J. S. L. (Org.) Cultura e Identidade Operária: aspectos da cultura de classe trabalhadora. Rio de Janeiro: UFRJ / Marco Zero / PROED, 1987.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Três ensaios sobre pessoa e modernidade. Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Rio de Janeiro, número 41, Agosto de 1983.
- DUMONT, Louis. Homo Hierarchicus. São Paulo: Edusp, 1994.
- DUMONT, Louis. O Individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.
- DURKHEIM, E. *Representações Individuais e Representações Coletivas*. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e Filosofia*, Rio de Janeiro: Ed. Forense, pp. 13-42, 1970.
- FARMER, Paul. *Bad blood, spoiled milk: bodily fluids as moral barometers in rural Haiti*. *American Ethnologist*, v.15, n.1, February 1988.
- FLANDRIN, J.-L. *Enfance et société*, note critique, in Annales ESC, Paris, n.2, mars-avril, 322-9, 1964.



- FONSECA, Claudia L. W. Família, fofoca e honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 2000.
- FONSECA, Claudia L. W. *O que significa um filho?* In \_\_\_\_\_. Caminhos da Adoção. São Paulo: Cortez Editora, 1995.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade II: o uso dos prazeres. 8.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GAGNON, J. & PARKER, R. *Introduction: Conceiving Sexuality*. In: PARKER & GAGNON (Ed.) Conceiving Sexuality: Approaches to Sex Research in a Postmodern World. New York: Routledge, 1995.
- GAGNON, J. H. *The Explicit and Implicit Use of the Scripting Perspective in Sex Research*. Annual Review of Sex Research, v.1, p. 1-43, 1990.
- GAGNON, J. H. *Les usages explicites et implicites de la perspective des scripts dans les recherches sur la sexualité. Présentation de Michel Bozon et Alain Giami*. Actes de la recherche en sciences sociales, 128, pp. 73-9, Juin 1999.
- GALLAND, O. Sociologie de la jeunesse. Paris: Armand Colin, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *“Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico*. In \_\_\_\_\_. O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *Uma Descrição Densa: Por uma teoria interpretativa da cultura*. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 13-41, 1978.
- GODELIER, M. La Producción de Grandes Hombres. Madrid, Espanha: Akal, 1986.
- GOUVEIA, Patrícia. *‘Juventude-adolescente pobre’ e ‘valor-trabalho’* In ALVIM, R. & GOUVEIA, P. Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos, Rio de Janeiro: Contracapa, pp. 59-80, 2000.
- GREGOR, T. *Sexuality and the Experience of Love*. In: ABRAMSON, P. & PINKERTON, S. Sexual Nature, Sexual Culture. Chicago: University of Chicago Press, pp. 330-50, 1995.
- GUINZBURG, C. Olhos de madeira: Nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GUTMANN, Mathew C. *The Vicissitudes of Men and Masculinities in Latin America*. Men and Masculinities, Vol. 3, No. 3, January 2001 (Special Issue: *Men and Masculinities in Latin America*, Guest Editor Mathew C. Gutmann), 2001.

- HEILBORN, Maria Luíza. *Fazendo gênero? A Antropologia da Mulher no Brasil*. In: COSTA, A. O. & BRUSCHINI, C. (Orgs.) Uma Questão de Gênero. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos; Fundação Carlos Chagas, pp. 93-126, 1992.
- HERDT, G. H. Guardians of the Flute: Idioms of Masculinity. New York: McGraw-Hill, 1981.
- HEREK, Gregory. *Sexual Orientation: Science, Education and Policy*. Disponível em <[http://psychology.ucdavis.edu/rainbow/html/facts\\_mental\\_health.html](http://psychology.ucdavis.edu/rainbow/html/facts_mental_health.html)>. Acesso em: 25 jan. 2002.
- HÉRITIÉR, Françoise. *A Coxa de Júpiter: Reflexões sobre novos métodos contraceptivos*. Revista Estudos Feministas CFH/UFSC. Florianópolis, v.8, n. 1, 2000.
- HERZLICH, Claudine. *A problemática da Representação Social e sua Utilidade no Campo da Doença*. Physis — Revista de Saúde Coletiva, v.1, n.2, p.23-36. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Relume-Dumará; Centro de Estudos e Pesquisa em Saúde Coletiva, 1991.
- JARDIM, Denise F. *Performances, Reprodução e Produção dos Corpos Masculinos*. In LEAL, O. F. (Org.) Corpo e Significado: Ensaio de Antropologia Social. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1995.
- JODELET, Denise. *Les représentations sociales*. In: Sciences Humaines n.27 avril 1993.
- JODELET, Denise. *Représentations sociales: un domaine en expansion*. In: \_\_\_\_\_. (Org.) Les Représentations Sociales. Paris: Presses Universitaires de France, 1997 (1989).
- KAUFMAN, Michael. *Los Hombres, el Feminismo y las Experiências Contradictorias Del Poder entre Los Hombres*. In: ARANGO, L. G.; LEÓN, M. & VIVEROS, M. (Compiladoras). Gênero e Identidad. Ensayos sobre lo femenino y lo masculino. Bogotá: Ediciones Uniandes; Facultad de Ciencias Humanas; TM Editores, 1995.
- KIMMEL, Michael S. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. Revista Horizontes Antropológicos, Ano 4, Número 9, Outubro 1998. Porto Alegre: Programa de Pós Graduação em Antropologia Social / UFRGS, 1998.
- KIMMEL, Michael S. *Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina*. In VALDÉS, T. & OLAVARRÍA, J. (Eds.) Masculinidad/es: Poder y crisis. Santiago: Isis Internacional / FLACSO Chile, Ediciones de las Mujeres N°24, Junio 1997.

- KNAUTH, Daniela. *Morte Masculina: homens portadores do vírus da AIDS sob a perspectiva feminina*. In DUARTE, L. F. D. & LEAL, O. F. (Orgs.) Doença, Sofrimento, Perturbação: perspectivas etnográficas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.
- KNAUTH, Daniela. *O Vírus Procurado e o Vírus Adquirido: A construção da identidade entre mulheres portadoras do vírus da AIDS*. Estudos Feministas, n.2, 1997.
- LAQUEUR, Thomas. Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990.
- LAUMANN, E. & GAGNON, J. *A Sociological Perspective on Sexual Action*. In : PARKER & GAGNON (Ed.) Conceiving Sexuality: Approaches to Sex Research in a Postmodern World. New York: Routledge, 1995.
- LEAL, O. & BOFF, A. *Insultos, queixas, sedução e sexualidade: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional*. In: PARKER, R. & BARBOSA, R. Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996
- LEAL, O. & FACHEL, J. *Dados Qualitativos e Tratamento Estatístico: uma proposta metodológica*. In VÍCTORA et. al. Pesquisa Qualitativa em Saúde: Uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.
- LEAL, O. & FACHEL, J. *Jovens, sexualidade e estratégias matrimoniais*. In: HEILBORN, M. L. (Org.) Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- LEAL, Ondina Fachel. (Org.) Corpo e Significado: Ensaio de Antropologia Social. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 2001 (1995).
- LEAL, Ondina Fachel. *Sangue, Fertilidade e Práticas Contraceptivas*. In \_\_\_\_\_. Corpo e Significado: Ensaio de Antropologia Social. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1995.
- LEAL, Ondina Fachel. The Gaúchos: Male Culture and Identity in the Pampas. Tese (Doutorado). *Doctor of Philosophy in Anthropology in the Graduate Division of the University of California at Berkeley*. Chair of Dissertation Committee Burton Benedict (members Stanley Brandes and Todd Gitlin). Universidade da Califórnia, Berkeley, 1989.
- LHOMOND, Brigitte. *Sexualidade e Juventude na França*. In: HEILBORN, M. L. (Org.) Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- LINDENBAUM, S. *Culture, Structure, and Change: Sex Research After Modernity*. In: PARKER & GAGNON (Ed.) Conceiving Sexuality: Approaches to Sex Research in a Postmodern World. New York: Routledge, 1995.

- LOREA, Roberto Arriada. Os jurados “leigos” — Uma antropologia do Tribunal do Júri. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Orientadora Cláudia Lee Williams da Fonseca, Porto Alegre, RS, 2003.
- LÜTZEN, K. *La mise en discours and Silences in Research on the History of Sexuality*. In: PARKER & GAGNON (Ed.) Conceiving Sexuality: Approaches to Sex Research in a Postmodern World. New York: Routledge, 1995.
- MACHADO, Lia Zanotta. *Masculinidade, sexualidade e estupro. As construções da virilidade*. Cadernos Pagu trajetórias do gênero, masculinidades... (11) 1998 Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero / UNICAMP, Campinas, SP, pp. 231-73, 1998.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Argonauts of the Western Pacific. New York: E. P. Dutton & Co., 1961.
- MALINOWSKI, Bronislau. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril S.A., 1976.
- MALINOWSKI, Bronislaw. A Vida Sexual dos Selvagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- MARCUS, G. E. & FISCHER, M. M. J. Anthropology as Cultural Critique: an experimental moment in the human sciences. Chicago: The University of Chicago Press, 1986
- MARCUS, George E. Ethnography Through Thick and Thin. Princeton: Princeton University Press, 1998.
- MAUSS, Marcel. *As técnicas corporais*. In: Sociologia e Antropologia, São Paulo: EPU, 1974. 2v.
- MEAD, Margaret. Sex and Temperament in Three Primitive Societies. New York: Morrow Quill Paperbacks, 1963 (1935).
- MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Gênero, um novo paradigma?* Cadernos Pagu trajetórias do gênero, masculinidades... (11) 1998 Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero / UNICAMP, Campinas, SP, 1998; pp. 99-105, 1998.
- MURDOCK, George. Social Structure. Paperback, march 1965.
- NATIONS, M. K. & MONTE, C. M. G. *“I’m Not Dog, No!”: Cries of Resistance Against Cholera Control Campaigns*. In LEIBING, A. (Ed.) The Medical Anthropologies in Brazil. Journal for Ethnomedicine / Arbeitsgemeinschaft Ethnomedizin / Special Volume, 12, 1997. Berlin: VWB, 1997.
- NENCEL, L. Mujeres que se prostituyen: Género, identidad y pobreza en el Perú. Lima: Centro de la Mujer Peruana Flora Tristán, 2000.

- PARKER, R. & BARBOSA, R. M. *Introdução*. In: PARKER, R. & BARBOSA, R. M. (Orgs.) Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996
- PARKER, Richard. Corpos, Prazeres e Paixões. São Paulo: Editora Best Seller, 1991
- PEIRANO, Mariza. *A análise antropológica de rituais*. In \_\_\_\_\_ (Org.) O Dito e o Feito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- PIMENTA, M. C.; RIOS, L. F.; BRITO, I.; TERTO JÚNIOR, V. & PARKER, R. *Passagem Segura para a Vida Adulta: Oportunidades e Barreiras para a Saúde Sexual dos Jovens Brasileiros*. Coleção ABIA, Saúde Sexual e Reprodutiva. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, n.1, 2001.
- PITT-RIVERS, Julian Alfred. The Fate of Schechem or The Politics of Sex: Essays in the Anthropology of the Mediterranean. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- RABINOW, Paul. *Representations Are Social Facts: Modernity and Post-Modernity in Anthropology*. In: CLIFFORD & MARCUS (Org.) Writing Culture: The poetics and the poetics of ethnography. Berkeley: UC Press, 1986.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. *O método comparativo em Antropologia Social*. In ZALUAR GUIMARÃES, A. (Org.) Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980 (1975).
- RAMÍREZ, Rafael Luis. *Nosotros los Boricuas*. In VALDÉS, T. & OLAVARRÍA, J. (Eds.) Masculinidad/es: Poder y crisis. Santiago: Isis Internacional / FLACSO Chile, Ediciones de las Mujeres N°24, Junio 1997.
- RIETH, F. Pesquisa: Sexo e Moralidade — A Iniciação de Jovens na Cultura Sexual Brasileira. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- RIETH, Flávia. *Amor e Solidão: Fragmentos de um Discurso Moderno*. Monografia apresentada para o Seminário de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Agosto de 1997.
- RIVIÉRE, Claude. Os Ritos Profanos. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ROBINSON, Paul. A Modernização do Sexo: ensaios sobre Ellis, Kinsey, Masters & Johnson. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- SALEM, Tânia. O “Individualismo Libertário” no Imaginário Social dos Anos 60. Physis — Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro: Dumará, v.1, n.2, p.59-75, 1991.
- SARTI, Cynthia Andersen. A Família como Espelho: Um Estudo sobre a Moral dos Pobres. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

- SCHUCH, Patrice. Carícias, olhares e palavras : uma etnografia sobre o "ficar" entre jovens universitários de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, RS, 1998.
- SEGALEN, Martine. Ritos e Rituais. Portugal: Publicações Europa-América, 2000.
- SILVERSTEIN, C. *The Origin of the Gay Psychotherapy Movement*. In: DUBERMAN, M. (Ed.) A Queer World. New York: New York University Press, pp.358-380,1997.
- SIMON, P., GONDONNEAU, J., MIRONIER, L., DOURLLEN-ROLLIER, A. *Rapport sur le comportement sexuel des Français*. Paris, Julliard: Charron, 1972
- SOUSA, Francisca Ilnar de. O Cliente: O outro lado da prostituição. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto; São Paulo: Annablume, 1998.
- TURNER, Victor W. O Processo Ritual. Petrópolis: Vozes, 1974.
- TUZIN, Donald. *Discourse, Intercourse, and the Excluded Middle: Anthropology and the Problem of Sexual Experience*. In: ABRAMSON, P. & PINKERTON, S. Sexual Nature, Sexual Culture. Chicago: University of Chicago Press, pp. 257-75, 1995.
- TUZIN, Donald. The Voice of the Tambaran: Truth and Illusion in Ilahita Arapesh Religion. Berkeley: University of California Press, 1980.
- VAN GENNEP, Arnold. Os Ritos de Passagem. Petrópolis: Vozes, 1978.
- VANCE, Carole S. *Social Construction Theory: Problems in the History of Sexuality. Keynote Address*. In: ALTMAN, Denis *et. al.* Homosexuality, Which Homosexuality? Essays from the International Scientific Conference on Lesbian and Gay Studies, GMP and Amsterdam, Uitgeverij An Deller/Schorer, pp. 13-34, 1989.
- VIANNA, H. *Introdução*. In: VIANNA, H. (Org.) Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997
- VÍCTORA, C. & KNAUTH, D. Apresentação. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, UFRGS/IFCH/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 8, n.17, p.7-10, 2002.
- VÍCTORA, C. & KNAUTH, D. *Trajetórias e Vulnerabilidade Masculina*. Antropolítica, Niterói, n.6, 1999.
- VÍCTORA, Ceres. G. Mulher, sexualidade e reprodução: representações do corpo em uma vila de classes populares em Porto Alegre. 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Orientadora Ondina Fachel Leal, Porto Alegre, 1991.

- VÍCTORA, Ceres G. *Os limites do corpo sexual: um estudo sobre experiências corporais de mulheres inglesas*. Corpus: Cadernos do NUPACS, Porto Alegre, n.2, p.1-22, 1996.
- VÍCTORA, C.; KNAUTH, D. & HASSEN, M. N. Pesquisa Qualitativa em Saúde: Uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.
- VÍCTORA, Ceres G. *As Relações de Gênero na Vila Divina Providência, ou o que Elas Esperam Deles*. Cadernos de Antropologia, n.7, Porto Alegre: Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.
- VÍCTORA, Ceres G. *Os homens e a constituição do corpo*. Corpus Cadernos do NUPACS, Porto Alegre, n.5, 1997.
- VIVEROS, M. & CAÑÓN, W. *Pa'bravo... yo soy candela, palo y piedra. Los quibdoseños*. In VALDÉS, T. & OLAVARRÍA, J. (Eds.) Masculinidad/es: Poder y crisis. Santiago: Isis Internacional / FLACSO Chile / Ediciones de las Mujeres n.24, Junio 1997.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO/RHR/01.08 2001. Sexual relations among young people in developing countries. Evidence from WHO case studies. Disponível em <[http://www.who.int/reproductive-health/adolescent/publications/RHR\\_01\\_8\\_Sexual\\_relations\\_among\\_young\\_people\\_in\\_developing\\_countries.html](http://www.who.int/reproductive-health/adolescent/publications/RHR_01_8_Sexual_relations_among_young_people_in_developing_countries.html)>. Acesso em: 10 dez. 2002.
- ZAMBRANO, Elizabeth Fetter. Trocando os Documentos: Um estudo antropológico da cirurgia de troca de sexo. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Orientadora Ceres Víctora, Porto Alegre, RS, 2003.
- ZEMPLÉNI, A. *Iniciación*. In BONTE, P. & IZARD, M. (Org.) Diccionario Akal de Etnología y Antropología. Madri, Espanha: Akal, 1996.